



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**TIAGO MOTA FERREIRA**

**O EVANGELHO DE TOMÉ E A CONSTRUÇÃO DE UM CRISTIANISMO  
ESQUECIDO**

**JOÃO PESSOA-PB**

**2021**

**TIAGO MOTA FERREIRA**

**O EVANGELHO DE TOMÉ E A CONSTRUÇÃO DE UM CRISTIANISMO  
ESQUECIDO**

Dissertação apresentada à banca de qualificação do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Orientador: Prof. Dra. Maria Lúcia A. Gnerre.

**JOÃO PESSOA-PB**

**2021**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

F383e Ferreira, Tiago Mota.

Evangelho de Tomé e a construção de um Cristianismo esquecido / Tiago Mota Ferreira. - João Pessoa, 2021.  
115 f. : il.

Orientação: Maria Lúcia Abaurre Gnerre.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Cristianismo Primitivo. 2. Evangelho de Tomé. 3. Apócrifos. 4. Nag Hammadi. 5. Ciências das religiões.  
I. Gnerre, Maria Lúcia Abaurre. II. Título.

UFPB/BC

CDU 27-1(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

*EVANGELHO DE TOMÉ E A CONSTRUÇÃO DE UM CRISTIANISMO ESQUECIDO.*

*Tiago Mota Ferreira*

Tiago Mota Ferreira

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.

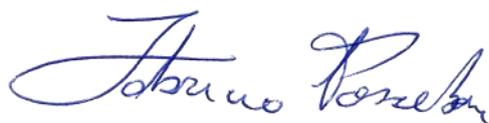


Maria Lúcia Abaurre Gnerre  
(orientadora)

*Aíla Luzia Pinheiro de Andrade*  
Aíla Luzia Pinheiro de Andrade  
(membro-externo/UNICAP)



Fernanda Lemos  
(membro-interno)



Fabrício Possebon  
(membro-interno)

Aprovada em 13 de dezembro de 2021.

“Eis as palavras secretas que Jesus, o Vivo, disse e que Didimo Judas Tomé, escreveu” (GAMITO, 2020).

## AGRADECIMENTOS

O conhecimento é uma construção de pensamentos que eleva o ser humano a alcançar voos muito mais altos para existência. Por este motivo, quero primeiramente agradecer ao Arquiteto do mundo que me concedeu a sabedoria para que eu pudesse galgar e trilhar nesta caminhada concluindo, assim, mais um ciclo da minha vida.

Agradeço também a minha mãe, Maria José Mota, que é uma das minhas grandes incentivadoras e inspirações. A Karollyne Kallyn que esteve sempre comigo nesse processo acadêmico sempre me ouvindo e incentivando e me apoiando com seu amor. Aos meus filhos, Arthur, Pedro, Isabel, Ranara e Raquel, a minha neta Maria Clara.

Como não poderia deixar de ser, quero agradecer a UFPB - Universidade Federal da Paraíba e a minha orientadora, Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Abaurre Gnerre, que desde o início da graduação e agora na pós-graduação tem me apoiado muito.

Existem amigos que são mais que simplesmente amigos. Gostaria de poder citar todos, entretanto, venho fazer uma homenagem e gostaria que todos os demais se sentissem representados por estes nomes. Jefferson Andrade, figura emblemática, que no início do curso me levava de ônibus para a faculdade e voltava. Isto não tem preço. A você, meu muito obrigado.

Ao longo da nossa trajetória, conhecemos pessoas inomináveis no sentido de não temos adjetivos para estas pessoas. A universidade me proporcionou a conhecer essas pessoas são elas: Ângela Albuquerque, Alberlene Baracho, Maura Cardoso e Felipe Moura de Lima, a vocês, meu muito obrigado por tudo. Palavras seriam insuficientes para agradecê-los, porque vocês são meus amigos fora e dentro do ambiente acadêmico. Da mesma forma, quero estender a minha fala para Márcia e Marta Emísia, que mesmo distantes nunca deixaram de me apoiarem e me incentivarem. Fátima Lima, meu muito obrigado por sempre me ajudar também. E como tudo tem um início, gostaria de agradecer as minhas eternas professoras: Fátima Rolin e Denise dos Santos, sem os ensinamentos de vocês e sua dedicação para comigo nada disso seria possível.

O meu sonho está se tornando realidade e isto só está sendo possível devido a todas estas pessoas citadas aqui e também as não citadas, que não é porque seus nomes não estão aqui deixam de ser mais importantes, meu muito obrigado a todos.



**LISTA DE FIGURAS**

- Figura 01** – Extrato do Evangelho de Tomé. Disponível no site: The Gnostic Society Library. Acesso em 12 out. 2021.....60
- Figura 02** – Extrato do Evangelho de Tomé. Disponível no site: The Gnostic Society Library. Acesso em 12 out. 2021.....82
- Figura 03** – Extrato do Evangelho de Tomé. Disponível no site: The Gnostic Society Library. Acesso em 12 out. 2021.....83
- Figura 04** – Extrato do Evangelho de Tomé. Disponível no site: The Gnostic Society Library. Acesso em 12 out. 2021.....91

## RESUMO

Este trabalho propôs examinar o Evangelho de Tomé e a construção de um Cristianismo esquecido. A pesquisa teve como **objeto** de investigação o fragmento do Evangelho de Tomé (séculos I–II) e como **objetivo** compreender o manuscrito do Evangelho de Tomé no século II para o Cristianismo Primitivo. O **aporte teórico-metodológico** que conduziu essa investigação está fundamentado na perspectiva da História Cultural das Religiões interdisciplinar às Ciências da Religião, partindo de uma investigação na literatura extra canônica. A **problemática central** dessa investigação concerne sobre quais são os fatores determinantes para a exclusão do quinto Evangelho de Tomé do Cânon Nicênico. Utilizou-se como suporte teórico autores como Robinson (2014), Pagels (2006), Crossan (2004) e Layton (2002). A **metodologia** da pesquisa está inserida na abordagem qualitativa, com uma análise contextual dos textos do Cristianismo Primitivo, do Evangelho de Tomé e apócrifos, juntamente ao procedimento técnico de pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo. Dessa forma, no primeiro capítulo, abordamos a construção do Cânon de Nicéia; no segundo capítulo, trabalhamos o Evangelho de Tomé em sua forma discursiva; e no terceiro e último capítulos, as conexões do cristianismo primitivo com fragmentos do Evangelho de Tomé de modo. A pesquisa trouxe à tona essa eclosão de uma face do Cristianismo Primitivo pouco conhecida, possibilitando à investigação dessa temática sem a construção de dogmas existentes, assim como, demonstrando um leque de diversidades que se tem dentro da Religião Cristã e as múltiplas faces do Cristianismo.

**Palavras chave:** Cristianismo Primitivo; Evangelho de Tomé; Apócrifos; Nag Hammadi, Ciências das Religiões.

## ABSTRACT

This work proposed to examine the Gospel of Thomas and the building of a Forgotten Christianity. This research had as an object of investigation the fragment of the Gospel of Thomas (centuries I-II) and as an aim to understand the Gospel manuscript of Thomas in the II century to the Primitive Christianity. The theoretical and methodological contributions which conducted this research is based on the perspective of Cultural History of the Religions interdisciplinary to the Religion Sciences, given that this research in the literature extra canonic. The central problem of this research is intended about what are the decisive factors to the exclusion of the fifth Gospel of Thomas of the *Nicaea* Canon. It was used as theoretical support the authors as Robinson (2014), Pagels (2006), Crossan (2004), and Layton (2002). The methodology of this research is embedded in the qualitative approach, with a contextual analysis of the texts of the Primitive Christianity, of the Gospel of Thomas and apocryphal, together to the technical procedure of the bibliographic research, and descriptive content. In this way, in the first chapter we approached the building of the canon of *Nicaea*; In the second chapter, we worked with the Gospel of Thomas in its discursive form; and The third and last chapter, the connections of the primitive Christianity with fragments of the Gospel of Thomas. This research brought to light this onset of a Primitive Christianity side less known, allowing the investigation of this theme without the building of dogmas available, as well as, showing a wide variety of diversities within the Christian Religion and the multiples sides of the Christianity.

**Key-words:** Primitive Christianity, Gospel of Thomas; Apocryphal; Nag Hammadi, Religion Sciences.

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>04</b>  |
| <b>1 A CONSTRUÇÃO DO CÂNON DE NICÉIA.....</b>   | <b>16</b>  |
| 1.1 CRISTIANISMO PRIMITIVO.....   | 18         |
| 1.2 CONCÍLIO DE NICÉIA.....   | 26         |
| 1.3 A DOCTRINA ARIANA .....   | 28         |
| 1.4 O CREDO NICENO.....   | 32         |
| 1.5 OS PROBLEMAS E QUESTIONAMENTOS DEPOIS DE NICÉIA .....   | 36         |
| <b>2 INVESTIGAR O EVANGELHO DE TOMÉ EM SUA DIMENSÃO DISCURSIVA NA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO.....</b> | <b>47</b>  |
| 2.1 CRISTIANISMO PRIMITIVO.....   | 51         |
| 2.2 A DESCOBERTA DE NAG HAMMADI.....  | 54         |
| 2.3 OS APÓCRIFOS E A IMPORTÂNCIA PARA O CRISTIANISMO.....   | 57         |
| 2.4 FRAGMENTO COPTA DO EVANGELHO DE TOMÉ.....   | 61         |
| 2.5 O CÂNON BÍBLICO .....   | 64         |
| 2.6 A EXPANSÃO DO EVANGELHO DE TOMÉ.....  | 72         |
| <b>3 AS CONEXÕES DO CRISTIANISMO PRIMITIVO COM FRAGMENTOS DO EVANGELHO DE TOMÉ.....</b>                       | <b>77</b>  |
| 3.1 CONFLITOS ENTRE EVANGELHOS .....  | 79         |
| 3.2 FRAGMENTOS DO EVANGELHO DE TOMÉ E O ASPECTO DIFERENTE DESSE MANUSCRITO.....                               | 83         |
| 3.3 TRANSFERÊNCIA DE PODER .....  | 86         |
| 3.4 A FORÇA DAS LIDERANÇAS ECLESIAÍSTICAS .....   | 88         |
| 3.5 UM COMPÊNDIO SAPIENCIAL.....  | 90         |
| 3.6 O NASCIMENTO DE UM MOVIMENTO .....  | 94         |
| 3.7 QUEM ERA JESUS? .....   | 97         |
| 3.8 A FAMÍLIA DE JESUS.....   | 99         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>109</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>114</b> |

## INTRODUÇÃO

Em detrimento a tudo que está acontecendo no mundo não podemos ficar alheios ao que está acontecendo no mundo. Estamos vivendo uma crise com consequências mundiais, das quais vidas têm se perdido a cada dia, sempre mais e mais. Nunca pensamos viver para ver isto, é uma situação apocalíptica.

Pessoas vivendo isoladas tendo que usar máscaras, passar álcool em gel, manter distanciamento social, perdemos o contato físico do dia a dia, o qual nos parecia tão corriqueiro, que não dávamos a mínima importância e hoje estamos percebendo que são as pequenas ações que fazem toda diferença como um abraço, andar lado a lado de mãos dadas dentre tantas outras situações que nunca pensávamos passar.

A pandemia do Covid-19 veio como uma onda e devastou milhares de famílias ao redor do mundo, e isso, também requer uma reflexão das nossas vidas em que um simples gesto de carinho nos faz toda falta atualmente. Muito se fala em um novo normal, mas que normal seria esse? Bem, tenho certeza que muitos iram querer responder essa pergunta em futuras pesquisas.

Uma doença com proporções inimagináveis, que não atingiu apenas uma classe social, mas a todas. O que podemos também observar neste momento é que o ser humano, quando quer, sabe ser solidário para com seu próximo e isto é muito importante. É primoroso observar as pessoas fazendo uma corrente do bem para poder lidar com tal devastação causada por um vírus, que já acometeu milhões de pessoas ao redor do mundo.

Temos que refletir em meio a todo esse caos para ter a consciência de que não somos autossuficientes, que sempre estamos na eminência de precisamos uns dos outros. Em momentos como estes de pandemia é que observamos como somos frágeis e que devemos aproveitar a vida, dando valor às pequenas ações, que nesses últimos tempos tornou-se tão essencial. Não vamos esperar sermos acometidos por algo desse tipo para podermos valorizar o que realmente importa.

Quantas pessoas estão imersas em dores terríveis porque perderam, familiares, amigos, pessoas que não tínhamos tanto contato assim, mas simplesmente passávamos e cumprimentávamos e que hoje não se encontram mais entre nós.

No entanto, nem tudo é desesperança, temos em combate na linha de frente dessa pandemia pessoas dispostas a darem suas vidas, como já aconteceu para conter esse vírus, são eles, os profissionais da saúde que merecem nossos aplausos e respeito, por tudo que vêm passando, deixando suas famílias por amor a sua profissão e ao próximo, esses sim merecem nosso respeito e nosso muito obrigado.

Todo esse processo pandêmico reflete em nossa pesquisa, pois deixamos de ter os encontros presenciais e passamos a viver esse “novo normal”, em que, aquele que não sabia operar com a tecnologia, teve que aprender. Nós que precisamos nos locomover de ônibus não foi fácil e sem contar com a questão da dificuldade de locomoção porque precisamos usar cadeira de rodas para chegarmos à faculdade. Muitas vezes pensamos em desistir, não por conta da pandemia ou qualquer outra doença, mas sim as dificuldades do dia a dia.

O que nos manteve firmes foi a vontade de ter algo que jamais ninguém nunca irá tirar de nós, o conhecimento. Assim, como o Evangelho de Tomé busca trazer o conhecimento mediante seus ditos sapienciais, também queremos trazer a público a dificuldade que uma pessoa com limitações em sua mobilidade física tem para alcançar seus objetivos. O que pedimos é que olhem para as pessoas com deficiência não como se nos prestássemos um favor, queremos que olhem para nós e vejam que não queremos nada além do respeito, pois a incapacidade não está em fazer nada para mudar a situação. A incapacidade está nas pessoas que pensam que não temos capacidade alguma. Esse não foi nosso caso, enquanto mais falavam que não podíamos, aí sim que demonstramos o contrário.

As orientações começaram a ser de forma remota, e assim vamos seguindo até que possamos voltar novamente a ter o convívio social normalizado, é algo que iremos conseguir gradativamente com a ciência fazendo o seu papel com uma vacina que possa reestabelecer a ordem para que possamos viver normalmente de novo. Que possamos valorizar mais as relações de amizade, de estar mais próximos, para que possamos sentir novamente como é bom estamos todos juntos para poder compartilharmos o conhecimento, e estabelecer algo que se perdeu com a correria do dia a dia, ter tempo para desfrutamos o que mais importa, a família.

Para iniciar nossas considerações, vamos inicialmente focar nosso olhar sobre uma coleção de textos e manuscritos apócrifos, composto por um conjunto de 12 códices e mais um 13º com algumas páginas, num total de 52 tratados, localizados na cidade de Nag Hammadi, no Alto Egito (1945), encontrados por pastores beduínos. Esses manuscritos logo despertariam interesses à comunidade acadêmica. Dentre esses manuscritos apócrifos, o Evangelho de Tomé fora o mais investigado pelos estudiosos aqui retratados. O texto contém ditos sapienciais atribuídos a Jesus, e faz parte da Biblioteca Copta de Nag Hammadi, ao lado de outras coleções de textos datados em sua maioria do século II em diante. O tema da nossa pesquisa versa sobre a correlação entre o fragmento do Evangelho de Tomé com contexto do Cristianismo Primitivo do século I. Em nossa pesquisa, buscaremos, sobretudo, estabelecer as

conexões entre o Evangelho de Tomé com esse período da história, que durante séculos teria ficado “adormecida”.

Com o passar do tempo, manuscritos apócrifos vêm recebendo cada vez mais estudos específicos que procuram esclarecer ou até mesmo acrescentar novos capítulos na história do primeiro cristianismo e de seu principal protagonista: o Jesus histórico, uma vez que o Evangelho de Tomé pode ir além daquilo que conhecemos em relação aos sinóticos, constituindo-se em importante fonte de pesquisa dentro da tradição cristã. Nesse sentido, o Evangelho de Tomé pode fornecer uma nova perspectiva para um cristianismo diferente ao qual estamos acostumados.

Nosso interesse por este assunto começa ao participarmos da disciplina Leituras de Textos Sagrados da Tradição Oriental, ministrada como parte das disciplinas obrigatórias para o bacharelado em Ciências das Religiões, e deparamo-nos com as descobertas relativamente recentes de manuscritos do oriente médio, em grande parte da tradição cristã.

Ao nos depararmos com as descobertas de Nag Hammadi em 2014, na apresentação de um seminário da disciplina já citada acima, começamos a pensar que poderíamos fazer um trabalho de conclusão de curso (TCC) baseado no texto da apresentação, que foi o Evangelho de Tomé. A partir daí, pensamos ter uma visão de maior abrangência sobre as descobertas na cidade de Nag Hammadi.

A visão histórica desses manuscritos é algo que traz uma reviravolta no entendimento e compreensão sobre a época do Cristianismo Primitivo, podendo-se dessa forma estabelecer ligações em relação a um tempo que parecia esquecido ao longo da história. A suscitação dos textos de Nag Hammadi demonstra que existem muitas perguntas que podem e devem ser elucidadas.

O tempo passa, e no ano de 2018, apresentamos o trabalho de conclusão de curso, o (TCC). A partir desse momento, o Evangelho de Tomé torna-se algo constante como objeto de pesquisa e sempre procuramos direcionar o nosso foco para este texto apócrifo. Quando fizemos a seleção para o Mestrado em 2019, do Programa de Pós Graduação em Ciências das Religiões o PPGCR – UFPB, entendemos que era uma oportunidade de darmos continuidade a esta pesquisa do Evangelho de Tomé de forma mais aprofundada em nível de Mestrado, e compreendermos um pouco melhor sobre este texto que nos remete aos primórdios da construção daquela que seria uma das religiões mais investigadas, o Cristianismo.

Os textos de Nag Hammadi que falam bastante como este do Evangelho de Tomé, trazem suas sapiências em relação aos ditos de Jesus, demonstrando assim a figura humanizada do protagonista do Cristianismo.

As três grandes tradições monoteístas têm como base seus Livros Sagrados. No judaísmo, encontramos a Torá; no Islamismo, temos o Alcorão; e no Cristianismo, a Bíblia Sagrada. Todas estas religiões seguem suas tradições mediante seus Escritos Sagrados, e nada que não esteja em consonância com sua tradição não é aceita.

Para essas religiões monoteístas, seus Livros Sagrados são legitimados contendo neles os ensinamentos da sua divindade onde são inquestionáveis, e, por muito tempo, fomos condicionados a pensar desta mesma forma. No entanto, o tempo passa e, no contexto da academia, somos impulsionados a buscar respostas para perguntas que, muitas vezes, essas tradições não têm, e quando não se tem resposta para determinados questionamentos, temos que nos contentar apenas com lacunas existentes na história da religião cristã.

Diante dessa perspectiva misteriosa, somos envoltos a acreditar cegamente em uma mística que certas perguntas não têm explicação ou algo desta natureza. Mas quando isto ocorre, queremos investigar o porquê de não termos respostas que satisfaçam o nosso intelecto e somos impulsionados a investigar na história do Cristianismo Primitivo o porquê da não existência das respostas para nossas perguntas. Contudo, temos a Biblioteca de Nag Hammadi que, com seus textos, explicitam uma visão de uma época do Cristianismo que não conhecíamos.

Na história do Cristianismo Primitivo existem várias camadas em que cada uma faz parte das imensas conexões existentes entre passado, presente e futuro. Analisar todas elas nos parecem uma pesquisa para tese de Doutorado, pois existem muitas situações a serem estudadas, e uma dissertação não daria conta, devido às dimensões históricas do Cristianismo Primitivo. Falar sobre um único Cristianismo, neste contexto, também não poderíamos porque, em origens, essa tradição não é algo singular, mais sim pluralizado.

Partindo dessa premissa de vários Cristianismos, achamos por bem fazermos um recorte, tendo como ponto de partida os séculos I ao IV. Esse é um período da nossa história que tem muito a acrescentar ao longo da nossa pesquisa e contribuir, desta maneira, para o entendimento do Cristianismo Primitivo.

A origem do Cristianismo sempre é algo que aguça nosso imaginário, existindo séculos que ficaram marcados por grandes descobertas, que marcaram a identidade daquele período. Foi assim com a descoberta de Nag Hammadi que nos proporcionou uma visão mais ampla de um tempo em que as cartas ou livros circulavam livremente entre as pessoas.

Assim, nosso objeto geral desta pesquisa sobre o Evangelho de Tomé e suas relações com o Cristianismo Primitivo é justamente compreender qual ou quais os significados do Evangelho de Tomé para o Cristianismo Primitivo. Não podemos deixar de notar que a

descoberta de Nag Hammadi trouxe novas perspectivas a uma história ou roteiro que pensávamos está já bem definido em relação à historicidade do Cristianismo.

A pesquisa está inserida na abordagem qualitativa histórico-descritiva e exploratória, sendo o procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, e se organiza da seguinte forma, buscando responder os objetivos específicos que foram anteriormente apresentados.

Essa pesquisa requer os seguintes **objetivos específicos**: 1) Descrever a construção do Cânon de Nicéia; 2) Investigar e comparar o Evangelho de Tomé em sua dimensão discursiva com a história do Cristianismo primitivo; e 3) Examinar as conexões do Cristianismo Primitivo com fragmentos do Evangelho de Tomé.

Dentro da nossa área de Ciências das Religiões já existem trabalhos bastante relevantes que demonstram a importância desse texto do Evangelho de Tomé para o nosso programa de graduação como também da Pós-Graduação. Um bom exemplo disto é o Trabalho de conclusão de curso (TCC – UFPB) de Nestor Figueiredo<sup>1</sup> intitulado **O Evangelho de Tomé: uma introdução histórico-descritiva**. (2017)

Ainda também do mesmo autor, temos um artigo denominado “O problema da compilação e surgimento dos códices de Nag Hammadi” (FIGUEIREDO, 2019), cujo foco da pesquisa é: “apresentar a discussão em torno de uma questão central acerca dos Códices de Nag Hammadi, que está diretamente relacionada a dois problemas fundamentais: quem teria compilados os manuscritos coptas e como este material chegou até nós, além de outros questionamentos daí derivados”.

Em nossa área de Ciência da Religião, em Juiz de Fora, temos o trabalho de Giuliano Martins Massi, intitulada **Cristianismo na Índia: Os cristãos de São Tomé, sua constituição, suas tradições e práticas religiosas**. (2016)

Temos também dentro da mesma temática nosso trabalho concluído no Bacharelado intitulado **O Evangelho de Tomé: um conhecimento inspirador sobre o olhar das Ciências das Religiões**. (2018)

Dentro dessa perspectiva sobre o Evangelho de Tomé, temos também outra dissertação que se transformou em livro de José Aristides da Silva Gamito, intitulado **O Evangelho de Tomé: A outra face de Jesus**. (2020)

Esse tema abrange várias áreas de ensino, entre elas a história, assim, encontramos uma tese de doutorado intitulada **Fazei isso em minha memória** (Lc 22:19), de Lair Amaro dos Santos Faria, para obtenção do título de doutor em história pela Universidade Federal do

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências das Religiões, Mestre em Letras e Bacharel em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Rio de Janeiro (2016): comparando memórias do Evangelhos sinóticos e do Evangelho de Tomé na busca do Jesus Histórico.

Conforme citamos acima, em nosso estado da arte, o tema em questão é objeto de várias pesquisas, porque mediante sua historicidade requer múltiplos olhares nas mais versadas áreas. O Evangelho de Tomé traz à tona o Jesus histórico, em sua figura Rabínica, o qual demonstra conhecer o seu tempo e as dificuldades existentes no século I, desassociando assim da figura do Salvador do mundo. Tomé traz ditos sapienciais que, segundo o texto do Evangelho, seriam ditos por Jesus. Este Evangelho de Tomé circulava em um tempo em que não tínhamos as restrições de textos que eram canônicos ou não. Podia-se ler sem ser taxado de herege.

Ao longo da história cristã, existiram vários processos de reestruturação no Cristianismo perpassando por alguns concílios, essas assembleias tinham como modelos o Sinédrio hebraico e o Senado romano que discutiam suas leis e como elas iriam vigorar. Esse modelo foi a base para o Concílio de Nicéia em 325 d.C.

Todo esse processo do Concílio de Nicéia estrutura uma ideia de Cristianismo Primeiro que temos até os nossos dias. Mas com a Descoberta dos manuscritos apócrifos de Nag Hammadi, podemos ter uma visão ampliada dos Livros que circulavam no século I e o que se liam como literatura.

O Evangelho de Tomé traz consigo uma difícil compreensão, não sendo um texto fácil de interpretar. Por esta razão, a nossa pesquisa, assim como as demais, tem como um dos objetivos demonstrar que o Evangelho nos mostra similaridade com os Evangelhos Sinóticos, mas também suas diferenças, esta reflexão demonstram que o Evangelho de Tomé pode acrescentar relatos históricos para contribuir na história do Cristianismo.

O nascimento do Cristianismo é uma história que mexe não só com a figura central de Jesus, mas também, com a dos seus fiéis que sempre buscam uma melhor compreensão de tudo o que cerca a religião cristã, não apenas para entenderem a dogmática, mas são impulsionados a fazer releituras que possam tornar pleno seu entendimento. O surgimento da Biblioteca copta de Nag Hammadi demonstra bem esse interesse, não apenas da comunidade cristã, mas de outros públicos.

O que vimos até aqui é que a Biblioteca de Nag Hammadi é bastante relevante para o entendimento de fatos históricos e relevante para obtermos uma história um pouco mais próxima dos primórdios dos séculos I e II.

Pensando nessa ideia de valorização, temos que valorizar a historicidade de textos como os de Nag Hammadi, porque irão demonstrar, para futuras gerações de pesquisadores,

que existem não só as fontes de cunho sinóticas para estudarmos o Cristianismo Primitivo, as relações e conexões com esses manuscritos apócrifos demonstram os paralelos existentes entre essas duas fontes históricas.

Uma historicidade não quer se sobrepor a outra, mas sim, conciliar uma soma de conhecimentos que juntas devem remontar uma boa parte do Cristianismo, trazendo, dessa forma, coerência a essas relações históricas. As Ciências das Religiões nos dão um espaço para tratarmos de assuntos como estes da Biblioteca copta de Nag Hammadi, de maneira que venha se sobressair à visão mais abrangente da história.

Para estudarmos a figura de Jesus como o redentor das nações, temos a Teologia que é muito importante, porque foi através da mesma que o nosso programa teve início. Por motivos como este, entendermos que essas fontes históricas não podem se sobrepor, mesmo cada uma demonstrando suas particularidades.

Os manuscritos apócrifos de Nag Hammadi não têm por pretensão se tornar uma nova Escritura, mas sim, um compêndio de textos a partir dos quais possamos compreender a história não contada pela ortodoxia. Esses manuscritos apócrifos vêm dar voz à grande parcela da cristandade, cuja voz ficou abafada pela Igreja Oficial.

A coleção de textos apócrifos busca evidenciar os manuscritos que não obtiveram espaço com a ortodoxia, sendo assim impedidos de circular, pois eram tidos, a partir do século IV, como ofensa à religião do Império, o Cristianismo. A releitura desses manuscritos apócrifos retrata a dizimação de comunidades que liam determinadas cartas ou livros como este do Evangelho de Tomé e outros sem restrições, mas uma determinação após o Concílio de Nicéia ditada que livros extra canônicos não eram verdadeiros.

A partir dessa proibição imposta pelo Concílio de Nicéia, podemos dizer que tivemos um genocídio literário dos textos apócrifos, que a cada século perdiam forças e caíam no ostracismo. O Cristianismo Primitivo torna-se uma das grandes potências das religiões monoteístas e abrange o seu poderio imperial, no entanto, o ressurgimento da Biblioteca copta de Nag Hammadi traz essa parte da história que, até pouco tempo, nem todos tinham conhecimento.

A Biblioteca de Nag Hammadi não ressurgiu com a prepotência ou arrogância de tomar o lugar do Cristianismo ou de impor novas doutrinas, mas sim, como uma forma de resgate para esses manuscritos como este do Evangelho de Tomé, que pode agregar conhecimento a uma história milenar, e ajudarmos ainda mais a conhecermos o seu grande protagonista, o Jesus histórico.

O Cristianismo Primitivo perpassa não apenas por estes manuscritos, mas também por algo que, com o passar do tempo, ficou bastante estigmatizado de uma forma negativa. Estamos nos referindo às seitas que, ao passar dois anos, trouxe consigo essa carga de pejorativa e até mesmo de algo que causa repúdio ao lermos o seu nome, seita<sup>2</sup>. Mas, afinal, o que seria? O que causa tanto desprezo a ponto de associarem este nome com coisas que não devem ser investigadas por que são malignas.

Ao longo da nossa história, apareceram muitas seitas, mas podemos destacar uma delas como sendo a que recebeu mais destaque: os essênios, um grupo de pessoas que foram conviver no deserto, logo após pensarem que os sacerdotes judeus não estavam cumprindo de maneira adequada a Lei de Moisés.

O Cristianismo Primitivo traz consigo várias circunstâncias que o fizeram ao longo dos anos torna-se uma religião consolidada. Dentre essas consolidações estão os Concílios de Nicéia em 325 d.C e Calcedônia no ano 451. Nossa dissertação dará maior ênfase ao Concílio de Nicéia, uma vez que ele trata das questões que queremos suscitar. Em sua obra *Os Evangelhos Sinóticos*, Benito Marconcini infere sobre o significado da palavra Evangelho<sup>3</sup>, frisando que “na sua origem, a palavra evangelho não se referia aos quatro escritos, mas aos anúncios proclamados oralmente”. (2012, p. 5)

O Cânon das Escrituras remonta a história da religião cristã e demonstra quais livros são inspirados por Deus. O debate que encontraremos no Concílio de Nicéia é a relação a respeito de quais livros poderiam entrar ou não.

Segundo F.F. Bruce em seu livro *O Cânon das Escrituras*:

Quando falamos do cânon das Escrituras, a palavra ‘cânon’ tem um significado simples: é a lista de livros contidos nas Escrituras, os livros reconhecidos como dignos de serem incluídos entre os escritos sagrados de uma comunidade de adoradores. Num contexto cristão, poderíamos definir a palavra como ‘a lista dos escritos reconhecidos pela igreja como documentos de revelação divina’. (BRUCE, 2011, p.17)

A história dos concílios tem uma base fundamental para igreja, onde foram tomadas grandes decisões que ressoam em toda comunidade cristã. Esses concílios determinaram um estilo de fé para seus fiéis. Os dogmas que conhecemos hoje em dia saíram dessas reuniões conciliares.

Giuseppe Alberigo, em sua obra *História Dos concílios Ecumênicos*:

<sup>2</sup> Os termos “seita” e “culto” representam uma ruptura, uma separação diante das crenças, práticas e instituições religiosas. Cf. GUERRIERO, 2006, p.28.

<sup>3</sup> “Evangelho” (do grego *euaggélion* = boa notícia) Cf. MARCONCINI 2012, p.5

Em sua variedade e disparidade, os concílios têm em comum o fato de serem um evento (às vezes significativo, outras insípido) complexo e flexível, no qual estão presentes forças e correntes diversas, cujas decisões exprimem o grau de consciência histórica e de coerência evangélica da Igreja (ou de uma parte da Igreja) numa determinada época. (ALBERIGO, 2015, p.8)

O Cristianismo é uma religião que trata das coisas mediante a ortodoxia, e a legitimação dos seus textos, é requisito para discussão, uma vez que nada fuja da pauta dos Evangelhos Sinóticos é aceito. Segundo Bruce L. Shelley, em seu livro *História do Cristianismo*, “Teologia vem de duas palavras gregas: *theos*, que significa Deus, e *logos*, que significa palavra ou pensamento racional. Portanto, teologia é o pensamento racional sobre Deus.” (SHELLEY, 2018, p.63)

O Evangelho de Tomé é uma fonte histórica do Cristianismo Primitivo, que, através da Biblioteca Copta de Nag Hammadi, obtivemos o conhecimento de suas sentenças ou ditos que são sapiências atribuídas ao seu grande protagonista. O Evangelho de Tomé vem para dialogar com os Evangelhos Sinóticos e, dessa maneira, ajudar a compreender melhor o Cristianismo.

De acordo com Jean – Yves Leloup, em seu Livro *O Evangelho de Tomé*:

Este “Evangelho de Tomé” não contém uma história de Jesus e não existe uma única narração de milagres. Trata-se de uma coleção de 114 logia ou “palavras originais” atribuídas ao Mestre, Manso, o Vivente. Estas palavras teriam sido recolhidas por Dídimos Judas Tomé, seu gêmeo? Seu alter ego? (*Dídymos*: gêmeo, em grego.) (LELOUP, 2017, p.7)

O texto do Evangelho de Tomé norteia a mente de muitos estudiosos que buscam a compreensão das suas sentenças ou ditos. Ele demonstra que pode contribuir para o Cristianismo Primitivo. Desde sua descoberta, em Nag Hammadi, historiadores, teólogos e outros ramos da ciência querem saber mais sobre ele.

Elaine Pagels, em seu livro *Além de toda crença*:

Jesus disse: Se manifestardes aquilo que tendes dentro de vós, aquilo que tendes dentro de vós vos salvará. Se não manifestardes aquilo que tendes de vós, aquilo que não manifestardes vos destruirá. A força desta afirmação está em que não nos diz em que acreditar, mas nos desafia a descobrir o que está oculto dentro de nós mesmos. (PAGELS, 2004, P. 40)

Esses manuscritos apócrifos sempre trazem com eles um ar de mistério, trazendo consigo uma historicidade das narrativas históricas do Cristianismo, germinando o campo do conhecimento. Segundo Marvin, em sua obra *Mistérios Gnósticos*, “os heresiólogos cristãos discordavam veementemente dos gnósticos cristãos sobre questões de fé e da vida, como resultado

eles retrataram os crentes gnósticos como heréticos desprezíveis” (MEYER, 2005, p.12). O Evangelho de Tomé não é restrito apenas em uma determinada área como já mostramos em nossa pesquisa, Tomé versa em vários âmbitos, um dele é a Teologia que demonstra grande interesse neste manuscrito apócrifo, para que possa estabelecer conexões com o Primeiro Cristianismo.

Segundo John Dominic Crossan, em sua obra *O nascimento do Cristianismo*:

O segundo conjunto de paralelos é entre o Evangelho de Tomé, o Evangelho Q e o Evangelho de Marcos, mas observando a diferença entre o que os próprios Evangelhos de Tomé e Evangelho Q têm em comum – a saber, 37 unidades (Apêndice 3A) – e o que cada um tem de específico – a saber, 95 unidades (Apêndice 3B) e 64 unidades (Apêndice 3C), respectivamente. 30% (11 unidades de um total de 37) do que é comum ao Evangelho de Tomé e ao Evangelho Q tem paralelos em Marcos. 17% (16 unidades de um total de 95) do que é específico ao Evangelho de Tomé tem paralelos em Marcos. 19% (12 unidades de um total de 64) do que é específico ao Evangelho Q tem paralelos em Marcos. (CROSSAN, 2004, P. 292)

O que temos em nossas mãos, em uma Biblioteca copta muito complexa, capaz de reavivar um tempo cheio de nuances que faz com que esses manuscritos apócrifos sejam uma peça desse quebra cabeça, chamado Cristianismo Primitivo.

Segundo James M. Robinson, em seu livro *A Biblioteca de Nag Hammadi*:

A Biblioteca de Nag Hammadi apresenta uma postura do processo de cristianização quase que ocorrendo diante de nossos olhos. O tratamento filosófico não cristão, Eugnosto, O Bem-aventurado, está fragmentado de forma arbitrária em discursos separados, sendo colocados em seguida como as palavras de Jesus, em resposta às perguntas (onde muitas vezes não batem com as respostas) que os discípulos dirigiam a ele, durante a aparição na ressurreição. (ROBINSON, 201, P. 23)

Quando investigamos as sentenças ou ditos do Evangelho de Tomé o que logo nos salta aos olhos é que ele não traz uma narrativa de salvação junto com os milagres de Jesus, como os demais Evangelhos Sinóticos, mas sim, a figura de um homem que ia na Sinagoga todos os sábados, e como dito anteriormente conhecia as dificuldades do povo judeu. O Jesus que iremos encontrar no Evangelho de Tomé é semelhante a que iremos encontrar no livro de Lucas, um Rabino que tinha seus discípulos e os ensinava por toda galileia.

Segundo Bentley Layton, em seu livro *As escrituras Gnósticas*:

A moldura histórica é irrelevante o GTh, porque a Salvação que ele proclama não é o futuro reino de Deus na terra, a ser introduzido por um messias, mas antes o reconhecimento de nossa verdadeira natureza e

conhecimento de si mesmo, que leva imediato repouso e torna trivial a “morte” (i. é o reino das atividades humanas). (LAYTON, 2002, P. 445)

As conexões do Cristianismo Primitivo com fragmentos do Evangelho de Tomé são elementos que movem a nossa dissertação, para que esse texto venha ser melhor trabalhado não apenas em solo acadêmico, mas também que possa expandir para outras direções, que não fique restrito apenas às áreas das Ciências das Religiões e Teologia, que possa abranger como já vimos a história e as demais disciplinas.

A história do Cristianismo Primitivo perpassa também por questão de traduções, nas quais os textos sofreram alterações pelos escribas. Tal constatação já foi feita por pesquisadores, que os escritos denominados hoje sagrados tiveram muitos trechos rabiscados e também muito se perdeu devido a esses fatos.

Segundo Bart D. Ehman, em seu livro *O que Jesus Disse? O que Jesus não Disse?*

Tínhamos cópias desses escritos, feitas anos mais tarde. Além do mais, nenhuma das cópias era completamente exata, visto que os copistas que as produziram introduziram mudanças em algumas passagens, inadvertida ou intencionalmente. Todos os copistas o fizeram. Desse modo, em vez de realmente ter as palavras inspiradas dos autógrafos (isto é, os originais) da Bíblia, o que temos são cópias dos autógrafos repletas de erros. (EHMAN, 2015, p.15)

Elaine Pagels, de acordo com sua obra *Os Evangelhos Gnóstico:*

Durante quase 2 mil anos, a tradição cristã preservou e reverenciou os escritos ortodoxos que denunciavam os gnósticos enquanto reprimiam – e destruíam – os escritos gnósticos. Agora, pela primeira vez, certos textos descobertos em Nag Hammadi revelam o outro lado da moeda: como os gnósticos denunciavam os ortodoxos. O Segundo Tratado do Grande Seth critica o cristianismo ortodoxo, contrastando-o com a “verdadeira igreja” dos gnósticos. (PAGELS, 2006, p.116)

Por muitos anos, o Cristianismo Primitivo teve em evidência, mas quando olhamos para nossa sociedade, entendermos que as pessoas em nossos dias buscam uma melhor compreensão do século I da historicidade cristã, tendo em vista que essa religião, em seus primórdios, tem muitas situações a serem investigadas pelos pesquisadores, tanto acadêmicos e não acadêmicos. Esse percurso perpassa pelos textos que foram excluídos do cânon Bíblico.

Segundo Paulo Nogueira, em sua obra *Religião e Poder no Cristianismo Primitivo:*

Por trás desta ênfase no cristianismo do século I como comunidade de produção de textos, há também pressupostos dogmáticos de muitos exegetas e de suas escolas, afinal, é a partir desses mesmos textos que as comunidades

religiosas dos especialistas buscam derivar e fundamentar suas crenças e práticas. (NOGUEIRA, 2020, p.10)

Evidenciado pelo autor, temos a produção de textos existentes no século I. Essa produção nos conduz ao pensamento de que muitas literaturas circulavam naquela época. Essa diversidade de textos demonstra como as comunidades cristãs eram atuantes com seus textos, buscavam a compreensão de uma sabedoria que explicasse a razão da Criação.

Nossa pesquisa buscou contribuir para o PPGCR/UFPB dando uma melhor compreensão desses textos apócrifos como um todo, trazendo um “novo” olhar em relação ao manuscrito do Evangelho de Tomé, em que o mesmo remeteu a uma parcela do Cristianismo Primitivo. Desse modo, oferecemos uma pequena contribuição para que outros pesquisadores, da área das Ciências da Religião e Teologia, bem como de áreas afins, possam aprofundar esses fatos históricos do Cristianismo.

O **primeiro capítulo** “A construção do Cânon de Nicéia”, que descreverá sobre a construção do Cânon de Nicéia, veremos como se deu a sua estruturação e sua importância para o Cristianismo. Traremos os conceitos que ficaram marcados para a religião cristã. Os cristãos usam a palavra Evangelho para se referirem aos livros de Marcos, Mateus, Lucas e João.

O **segundo capítulo** irá investigar e comparar o Evangelho de Tomé em sua dimensão discursiva com a história do Cristianismo Primitivo e demonstrar os elos existentes entre os fragmentos de Tomé com os evangelhos sinóticos, apontar suas semelhanças, como também suas diferenças para a construção da religião cristã.

O **terceiro capítulo** examinará as conexões do Cristianismo Primitivo com fragmentos do Evangelho de Tomé e faremos conexões do Evangelho de Tomé com o Evangelho de João, ver as semelhanças e as diferenças entre os textos. A multiplicidade das faces do cristianismo o torna fascinante e intrigante. Ao estabelecer as conexões entre os dois evangelhos, podemos chegar à compreensão da exclusão deste Evangelho tomesino pelo Cânon Nicênico, sendo assim, marginalizado pela ortodoxia.

## 1 A CONSTRUÇÃO DO CÂNON DE NICÉIA

Pensar religião numa perspectiva histórica é estar pensando nas sociedades do passado e do presente, como elas se estruturaram e seguem uma formação organizacional até nossos dias. O estabelecimento de uma sociedade interfere em todos os âmbitos, principalmente no religioso que irá reger uma regulamentação de poder entre Estado e Religião.

Quando pensamos nesta questão organizacional em relação ao Cristianismo Primitivo, caímos inevitavelmente na sua origem e nas suas nuances, mediante todo um pensamento que foi estruturado para ter a obtenção da aptidão de uma determinada classe das primeiras comunidades cristãs. Religião e Estado sempre tiveram uma relação próxima e esta relação é bastante relevante para nossa investigação.

Segundo Earl E. Cairns, em sua obra *O Cristianismo Através dos Séculos*,

A Igreja enfrentou os problemas decorrentes de sua conciliação com o Estado sob Constantino e sua união com o Estado na época de Teodósio. Logo ela se viu dominada pelo Estado. Os imperadores romanos queriam uma doutrina unificada a fim de unificar o Estado e salvar a cultura greco-romana. (CAIRNS, 2008, p. 23)

A religião é algo que determina o funcionamento de uma sociedade, é a base de todo alicerce estrutural, seu escopo. E pensando nesta formulação de sociedade e religião, chegamos aos concílios que tiveram bastante importância e relevância para a história do Cristianismo Primitivo.

Nosso recorte histórico é do século IV, no qual iremos investigar a construção do Concílio de Nicéia e o impacto causado no cristianismo mediante essa estrutura micênica, e como esse processo influencia o Cristianismo até os nossos dias. O ressoar dos impactos das decisões tomadas por uma pequena cúpula influenciaria pensamento de toda uma cultura Cristã.

Por este motivo, torna-se de vital importância a exploração desta parte histórica do nosso tempo, não apenas para a Teologia, como também para a área das Ciências das Religiões, para que o possamos investigar não de um prisma religioso, mais sim com véis historiográfico, sabendo que num dado momento a pesquisa será levada para o campo não da fé. Esta dissertação não tem o intuito de discutir fé, mas para esclarecimento de alguns aspectos do Concílio de Nicéia. Por isso, é preciso mostrar como eram as crenças e como se pensavam alguns conceitos centrais da fé cristã naquele momento da história.

Queremos compreender, neste capítulo, a estruturação do Concílio de Nicéia para um melhor entendimento desse tempo que nos leva a ter ciência de como funcionava as relações de poder entre Estado e Religião, e, como esses elementos se relacionam com a consolidação da fé cristã. O Cristianismo Primitivo remonta uma enorme parte da nossa história, e nada melhor do que começarmos pelo Concílio de Nicéia.

A demanda por uma elucidação e consolidação de uma fé cristã passava por muitas pessoas, não era uma decisão unitária, mas sim coletiva. O próprio Imperador Constantino tinha consciência de que para o estabelecimento de uma ordem, tinha que ter o apoio de todos. Mas quem eram as pessoas que podiam fazer parte desses concílios?

Segundo Hubert Jedin<sup>4</sup>, em sua obra *Concílios Ecumênicos história e doutrina*,

Concílios Ecumênicos, de acordo as disposições do direito canônico em vigor (CIC, can. 222-229), são as assembleias dos bispos e de outros determinados detentores do poder jurisdicional. Estes, convocados pelo Papa e sob sua presidência., tomam decisões sobre assuntos relativos a fé cristã e à disciplina eclesiástica. (JEDIN, 1961 p.11)

O autor evidencia os participantes que podiam estar presentes nesta convocação, para debaterem sobre a fé cristã e suas diretrizes. O alto clero ajudava nas decisões referentes ao cristianismo. Quando o papado se reúne com a sua liderança é para trazer um direcionamento em relações a assuntos relevantes para a comunidade cristã.

As decisões sempre perpassam por esta cúpula sacerdotal, trazendo elucidações para a igreja daquilo que deve ou não deve ser seguido, estabelecendo normas dogmáticas para seus fiéis. Dessa forma, estabelece um domínio sobre os assuntos que vão reger todo um sistema dogmático.

O Cristianismo começa a ter uma padronização do seu poder, ou uma sistematização, quando acontecem em sua história os Concílios. Estes, por sua vez, historicamente responsáveis por conduzir a igreja até uma formulação da sua hierarquia e conduta, para erigir o estandarte do Cristianismo Primitivo. O resultado deste processo é a ascensão daquela que se tornaria uma das três grandes religiões monoteístas da história. Tudo irá começar quando o Imperador Constantino exerce o seu poder e toma a frente do Império Romano, conduzindo o Cristianismo à religião oficial do Império.

---

<sup>4</sup> Hubert Jedin foi um sacerdote católico, escritor e historiador alemão. Concentrou a maior parte de seus estudos na temática conciliarista. A sua obra mais famosa é a História da Igreja em dez volumes, editada em 1975. O uso da obra “Concílios Ecumênicos e Doutrinas” é de relevância para nossa pesquisa, devido a sua vivência como Sacerdote e sua historicidade.

## 1.1 CRISTIANISMO PRIMITIVO

O Cristianismo Primitivo é uma fonte em que devemos observar para compreender uma religião que inegavelmente tem a sua base enraizada no monoteísmo, assim como o Judaísmo que o antecede e o Islamismo que surgiram posteriormente. Essas três religiões têm a crença em um único Deus, mas iremos nos deter ao Cristianismo.

O sistema religioso cristão é sustentado por três sistemas, de acordo com Gerd Theissen, em sua obra *A religião dos primeiros cristãos* diz: “Sua especificação como linguagem cultural de sinais contém três traços: a religião possui caráter semiótico<sup>5</sup>, sistêmico<sup>6</sup> e cultural<sup>7</sup>.” (THEISSEN, 2009 p.13) Encontramos todos esses aspectos no Cristianismo, e o sistema cultural é de primordial importância para a implantação de um sistema religioso complexo como este. A religião consiste em um sistema. Esses três caracteres citados pelo autor formam a base espinhal do Cristianismo.

Ainda, segundo o mesmo autor Gerd Theissen, em seu livro *A religião dos primeiros cristãos*,

Em primeiro lugar, a religião é um fenômeno semiótico. Com isso, distinguimos – nos de outras definições de religião. Não afirmamos que ela é a experiência do sagrado. Não dizemos também que seja uma projeção humana. Dizemos: ela é um sistema objetivo de sinais. O que significa isso? O ser humano não pode existir em seu ambiente tal qual o encontra. Ele precisa modificá-lo. De um lado, ele faz isso mediante o trabalho e técnica e, de outro lado, mediante a interpretação. A compreensão do mundo dá – se por meio de um sistema de interpretação: pelo senso comum no dia a dia, pela ciência, cultura e religião em campos especializados da vida. (THEISSEN, 2009 p.14)

O cristianismo primitivo não tinha o alicerce que encontramos em nossos dias, as comunidades cristãs se reuniam entre si em suas casas, com temor de serem pegos, porque essas comunidades eram tidas como rebeldes e agitadoras por conta do seu Messias. Devido à propagação da mensagem de Jesus, os seus seguidores se precavam por conta das lideranças religiosas do seu tempo.

Segundo Bruce L. Shelley em seu livro *História do Cristianismo* (2018 p.32)

Os discípulos chamavam seu novo movimento de “O Caminho”, enfatizando a crença de que Jesus conduziria seus seguidores ao reino de Deus. Em pouco tempo, porém, a comunidade de Jerusalém passou a denominar-se por

---

<sup>5</sup> Que tem a capacidade de utilizar signos.

<sup>6</sup> Relativo a sistema ou a sistemática.

<sup>7</sup> Respeitante ao conjunto de conhecimentos, informações, saberes adquiridos e que ilustram (indivíduo, grupo social, sociedade), segundo uma perspectiva evolutiva.

um termo do Antigo Testamento que costumava ser utilizado para se referir à assembleia de Israel. O equivalente em grego era *ekklesia* (ou igreja em português) e significava uma reunião de pessoas, povo de Deus. (SHELLEY, 2018, p.32)

A perspectiva de um ambiente, onde todos procuravam destacar a importância que cada membro tinha para a manutenção da comunidade, conhecida como “O Caminho”, era um elemento motivador, fazendo assim com que os demais não desistissem de acreditar no seu propósito, que era de compartilhar suas convicções e ideias. Esse conjunto de ideias e convicções baseava-se centralmente na volta de um Messias.

As primeiras comunidades que depois vieram a ser conhecidas como cristãs, antes mesmo de serem designadas desta maneira eram tidas inicialmente como a comunidade denominada do nazareno. Tal denominação faz alusão a Jesus que nascera na cidade de Nazaré, de onde emerge o protagonista do Cristianismo.

Ainda segundo Bruce L. Shelley em sua obra *História do Cristianismo*,

O conselho judaico teve pouco descanso desde julgamento de Jesus, e ninguém sabia como interromper a propagação do movimento nazareno. O concelho já tinha dado várias ordens para que o incessante falatório sobre Jesus fosse interrompido, mas os nazarenos ficavam cada vez mais destemidos, chegando até mesmo a acusar o concelho de matar o Messias. (SHELLEY, 2018, p.28)

O centro da mensagem dos primeiros cristãos girava em torno de uma esperança dita por Jesus, que ele voltaria para trazer redenção a seu povo. Quando vamos investigar a história do cristianismo, entendemos que tudo está baseado nesta promessa. Mas, ao longo dos anos, os fiéis passaram por muitas privações, e essa promessa de um mundo vindouro foi se diluindo por conta dos martírios que alguns enfrentaram.

Aqueles que se designavam seguidores de “O Caminho” agora não tinham tanta certeza de que tudo o que eles sacrificaram e lutaram valera a pena, se realmente este era o caminho certo a seguir. Os seguidores de Jesus não tinham mais convicção, as dúvidas eclodiam em suas mentes, nada parecia fazer sentido. Enquanto Jesus estava com seus seguidores, tudo caminhava bem, mas de uma hora para outra, nada mais fazia sentido. O mundo voltara ao seu fluxo normal.

Os seguidores de Jesus passaram um bom tempo escondidos temerosos com o que poderiam acontecer com eles logo depois da sua morte, muitos ficaram amedrontados e quietos, as palavras de esperança que Jesus propagara agora ninguém ousara pronunciar, e assim foi por um bom tempo. Depois de um período de reclusão, os seguidores de Jesus

reúnem forças para propagarem a palavra daquele que eles acreditavam ser o messias prometido por Deus. O movimento que posteriormente viria a ser conhecido como cristianismo começa a ganhar forças depois do evento de Pentecostes, movimento este que se acredita ter sido encabeçado por Pedro, e a partir do qual alguns estudiosos vão afirmar que se inicia o cristianismo.

O Cristianismo Primitivo possui diversas camadas da sua história, uma delas é a historicidade da sua consolidação como sendo a religião oficial do Império Romano. Essa ascensão não ocorreu de maneira amigável. Esta história é retratada com muitas questões, tanto de cunho religioso e político, e toda essa construção do Cristianismo perpassa a partir do Concílio de Nicéia.

O cenário anterior ao Concílio de Nicéia começa mediante grandes questões políticas relacionadas a manter o poder, qual grupo ficaria consolidado com a afirmação de suas ideias relacionadas à religião Cristã. Este elemento era o que permeava as ideias das lideranças nos primeiros séculos. Constantino, logo que seu poder é afirmado no Ocidente, se depara com situações conflituosas.

Giuseppe Alberigo, em sua obra *História Dos Concílios Ecumênicos*,

Em abril de 313, a crise que atravessa a Igreja africana, por causa da contestada eleição de Ceciliano como bispo de Cartago, leva seus opositores, sequazes de Donato, a apelar ao imperador. Pede-se que este confie a disputa ao juízo de um tribunal imparcial, indicado pelos próprios donatistas como sendo um os bispos da Gália. (ALBERIGO, 2015, p.17)

Razões políticas começam a causar um longo entrave entre os aliados de Ceciliano e os donatistas a despeito sobre a argumentação de quem deveria ficar consolidado no poder. Donato faz o pedido ao imperador por outro tribunal como citado, mas ele consegue do imperador autorização para fazer um novo julgamento, no entanto, os donatistas perdem mais uma vez, e isso não deixa o imperador Constantino satisfeito.

Os donatistas também insatisfeitos com a decisão tomada numa primeira instância com o imperador, renovam o seu pedido a Constantino que, de pronto, aceitou convocando para um reexame da causa perdida pelos donatistas, de modo que é convocado um novo sínodo<sup>8</sup> para delegar sobre a questão discutida.

O tempo passa, e outros entraves vão surgindo, para que não tenhamos um estabelecimento da religião que vinha numa crescente ao longo do império romano, Constantino via uma oportunidade de ganhar a simpatia dos nativos que vinham aderindo a

---

<sup>8</sup> Assembleia periódica de bispos de todo o mundo presidida pelo papa, que se reúne para tratar de assuntos ou problemas concernentes à Igreja Universal.

essa religião. E tudo passa a ser dificultado por imensas disputas que tomariam proporções que afetariam o rumo do Cristianismo.

O grande estopim para que fosse instaurado o Concílio de Nicéia ocorre quando começou a se cogitar as ideias trinitárias de Orígenes<sup>9</sup>. Além de tais ideias, também existia a questão do arianismo<sup>10</sup> defendida por Ário. Ainda em sua obra *História Dos Concílios Ecumênicos*, Giuseppe Alberigo afirma: “As razões imediatas e as circunstâncias precisas do conflito que opõe o presbitério alexandrino ao seu bispo Alexandre (312 – 328) não são de fácil esclarecimento, pois muitos elementos da retaguarda teológica supostos até aqui pela pesquisa aparecem hoje menos seguros”. (ALBERIGO, 2015, p.18)

O Concílio de Nicéia tinha como maior objetivo do Imperador Constantino dar maior visibilidade à religião cristã, trazendo pacificação geral a essa nova composição da Igreja, que remetia a importante instituição de apoio do império romano. Outra iniciativa de Constantino ao instaurar o Concílio Nicênico era pôr fim ao conflito ariano.

A história também vai pontuar algo bastante significativo em relação à religião cristã, o fato de que suas perseguições se tornaram bastante intensificadas, sobretudo, daqueles que não tinham apreço pelas suas ideias e conceitos, por isso, as comunidades de cristãos não eram bem quistas, devido à crença pagã do mitraísmo, uma das correntes muito fortes neste período do século I a IV, quando se consolida a crença cristã.

De acordo com Bruce L Shelley em sua obra *História do Cristianismo*,

Então, de uma hora para outra, o idoso imperador mandou que seu exército exterminasse os cristãos. Éditos imperiais foram publicados ordenando seus oficiais a destruir igrejas, proibir o culto cristão e queimar as Escrituras. Os bispos eram presos em massa, encerados, torturados e, muitos deles, mortos, enquanto o poder do trono imperial estava totalmente voltado a aniquilar o restante da comunidade de forma sanguinária. (SHELLEY, 2018, p.113)

O autor está se referindo ao imperador Diocleciano que, apesar de ser pagão, tinha sua esposa Prisca e sua filha Valéria convertidas ao cristianismo. Portanto, não se sabe ao certo o que motivou o ódio do imperador por tal comunidade. Esses fatos ocorreram antes da ascensão de Constantino, no entanto, estamos trazendo uma explanação daquilo que era a religião cristã antes de ganhar o status de grande relevância na sociedade romana.

---

<sup>9</sup> Foi um dos escritores mais eruditos e políticos da igreja Primitiva.

<sup>10</sup> Doutrina de Ário 250-336, padre cristão de Alexandria (Egito), que afirmava ser Cristo a essência intermediária entre a divindade e a humanidade, negava-lhe o caráter divino e ainda desacreditava a Santíssima Trindade.

O cristianismo era uma comunidade em formação, onde seus adeptos não se encontravam abertamente como em nossos dias, e os encontros aconteciam de maneira secreta. Fica evidenciado, desta forma, que esta comunidade trazia uma “ameaça”. No entanto, essas pessoas que eram seguidoras não de um cristianismo (pois não existia tal nomenclatura, como já citado era “O Caminho”), tinham uma fé em seu Messias Jesus, e para essa comunidade isso bastava.

O Concílio de Nicéia ocorre por uma convocação do próprio imperador, alinhados a seus conselheiros políticos. O que veremos em nossa pesquisa e que a história também retrata é que Constantino faz uma manobra política para ser lembrado como o imperador que consolidou o Cristianismo.

Segundo Giuseppe Alberigo, em seu livro *História Dos Concílios Ecumênicos*,

A iniciativa do concílio foi, sem dúvida, do imperador, embora não seja de se excluir a influência dos seus conselheiros de política eclesiástica, entre os quais sabemos que se destacava Ósio de Córdoba. A presença do bispo espanhol ao lado de Constantino, ainda que tenha contribuído para se fazer ouvir a voz do Ocidente, de modo algum portava representação formal de Roma. (ALBERIGO, 2015, p.24)

De acordo com o que nos mostra a história, Constantino busca a consolidação do Cristianismo não porque ele tinha um apreço ou alguma estima pela comunidade cristã, mas o que fica evidenciado é que ele se vale de uma manobra política para trazer visibilidade ao império romano, já que o mesmo estava em derrocada religiosamente sem identidade.

Trazendo esta visibilidade a Roma, ele também estava agindo em benefício próprio, e conseguindo aliados para dar estabilidade ao seu governo. Podemos identificar o imperador como um bom estrategista lidando com situações que não era de todo fácil, mas prevalecendo a sua autoridade de imperador.

Para se fortalecer, Constantino se junta aos padres que formam uma cúpula para determinar como seria elaborado o Concílio de Nicéia, e os historiadores chegaram a um consenso de que o número de padres convocado pelo imperador foi de 318. Ainda de acordo com Giuseppe Alberigo, em seu livro *História Dos Concílios Ecumênicos*, “Inspirando-se nos 318 servidores de Abraão de Gn 14,14, a partir da segunda metade do séc. IV, o Concílio de Nicéia será comumente indicado como “concílio dos 318 padres” (Hilário de Poitiers, De syn. 86)”. (ALBERIGO, 2015, p.25)

O que fica evidenciado é que o imperador cria toda uma organização para dar início ao seu grande concílio, demarcando os seus aliados para que possam chegar a um denominador comum para o estabelecimento de uma nova ordem. Ao excluir, assim, as “heresias” de Ario, Constantino foi rápido para criar uma grande cúpula que estivesse de acordo com o que ele buscava, que era a obtenção do império romano através do cristianismo.

O credo de Nicéia tinha como uma das suas iniciativas confirmar a divindade de Jesus como sendo filho de Deus, e de retratar que Deus Pai não foi gerado, mas segundo a tradição cristã, é a emanção de tudo que existe. Outro propósito do Concílio de Nicéia foi harmonizar a igreja e consubstanciar uma assembleia que tivesse uma representatividade na cristandade, de modo a discutir as heresias que poderiam dividir a igreja.

A partir dessas decisões tomadas e estabelecidas pelo Concílio de Nicéia em (325), a Igreja passa agora a ter um status de religião oficial do Império Romano. Constantino é aclamado pelo povo, como sendo aquele que estabeleceu a ordem ao Cristianismo. Ele também sugere a criação de um Cânon das Escrituras para que os seus fiéis fossem direcionados por tais escritos, que ficariam conhecidos como aqueles “inspirados por Deus”.

Em diversas comunidades anteriores ao Concílio já circulavam cartas por comunidades que eram lidas livremente, e cada uma se regia por esses escritos. O Imperador, tomando conhecimento de tais escritos, trata de criar estratégias para conter a circulação desses livros, que segundo o Imperador não poderiam ser lidos por seus fiéis, desenvolvendo assim uma dogmática literária. No decorrer da nossa pesquisa, trabalharemos justamente esta questão de maneira a ser melhor entendida. Constantino, em conjunto de Padres e Bispos em Nicéia, analisa os compêndios de livros existentes e a disposição dessas autoridades eclesiásticas e forma um Cânon que deveria ser seguido pela comunidade cristã.

No entanto, antes de adentrarmos nesse universo do Canon Bíblico, faz-se necessário um passeio pelas três grandes civilizações da época. Roma, Grécia e Israel, todas elas trazem uma grande importância para a compreensão de todo um alicerce histórico bíblico, e o que as levou a exercerem um papel fundamental e precioso para termos o surgimento de uma cultura consolidada, em meio a essas três raízes da história.

Cada uma dessas culturas vai exercer um papel de qualificação dessa estrutura chamada Cristianismo. Elas contribuirão para o crescimento e propagação desse fenômeno religioso ao qual temos tanto interesse de compreender. E essas culturas as quais nos referimos servirão de base para sabermos quais elementos podemos encontrar nas ramificações do Cristianismo Primitivo.

Identifica-se em Roma um sistema político que foi crucial para o império romano, e já no século V antes de Cristo existia uma sistematização onde havia um *praetor peregrinus*, título que, na Antiga Roma, era atribuído pelo governador àquelas pessoas que exerciam mais de uma função oficial, como comandar um exército ou que assumia outra função antes dessa.

De fato, Roma tinha consciência de que era uma nação influenciadora com as suas atitudes, então, o que observamos em Roma é que ela era regida a partir de uma lei chamada consuetudinária, que surge de costumes de uma determinada sociedade, assim, mantinha-se a ordem para todos.

Essa lei era regida de acordo com as doze tábuas, que faziam parte de um essencial sistema na educação dos jovens romanos. Isso fazia com que os garotos crescessem já com a mentalidade de que deveriam ser cumpridores dessa lei. Ao perceberem semelhanças entre as suas tábuas e os dez mandamentos, os romanos se apropriaram da analogia entre as dozes tábuas, fazendo, dessa maneira, que se estabelecesse uma aceitação do Cristianismo pelos romanos.

Compreende-se também que, na história, uma civilização sempre competia uma com as outras, e não era diferente entre Roma e Grécia. Se Roma contribuiu para um cenário político, os gregos contribuíram com as suas filosofias. Vale lembrar que os gregos também contribuíram com a estrutura da lei de Roma! “Um trio de magistrados foi a Atenas estudar a legislação que vigorava naquela cidade, a fim de aprendê-la e elaborar um código de leis para os romanos”. O que podemos observar é que os gregos também contribuíram na parte política.

Segundo Earl E. Cairns, em sua obra *o Cristianismo através dos séculos*,

Embora importante a preparação para vinda de Cristo, a contribuição romana foi ofuscada pelo ambiente intelectual criado pela mente grega. A cidade de Roma pode ser identificada com o ambiente político do cristianismo, mas foi Atenas que ajudou a criar um ambiente intelectual propício à propagação do Evangelho. (CAIRNS, 2008, p.34)

Evidencia-se, assim, que a Grécia foi a estrutura intelectual do cristianismo, com os seus filósofos que mesmo sem saber, já falavam de uma existência superior, que atuava no mundo. Por estar razão, a sapiência dos gregos fez com que o cristianismo fosse bastante difundido nos seus primeiros anos, devido a Grécia ser a língua falada universalmente naquele momento.

Ressalta-se assim a importância da Grécia para o cristianismo, em meio a tudo isso. Os gregos também tiveram outra participação bastante relevante, a Grécia era tida como a língua universal do Evangelho. Apesar de boa parte ter sido escrito na língua hebraica, mas a

universalidade do Evangelho só aconteceu mediante a língua grega. Como não poderia deixar de ser, temos Israel como sendo a base fundadora das raízes da fé do Cristianismo Primitivo. Foi em Israel que aconteceu a solidificação das sinagogas para substituir, a princípio, o templo de Salomão que, para os judeus, era muito importante e com a sua inexistência as sinagogas exerceram essa função para os judeus se reunirem.

Segundo a história, logo após a queda de Israel nos anos 70, os israelitas estavam sem lugar para se reunirem, daí a criação das sinagogas, pois dessa forma o povo judeu teria um lugar para cultivar o seu único e venerado Deus, já que o templo de Salomão não mais existia. Na volta do povo do cativeiro babilônico, surge a ideia de se estabelecerem as sinagogas como o lugar de adoração.

Compreende-se que tudo veio favorecer ao cristianismo, que pegou alguns elementos e reformulou, com um intuito de melhorar a construção do cristianismo, como a filosofia dos gregos, a parte política dos romanos e o berço de onde surgiu Israel. Essas bases citadas acima foram de genuína ajuda para o crescimento e expansão da religião cristã, tendo em vista que todas essas outras culturas agregaram para solidificação do Cristianismo Primitivo.

Assim, aos poucos, o Cristianismo vai tomando forma para emergir como uma das religiões monoteístas que passa a demandar muito poder econômico, e saiu das sombras, uma vez que passou um tempo em que seus seguidores tinham que estar reunidos às escondidas para não serem pegos. Todo esse processo foi feito com muito trabalho e jogo político.

Existem indícios na história de que a própria conversão do Imperador Constantino tenha sido meramente uma manobra política, pois se acredita que ele incorporou muitos elementos do paganismo dentro da religião cristã, não deixando seus laços com o paganismo.

De acordo com Bruce L. Shelley em sua obra *História do Cristianismo*,

Alguns historiadores consideram a “conversão” de Constantino uma manobra puramente política, até porque muitas coisas do paganismo foram mantidas em sua vida: ele conspirou, assassinou e até mesmo reteve seu título de Pontifex Maximus, que indicava sua posição de líder culto religioso do Estado. (SHELLEY, 2018, p.114)

A partir desse momento da história, o Cristianismo Primitivo começa a ter força e o respeito das pessoas da sociedade romana, por mais que todos ainda tivessem desconfiança dessa nova religião que estava emergindo. Logo depois da sua ascensão, foram tomadas medidas que pudessem consolidar a posição do Cristianismo Primitivo.

Como já vimos até aqui, falamos um pouco do Cristianismo Primitivo e a importância do Concílio de Nicéia para sua estruturação, embora falamos de maneira introdutória sobre o

que foi o concílio. Agora iremos adentrar um pouco mais a fundo na história do Concílio de Nicéia e a sua importância para estabelecer credo Nicênico.

O Imperador Constantino ganha a simpatia de todos os cristãos ao estabelecer o Cristianismo como a Religião Oficial do Império Romano, no entanto, a religião cristã não tinha um modelo organizacional onde se decidia o que ficaria estabelecido como sendo a lei, para o povo. No início do surgimento dos seguidores de Jesus, o que se tinha era o concílio de Jerusalém que era presidido pelo apóstolo Tiago. Tomando como base esse concílio de Jerusalém, Constantino se inspira para estabelecer o Concílio de Nicéia, baseado como já citado acima nos concílios de Israel, como também nas reuniões de Roma. Ele toma como parâmetro esses dois movimentos para a criação do seu próprio Concílio.

## 1.2 CONCÍLIO DE NICÉIA

O Concílio de Nicéia veio para consolidar a afirmação de Constantino como sendo o libertador dos cristãos e determinar a legitimação da religião cristã como sendo a Religião Oficial do Império Romano, pondo fim, assim, às perseguições que outros imperadores tinham sobre a comunidade denominada de “O Caminho”<sup>11</sup>. Os seguidores de Jesus tiveram seus lugares de encontro queimados, como também seus escritos sagrados pelo Imperador Diocleciano como já citado acima.

Dentro desse movimento teológico, iremos encontrar inúmeras discussões ao passar dos anos, no entanto, a que iremos encontrar com mais força para o surgimento do Concílio de Nicéia é a controvérsia entre Alexandre e Ário e a grande questão teológica e de ordem doutrinária.

A grande discussão teológica que precedeu o Concílio de Nicéia foi a questão do Arianismo entre o bispo de Alexandria Alexandre e o presbítero Ário. Tudo isto teve início no Egito, a controvérsia originou-se sobre a divindade de Jesus. A discussão era se o filho foi gerado através da sua essência, sendo assim igual a Deus Pai, desta forma, vivendo eternamente, ou criado por Deus sendo inferior ao Pai?

Segundo Giuseppe Alberigo, em sua obra *História Dos Concílios Ecumênicos*,

Suas ideias estão ligadas a uma premissa fundamental, que é dada por Ário a partir da concepção da absoluta unidade e transcendência de Deus: só Deus é “princípio não-gerado” (*agénnetos arché*) e a essência da divindade não

---

<sup>11</sup> A justificação para o uso desse termo dar – se devido que antes do Imperador Constantino trazer o Cristianismo para ser a Religião oficial do império romano, os seguidores de Jesus eram conhecidos como os seguidores de “O Caminho”.

pode ser dividida e comunicada aos outros; aquilo que existe foi chamado ao ser a partir do nada. (ALBERIGO, 2015, p.20)

Aqui fica claro que o autor pontua bem a posição de Ário, ele acreditava que Deus não foi um ser criado. Contrário a Jesus, o arianismo acreditava que houve um tempo que o filho não existia, conseqüentemente depois é que foi gerado, e para sustentar a sua opinião, os arianos têm como base um texto do evangelho segundo João 14:28, em que Jesus diz que o Pai é maior que ele; temos também a carta aos Colossenses 1:15, em que o apóstolo Paulo afirma que Cristo é o primogênito de toda criação.

Apegados a esses dois textos, os arianos afirmam que o Cristo foi gerado e não existia desde a criação. E isto se torna um enorme ponto de partida para ser contestado por Alexandre, o bispo de Alexandria e seus seguidores.

Mas antes de adentrarmos neste assunto do arianismo, vamos tentar compreender como foi criada esta ideia ou em quem Ário se inspirou para chegar à questão do arianismo, pois nenhuma compreensão como a de Ário surge do nada. Uma das primeiras pessoas a levantar essa noção de um Cristo subordinado foi Orígenes. De acordo com Roque Frangiotti, em sua obra *História Das Heresias*: “O subordinacionismo afirma que só o Pai é rigorosamente Deus. Enquanto Verbo – Logos, submerso no tempo e na matéria, na qualidade de Filho, o Cristo é um “deus subordinado” ao Pai, um “segundo Deus” (Déutero Theós, Orígenes e Filon de Alexandria)”. (FRANGIOTTI, 1995, p.75)

Comprendemos que tudo se originou da questão da subordinação, apoiada por Orígenes, que era um escritor erudito e muito conceituado em sua época. Por esta razão, a ideia de Cristo ser subordinado ao Pai ganhou força e logo depois surgiu Ário, implementando esta discussão. Com este pensamento, Orígenes não deixa de defender a eternidade do Filho, no entanto, diz que ele é subordinado a Deus Pai.

E esse tipo de pensamento gerou imensa polêmica no que entendemos hoje como sendo os meios teológicos. Foi de grande repercussão, pois isto, para alguns, poderia ser entendido como uma blasfêmia. Essa é a introdução para explicar a doutrina cristológica de Ário. Assim, começa uma das grandes polêmicas do século III, que só vai ser resolvida no século IV a partir do Concílio de Nicéia.

O embate teológico, se é que podemos chamar assim, tem início durante uma reunião entre os bispos e presbíteros da Igreja de Alexandria, quando, em certa ocasião, o bispo Alexandre faz uma consideração sobre a trindade, e esse comentário irá gerar uma resposta de Ário, começando assim o longo e extenso debate teológico.

Segundo Roque Frangiotti, em seu livro *História Das Heresias*,

Em certa ocasião, reunidos seus presbíteros e clérigos, esboçou Alexandre uma consideração um tanto ousada sobre a Santíssima Trindade, aventurando-se numa explicação metafísica da Unidade na Trindade. Um dos presbíteros de sua diocese, de nome Ário, homem exercitado na dialética, entendeu que o bispo estava expondo as doutrinas de Sabélio, o líbio. Levado pelo gosto da controvérsia, esposou pareceres absolutamente opostos aos do líbio, refutando energeticamente os pontos de vista do bispo. ‘Se Deus Pai gerou o Filho, dizia, o que foi gerado teve um começo de existência, pois é evidente que houve (um tempo) quando o Filho não era. Daí conclui-se, necessariamente, que teve a existência a partir do não existente’. (FRANGIOTTI, 1995, p.86)

Mediante esta fala do autor, temos um ponto de partida para o grande embate teológico, que vai determinar uma enorme disputa entre o bispo Alexandre e o presbítero Ário, tendo assim início a inúmeras argumentações, tanto do lado ariano quanto dos alexandrinos. O fundamento desta afirmação do presbítero ocasionou uma reflexão aos pensadores da Igreja Primitiva.

### 1.3 A DOCTRINA ARIANA

Inicialmente, os bispos e presbíteros da igreja se reuniam sempre que podiam para discutirem assuntos relacionados a benesses para sua congregação. Em uma dessas reuniões, podemos perceber anteriormente que os ânimos ficaram um pouco tensos, pois nem todos os presentes aceitavam a arguição de Ário.

O que iremos encontrar na argumentação do presbítero Ário é que Deus é o *logos* e não foi gerado, diferente do Filho, já que o mesmo acredita que houve um tempo que Jesus não existia, por esta razão ele era inferior ao Pai, e todo esse processo gira em torno dessa afirmação, que faz com que Ário rompa com os paradigmas da Igreja.

Segundo Giuseppe Alberigo, em seu livro *História Dos Concílios Ecumênicos*,

Ai Ário rompia claramente com a doutrina origeniana da coeternidade do Filho com o Pai, porque isso implicava para ele dois princípios não-gerados, comprometendo pela raiz a noção mesma da unicidade de Deus. Assim, o Filho é diferente do Pai, mônada absolutamente transcendente, não só por força da sua hipótese, mas também quanto à sua própria natureza. (ALBERIGO, 2015 p.21)

Ao emitir tal declaração, Ário vai de encontro ao que pensava a igreja cristã, e mediante está afirmação a posição do presbítero fica insustentável dentro da igreja;

finalmente, o bispo Alexandre pede a sua condenação por volta do ano 320. Ário passa a ser exilado no Egito como punição por expor sua forma de pensar.

Ário não acreditava que Jesus estava no início de tudo com Deus Pai. No entanto, acreditava que Deus criara uma força anterior para poder gerar todas as coisas existentes, chamada Logos<sup>12</sup>, e essa “força foi quem ajudou Deus” a ordenar o caos. E com este pensamento, o presbítero sustentou suas argumentações.

Segundo Roque Frangiotti, em seu livro *História Das Heresias*,

O Logos é superior e anterior a todas as criaturas, mas não é eterno. É o primogênito de todas as criaturas, a mais excelente de todas, acima de todo o criado, mas não é igual a Deus. Se Jesus foi gerado quer dizer que houve um tempo, um instante ao menos em que não era, razão pela qual não pode ser coeterno nem consubstancial. Para ele, embora representando o sumo da humanidade, Jesus era somente uma criatura, receptáculo do Logos. (FRANGIOTTI, 1995 p.87)

Ário acreditava que Jesus era apenas um receptáculo do Logos, a força harmônica que faz a conexão de Deus com a humanidade. Para o presbítero, Jesus não existia desde a fundação do mundo.

O arianismo ganhou força a partir do momento que Ário tenta mostrar, dentro dos próprios escritos bíblicos, um respaldo para consolidar a sua tese, ele afirmava que: quando a igreja proclamava glória ao Pai, Filho e Espírito Santo, esta era uma forma de mostrar a inferioridade de Jesus diante do Deus Pai.

O diácono dessa forma estava declarando que Jesus não era tão importante para os planos de Deus. Ário foi advertido pelo seu bispo Alexandre para que o mesmo voltasse para os ensinamentos tradicionais da sua fé, mesmo assim, Ário estava convicto em suas crenças que ele se recusa a pensar de uma maneira tradicional.

Ainda de acordo com Roque Frangiotti, em seu livro *História Das Heresias*,

Advertido pelo seu bispo Alexandre, de Alexandria, a se uniformizar com o ensino tradicional, Ário se recusou e, agrupando em torno de si certo número de clérigos e leigos, através de cartas, apelou a muitos antigos alunos de Luciano de Antioquia, entre os quais Eusébio, bispo de Nicomédia. (FRANGIOTTI, 1995 p.88)

Evidencia-se que o presbítero, não tendo apoio do bispo alexandrino, foi buscar novos adeptos que compartilhassem da sua opinião, procurando assim os alunos de Luciano para que

---

<sup>12</sup> Para Heráclito de Éfeso (sV a.C.), conjunto harmônico de leis que comandam o universo, formando uma inteligência cósmica onipresente que se plenifica no pensamento humano.

pudesse ter uma identificação com eles. Por esta razão, Ário buscou uma pessoa de influência como o bispo de Nicomédia Eusébio.

Não tendo encontrado apoio no seu bispo, Alexandre foi em busca de novos horizontes, desta forma, Nicomédia era uma opção bastante conveniente para Ário, que se orgulhava de ter tido como professor Luciano e foi em busca do seu outro discípulo Eusébio, para procurar um apoio já que tinham tido o mesmo mestre.

Segundo Giuseppe Alberigo, em seu livro *História Dos Concílios Ecumênicos*,

Graças às amizades feitas durante o período de estudo em Antioquia, ele recorreu aos “colucianistas”, que haviam se tornado membros influentes do episcopado oriental, e a outros expoentes dele. Em particular, o grande historiador eclesiástico e personalidade de grande respeito, e sobretudo da parte do bispo da capital, Eusébio de Nicomédia. (ALBERIGO, 2015 p.21)

O presbítero Ário vai em busca de pessoas que o possam apoiá-lo, já que o seu bispo de Alexandria não acatara a sua ideia, entendendo que o mesmo deveria se retratar com a igreja e suas lideranças. O bispo Alexandre convocou um sínodo para que Ário se defendesse e expusesse suas opiniões perante os outros sacerdotes, os outros membros que faziam parte do sínodo não aceitaram as arguições de Ário e afirmaram que o *Logos* é a consubstancialidade do Pai. O presbítero mais uma vez perde ao defender suas crenças.

Ainda de acordo com o autor Roque Frangiotti<sup>13</sup>, em seu livro *História Das Heresias*,

Depois de ter admoestado em segredo, a Ário, sem nenhum sucesso, Alexandre, bispo de Alexandria, convocou o sínodo. Nele, Ário teve a oportunidade de expor suas ideias. Seus adversários não aceitaram seus argumentos e insistiram na eternidade e na consubstancialidade do Logos com o Pai. Alexandre, após ouvir os argumentos das partes, optou pela condenação de Ário, que, animado pelo grande número de adeptos, não lhe deu ouvidos. Os bispos Secundus, de Ptolemaida, e Tomás, de Marmácirica, que ficaram do lado de Ário, foram depostos. (FRANGIOTTI, 1995, p.89)

Como vemos aqui bem explicado pelo autor para endossar o exposto acima, percebe-se que Ário, por mais que não tenha convencido a todos com suas ideias referentes a consubstancialidade de Jesus, convenceu alguns bispos sobre a sua crença. Se é que podemos fazer um paralelo aqui com Ário e a Igreja entendemos este embate teológico como sendo uma retrospectiva da mitologia Cristã, onde Ário é o adversário que convenceu alguns bispos

---

<sup>13</sup> Possui doutorado em Teologia Sistemática - Université de Strasbourg Ii (Sciences Humaines) (1983). Atualmente é professor horista do Centro Universitário Unifai. Atuando principalmente no seguinte tema: teologia medieval - história. A justificativa pelo uso desta sua obra específica é devido ao tema abordado sobre o arianismo, que faz parte da nossa pesquisa e por ser muito difíceis o tema em nossa língua o uso desse autor torna-se de vital importância para nossa dissertação.

com as suas ideias e a igreja “é o próprio Deus”. Nesta metáfora, Ário seria Lúcifer e a Igreja seria Deus.

Nossa dissertação não tem como pretensão discutir temas relacionados à fé de qualquer tipo. Mas entendemos que, para apresentar uma visão mais didática para o leitor, esse paralelo se fez necessário. No entanto, tomamos essa analogia como um exemplo para demonstrar como a igreja reagiu às argumentações do presbítero Ário.

O nascimento do arianismo poderia comprometer todas as bases dos alicerces da igreja, o arianismo tomou conta da Palestina, Síria, Ásia Menor e Egito, todos esses países estavam tomados pela aceitação da doutrina do presbítero. Por esta razão, Constantino resolve pôr fim a essas discussões após a capitulação de Lícínio em 323.

Constantino ainda mandou um mediador para que pudesse cessar os conflitos existentes mediante esse embate teológico, mas não obteve êxito ao mandar o seu conselheiro para tentar intervir nesta contenda, que se arrastou ainda por um bom tempo. A situação ficou ainda mais conflitante quando as partes ficaram sabendo quem eram o mediador, Ósio de Córdova.

Segundo Giuseppe Alberigo, em seu livro *História Dos Concílios Ecumênicos*,

Constantino, inicialmente, viu no conflito uma inútil disputa entre teólogos, como se expressou ele próprio numa carta endereçada aos dois contendores, (Eusébio de Cesaréia, V. Const., II 64-72). O imperador mandou a Alexandria o bispo Ósio de Córdova, seu conselheiro eclesiástico há mais de dez anos, para que tentasse uma mediação. A iniciativa não teve êxito, talvez também porque a pessoa do mediador – pela sua proveniência ocidental – não estivesse na melhor condição de captar os problemas posto por uma reflexão trinitária que se desenvolvera de maneira diferente da teologia latina. (ALBERIGO, 2015, p.21)

Todo esse impasse citado pelo autor demonstra a obrigatoriedade que o Imperador Constantino viu para o surgimento do primeiro Concílio Ecumênico da história, no qual ele pretendia estabelecer uma ordem no seio da igreja cristã primitiva. A doutrina ariana ficou, por um bom tempo, enraizada na mente de muitos, e algo teria que ser feito para obter uma unidade na igreja.

Compreendemos que as ideias arianas causaram um enorme abalo nas estruturas da igreja, por esse motivo, os bispos e presbíteros conservadores da fé precisavam dá uma resposta a toda essa circunstância criada pelo arianismo, e a solução encontrada foi o acontecimento de um concílio no qual pudessem sanar essas rachaduras causadas pelo presbítero Ário.

A igreja precisava fechar as arestas deixadas mediante as convicções arianas, e os membros da fé cristã queriam de uma vez por todas extinguir toda e qualquer lembrança de Ário e sua doutrina, para isto foi se construindo alianças com pessoas que ajudariam a extirpar as ideias arianas, e assim sendo, aconteceu a nomeação Eustácio para o lugar do bispo Filógeno.

Segundo Roque Frangiotti, em seu livro *História Das Heresias*,

Enquanto isso, reunia-se um novo sínodo desta vez na cidade de Antioquia para eleger o bispo sucessor de Filógeno, morto em dezembro de 324. A escolha recaiu sobre Eustácio, muito conhecido por sua adesão às ideias de Alexandre. Aproveitou-se da ocasião do sínodo para condenar novamente Ário e suas doutrinas. (FRANGIOTTI, 1995, p.91)

Evidencia-se aqui que alianças começam a serem feitas para a anulação e extinção das ideias do presbítero Ário. A nomeação do bispo Eustácio torna claro que uma das condições para sua nomeação é que ele compartilhava da mesma ideologia do bispo Alexandre, com isto, ele poderia combater veementemente os arianos.

Assim, o Imperador ganhara mais um adepto a sua estratégia para tirar da Igreja Cristã a controvérsia implantada por Ário por longo tempo. Roma precisava dá uma resposta imediata, por este motivo Constantino estabelece o Concílio de Nicéia como o ponto de partida para extinção do arianismo.

#### 1.4 O CREDO NICENO

O império reúne aliados para alicerçar suas ideologias de forma que todos estivessem de acordo com suas proposições em relação à doutrina cristã. Pensando nisto, Constantino chamou todos aqueles que ele tinha de melhor para fundamentarem suas bases sólidas da fé cristã. Bispos foram convocados e aceitaram o chamado do Imperador.

Segundo Giuseppe Alberigo, em sua obra *História Dos Concílios Ecumênicos*,

Apesar disso, os participantes do concílio provinham na sua quase totalidade, das Igrejas do Oriente. A presença ocidental era muito limitada: além de Ósio, dois presbíteros (Vito e Vicente), como legados de Roma; é incerta a presença de outros dois bispos latinos. Esse é um lado que permanecerá constante por todos os concílios ecumênicos da antiguidade, e que parece ligado tanto ao papel de representação geral do Oriente assumido por Roma, como único patriarcado nessa vasta área, quanto por razões mais contingentes, como as dificuldades de viagem e os custos desses deslocamentos (também quando as finanças imperiais colaboravam). (ALBERIGO, 2015 p.25)

Aqui o autor destaca um problema referente à Nicéia, que é a participação das lideranças do ocidente que eram poucas ou quase nenhuma, pois compreendia-se que Roma, como soberana, nesta época em relação ao Oriente, era a representante máxima desta região, sufocando dessa maneira a participação das lideranças do Oriente.

Constantino começa a elaboração do evento pelo qual ele ficaria conhecido por toda a história, o Concílio de Nicéia. A grande reunião que teve um peso inimaginável na história da Igreja, determinando aquilo que poderia ou não, no seio da mãe igreja. O Imperador consegue realizar sua tão planejada manobra política.

Tal manobra resulta, por sua vez, na afirmação oficial da Religião Cristã como sendo a soberana em Roma e depois em todo o mundo. No entanto, para que isto pudesse acontecer, algumas medidas foram tomadas, mais especificamente que o credo niceno que veio justamente para rebater as ideias arianas.

O credo niceno era algo que deveria se sobressair mediante a doutrina ariana, e assim foi estabelecido o credo que dizia que o filho nascera do pai, constituindo assim um único Deus onipotente, imutável e eterno. Desta maneira, está estabelecida a forma de crença de todo cristão.

Agora os cristãos podiam extirpar a ideologia ariana de suas mentes, pois o Concílio de Nicéia tinha decretado uma forma única de se pensar. Onde o Filho e o Pai eram um, e não o contrário, como afirmava Ário. O cristianismo ganhava assim a sua própria confissão de Fé que eliminara a controvérsia do presbítero.

Segundo Roque Frangiotti, em seu livro *História Das Heresias*,

Com vistas na condenação da doutrina ariana, o sínodo elaborou uma profissão de fé na qual ressalta que o Filho nascera do Pai, em sentido próprio: '(...) em um só Deus onipotente, imutável e eterno, que cuida tudo, e tudo dirige; justo, bom, criador do céu e da terra e de quanto nela se contém, Senhor da Lei, dos profetas e do Novo Testamento. E em um Senhor Jesus Cristo, filho, único, o qual nasceu não do nada, mas do Pai, não como uma obra, mas em sentido próprio, como um Filho, que foi gerado de maneira inefável (...) que era de todos os tempos'. (FRANGIOTTI, 1995, p.91)

Identifica-se na fala do autor o estabelecimento de uma nova era para o cristianismo, o credo niceno vem trazer tranquilidade às turbulências pelas quais passava a Igreja Cristã, em relação às controvérsias de Ário e os seus que acreditaram nas doutrinas do presbítero. No entanto, não podemos deixar de observar também, na fala do autor, uma mitologia cristã, herdada de elementos mitológicos greco-romanos.

O credo nicênico conduz as pessoas que o leem a uma referência aos gregos e a Zeus. Ao falar que o Filho foi gerado de maneira inefável, lembra a deusa Atenas que saiu da cabeça de seu pai Zeus, deus grego. Essas semelhanças vão nos remeter à mitologia, o filho divino gerado de uma virgem. Esses elementos fazem da história cristã uma mitologia.

Quando falamos que o cristianismo é uma mitologia, isto não é demérito algum em relação à religião, pois o cristianismo nasceu da cisão com o judaísmo que, por longos anos, ficou no cativeiro babilônico e aprendeu muito sobre os deuses dos seus opressores. Por razões como estas, quando surge “o Cristo vindo dos céus mandado por um Pai celeste”, não temos como não falarmos que o cristianismo é uma mitologia.

Agora que o Cristianismo Primitivo tem um caminho a seguir longe das ideias deÁRIO, tudo parece caminhar bem para o avanço da religião cristã, como aquela que vem trazer paz, não só para os fiéis, mas também com o intuito de tornar uma sociedade ordeira e pacífica. As ideias do presbítero foram perdendo forças, mediante ao credo nicênico.

O Imperador Constantino agora era aclamado como aquele que conseguiu uma grande vitória sobre os arianos. Isso o elevou a um status de relevância perante a comunidade de Roma, e colocou o cristianismo como religião soberana. Neste momento, começa o processo de caça às heresias no interior da igreja. Todo e qualquer grupo que pensava diferente em relação às ideias eclesiais era considerado como rebelde. Em nosso segundo capítulo vamos discutir isso com mais ênfase. Podemos dizer que “a primeira rebeldia” foi extirpada da igreja cristã, que eram as ideias arianas.

Neste momento, começa uma nova etapa para a igreja, onde toda e qualquer decisão que venha a tomar sempre vai ter em mente o credo de Nicéia. Esse estatuto era o que apoiava, ou no mínimo, ajudava aquelas pessoas a se estabelecerem normais, que não tivessem o seu credo posto em controvérsia com o que pensava a igreja cristã.

O Imperador vence a batalha e demonstra que Deus estava ao seu lado, para o ajudá-lo. O Filho de Deus agora tinha o seu lugar de direito perante o Pai, segundo o que demonstrava o credo nicênico, baseado nas Escrituras Cristãs. Os defensores do Filho afirmam que ele existia desde o princípio e que ele estava com Deus, era aquele que o Pai engendrou antes de tudo, o Filho agora apoiado por uma passagem do evangelho segundo João 1.1,2 onde afirma que o filho era o Verbo de Deus.

Segundo Eusébio de Cesaréia, em seu livro *História Eclesiástica*,

E quem, a não ser o Pai, poderia conceber sem impureza a luz que é anterior ao mundo e a sabedoria inteligente e substancial que precedeu aos séculos. O Verbo vivente no Pai e que desde o princípio é Deus, o primeiro e único que

Deus engendrou antes de toda a criação e de toda a produção de seres visíveis, o general do exército espiritual e imortal do céu, o anjo do grande concelho, o servidor do pensamento inefável do Pai, o fazedor de todas as coisas junto ao Pai, a causa segunda de tudo depois do Pai, o Filho de Deus, genuíno e único, o Senhor, o Deus e Rei de todos os seres, que recebeu do Pai a autoridade soberana e a força, junto com a divindade, o poder e a honra? Porque, em verdade, segundo o que dizem d'Ele, os misteriosos ensinamentos das Escrituras: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. (CESARÉIA, 2005, p.16)

Evidenciamos pela fala do autor que o mesmo afirma que o Filho já existia desde o início junto a Deus, extinguindo assim toda e qualquer ideia ariana, quando percebemos no parágrafo acima que Eusébio de Cesaréia reafirma as palavras do evangelho segundo João, que ele está de acordo com o credo niceno, que passa a vigorar no meio cristão como sendo a verdade absoluta.

O cristianismo trata os seus estatutos como sendo a palavra soberana de Deus. Quando isto acontece, todas as outras culturas, como o gnosticismo, passam a receber conotações de falsas, por não aceitar o regime imposto pelo Cristianismo Romano. E isso vai levar a igreja cristã a enfrentar outro embate, porque nenhuma cultura vai aceitar ser diminuída ou menosprezada pelo Imperador e sua nova religião.

Enquanto a essência do Cristo era aclamada no cristianismo, como sendo aquele unigênito de Deus, outras filosofias iam perdendo espaço. Constantino e seus bispos não iriam deixar que acontecesse novamente o mesmo erro que ocorreu com a doutrina de Ário. Por esta razão é que o seu credo passa a ter mais consistência.

A comunidade cristã teria que seguir à risca o credo niceno, pois ele representava a fé soberana nas Escrituras e em Deus. Nada poderia fugir desse contexto, porque caso isso acontecesse estavam todos se rebelando contra a própria divindade cristã. Os bispos representavam a “ordem universal”.

Tendo em vista que só a parte do arianismo foi solucionada em Nicéia, outras coisas também tinham que ser discutidas. Como a questão da Páscoa, exigia uma regulamentação mediante tantos assuntos propostos pelo concílio, damos muito importância ao arianismo, mas temos que saber que a Páscoa era algo a ser pensado e discutido.

Existiam grupos que disputavam a regulamentação da Páscoa devido à existência de três correntes que reclamavam tais questões, Arles, Roma e Alexandrina, pois já existia há muito mais tempo dois ciclos diferentes. Por estar razão, intensificaram-se os debates sobre o assunto e foram postos em pauta.

Segundo Giuseppe Alberigo, em sua obra *História Dos Concílios Ecumênicos*,

A exigência de regulamentar uma questão como a da Páscoa, cuja celebração diferenciada criava certo desconforto e dificuldades práticas, já fora percebida no sínodo de Arles. No seu primeiro cânon, ele estabelecera que os cristãos deviam festejar a Páscoa no mesmo dia. Ao enfrentar esse problema, o concílio de Nicéia viu-se diante de três costumes diferentes: os dois ciclos, de Roma e de Alexandrina (autônomos em relação à contagem judaica, mas distintos entre si), e a práxis, essencialmente antioquena, que se reportava também à celebração judaica, embora não mais na forma “quartodecimana”, como no conflito pascal do séc. II. (ALBERIGO, 2015, p.35)

Essas questões políticas foram expostas, e Constantino se viu em dificuldades de solucionar questões como estas, porque já existiam três ciclos diferentes, mas o Imperador, como um bom articulador, conseguiu resolver, embora houvesse uma discordância entre ambas as partes, através de um decreto exposto por Constantino e a liderança de Alexandrina.

Ainda de acordo com o autor Giuseppe Alberigo, em sua obra *História Dos Concílios Ecumênicos*,

O próprio Constantino se encarregou de explicar o teor do “decreto” na carta encíclica que endereçou às Igrejas no final do concílio (Opitz 26). O mesmo fizera os padres conciliares na carta sinodal à Igreja de Alexandria (Opitz 23). Nela se anuncia o acordo a que chegaram as Igrejas do Oriente, que antes se atinham ao cômputo judaico. Note-se que em ambos os documentos a complexidade dos usos em vigor, nas diversas Igrejas é notavelmente simplificada, evidentemente para sublinhar o alcance unitário do acordo alcançado. (ALBERIGO, 2015, p.36)

Como podemos observar, tudo foi acordado com um decreto entre ambas as partes, chegando assim a um consenso que ficaria bem articulado para ambas, tudo foi resolvido na diplomacia imposta pelo Imperador. Deixando todos de acordo e simplificando o decreto para que todos pudessem compreender.

## 1.5 OS PROBLEMAS E QUESTIONAMENTOS DEPOIS DE NICÉIA

Logo após estabelecer o Cristianismo como sendo a religião oficial do Império, surgem outras dúvidas teológicas na cabeça do alto clero na Igreja Cristã. E elas vão levar bastante tempo para serem sanadas na comunidade cristã, assim como, serão temas de grandes discussões acaloradas mediante os seus bispos.

No entanto, depois que o credo niceno é estabelecido, surgem algumas dúvidas de interpretação entre os próprios bispos em relação ao termo “natureza” e “substância”. Esses

dois termos não ficariam bem claros para alguns, e isso causa uma pequena confusão no seio da igreja, que alguns tentam explicar assim.

Segundo Roque Frangiotti, em seu livro *História Das Heresias*,

Neste credo, muita coisa permaneceu ainda vaga. Os termos não são aclarados, mas confessados. Havia interpretações diferentes sobre os termos natureza, substância, hipótese, como a de Eusébio de Cessareia, que entendia substância (*ousía*) num sentido genérico, aquilo que há de comum entre dois indivíduos. Os partidários de Ósio compreendiam o termo “da mesma substância” como da mesma realidade individual. O termo consubstancial fora introduzido pelo próprio imperador Constantino. Outros o entendiam num sentido mais abstrato, referindo-se à totalidade das propriedades humanas ou divinas. É justamente essa essência de definição dos termos empregados que cria as dificuldades. (FRANGIOTTI, 1995, p.93)

A demonstração de uma não aceitação entre ambas as partes tornam a compreensão bastante confusa, embora tivessem resolvido o problema do arianismo, agora se deparam com outra dificuldade sobre a natureza do Filho. Eusébio entendia o termo “substância” como algo genérico, enquanto o bispo Ósio entendia o termo como sendo da mesma realidade, e como se não bastasse, ainda vamos encontrar o termo compreendido por Constantino de forma abstrata, como a totalidade das propriedades humanas ou divinas.

Vejam que encontramos um enorme impasse mediante a natureza do Filho com o Pai, e isto se arrastou, na realidade, às decisões tomadas em Nicéia; não foi pela maioria, mas sim de uma minoria. Esses foram mal compreendidos e as ideias foram rejeitadas até por aqueles que não eram partidários de Ário.

Ainda segundo Roque Frangiotti, em seu livro *História Das Heresias*

Apenas 17 bispos se opuseram à fórmula nicena e se uniram a Ário. Estes, sob ameaças, acabaram por subscrever o símbolo. Apenas 2 bispos egípcios se recusaram a fazê-lo, o que lhes custou o exílio imediato. O mesmo aconteceu com Ário, Eusébio de Nicomédia e Teognide de Nicéia. O imperador apoia e sanciona as sentenças de exílio e excomunhão dos recalcitrantes. Começa aqui uma longa história em que o poder civil e o eclesiástico se dão as mãos. Além de condenar Ário, Nicéia definiu a total divindade do Filho, que não é criatura, mas gerado, desde toda a eternidade, da natureza do Pai, idêntico a ele na condição divina. (FRANGIOTTI, 1995, p.94)

Observa-se aqui uma manobra política para poder sancionar uma lei sem ter oposição. Por esta razão, o imperador Constantino manda para o exílio aqueles bispos discordantes do seu decreto, trazendo à tona as posições civil e eclesiástica, que se unem para exercerem a sua força perante seus adversários.

As tensões depois do Concílio só tendem a crescer, porque querem passar por cima de leis já existentes nos concílios anteriores. Uma delas era a respeito do matrimônio entre os padres. O Concílio sugeriu que eles não se casem, mantendo assim o celibato. Um dos padres se opôs a este fato.

Segundo Giuseppe Alberigo, em sua obra *História dos Concílios Ecumênicos*,

A respeito do clima que acompanhou essa parte dos trabalhos conciliares podemos ter ideia graças a um episódio contado por Sócrates (HE I 11). Ele narra que um dos bispos apresentou a proposta de “nova norma”, segundo a qual não seria possível ao clérigo casado viver com a sua esposa. A essa hipótese de celibato obrigatório opôs-se um bispo egípcio de nome Pafnúncio, que se havia distinguido como confessor na recente perseguição. Ele criticou a proposta, que lhe pareceu rigorosa demais, e defendeu a beleza do matrimônio, confirmando assim a validade da “norma antiga”. (ALBERIGO, 2015, p.36)

O evento narrado acima demonstra que alguns bispos queriam impor restrições a outros clérigos casados, afirmando não ser possível viver com suas esposas. No entanto, uma voz se levantou contra essa ideia, o bispo Pafnúncio. O mesmo era egípcio e trouxe à tona a beleza do matrimônio. Então o que ficou acordado foi que os padres que iam ingressar na igreja, a partir desta decisão de Nicéia, não poderiam se casar exercendo, assim, o celibato imposto pelo Concílio de Nicéia.

Por razões como esta aqui discutidas, podemos perceber que o Concílio teve uma importância para as normas existentes hoje na Igreja, pois as motivações ou decisões que venham a ser tomadas podem até mudar em alguns aspectos, mas o modelo tido para tomar as grandes decisões eclesiásticas é o Concílio de Nicéia. As decisões tomadas no ano de 325 no concílio “ecumênico” reverberam até os nossos dias.

As ideias nicenas estão muito vívidas na memória dos clérigos da igreja. As decisões tomadas por Constantino e sua cúpula de padres e bispos ecoam eternamente dentro do seio cristão e são encaradas como sendo a verdade absoluta para todos aqueles que buscam ingressar para esta ordem. Nicéia tornou-se o ponto chave, para uma ascensão da igreja cristã, para se firmar como a grande potência universal. Discutimos sobre o credo niceno, mas não demonstramos como ficou estabelecido dentro a liderança de Nicéia. O credo niceno estabelece uma funcionalidade para a Igreja e adequação ao estilo de vida cristão criado depois do Concílio.

Logo após a extinção da doutrina que reinou no seio da igreja, causando divisões entre seus bispos, emerge como já citado o credo niceno, mas em determinadas ocasiões isso pode soar estranho para alguns, afinal de contas no que consistia tal credo? Esta é a pergunta que

algumas pessoas podem fazer, no entanto, usam-na frequentemente em suas denominações cristãs.

Segundo Bruce L. Shelley, em seu livro *História do Cristianismo*,

Creio em um só Deus Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra e de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creio em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai, por ele todas as coisas foram feitas. E por nós, homens, e para nossa salvação desceu do céu e encarnou pelo Espírito Santo no seio da virgem Maria e se fez homem; também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai. De novo há de vir em sua glória para julgar os vivos e os mortos; o seu Reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e do Filho, e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado. Ele que falou pelos profetas. Creio na igreja uma, santa, católica e apostólica. Professo um só batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há de vir. Amém. (SHELLEY, 2018 p.123)

Mediante o estabelecimento dessa profissão de fé, ordenada pelo Concílio de Nicéia para comunidade cristã, um método para professarem sua crença, e assim, rebater veementemente a ideias arianas para extinção da heresia, este credo niceno é reconhecido sendo a única verdade para a igreja cristã.

Começa-se a estruturação da igreja cristã, assim fica determinado como deveria ser regida a comunidade cristã, extirpando a loucura de Ário e sua ideologia. O império romano demonstra sua força e Constantino reafirma que Deus estava a seu lado para fazer a sua vontade.

O imperador que sabia lidar com a massa, abandonando as “heresias”, e trazendo os cristãos todos para o seu lado, demonstrando para eles que o cristianismo agora começaria a trilhar um caminho diferente. Agora o cristianismo ganha roupagens romanas, como também o próprio Cristo, se descaracterizando ou se desassociando do judaísmo.

Isto significa que Roma era a grande potência imperial, e que o próprio Deus estava ao seu lado. Este era o slogan apresentado por Constantino, para ressaltar sua vitória sobre o “mal” que pairava sobre a igreja cristã. Nasce, dessa maneira, a soberania romana que vai sufocar outras crenças e filosofias, porém, trataremos este assunto com mais ênfase em nosso segundo capítulo.

A partir de Nicéia, o cristianismo passa a ganhar novos contornos organizacionais. Como a religião cristã agora era parte fundamental da sociedade romana, tudo deveria transcorrer perfeitamente, sem deixar brechas para heresias, e assim, formou-se um conjunto

de regras para determinar as funcionalidades do sistema eclesiástico. No entanto, devemos ressaltar que algumas destas recomendações para este sistema eram confusas.

Quando falamos em confusas é porque realmente alguns aspectos não ficam bem claros para aquelas pessoas, tanto do clero como também do leitor. A razão que estamos tratando como confusas se tornará clara a partir do momento que expusermos a questão. Acima falamos que os padres e bispos deveriam se abster ao celibato, no entanto, pesquisando sobre as determinações micênicas, encontramos uma contradição a respeito do celibato.

De acordo com Giuseppe Alberigo, em sua obra *História dos Concílios Ecumênicos*,

Quem, enfim, não é eunuco voluntário, se digno, pode ser admitido à ordenação. O c. 3 proíbe a coabitação do clero com mulheres, a menos que se trate de parentes próximos ou de pessoas acima de qualquer suspeita. O texto do cânon usa um termo técnico (*suneísactos*: COD 7.13-14) que conserva traços de fenômeno significativo do ascetismo cristão primitivo, onde indica as *virgines subintroductae*, ou seja, as virgens que coabitavam com ascetas ou com clérigos celibatários, num regime de ‘matrimônio espiritual’. (ALBERIGO, 2015, p.40)

Vejam que o autor relata algo bastante contraditório para o seio da igreja, em outro momento, fala que não é permitido o casamento entre os bispos, no entanto, agora estamos vendo que aquilo que não “era permitido” agora é, contanto que seja com alguém da família ou com mulheres que possam manter discrição. Isto, no mínimo, é totalmente contraditório. Essa prática, tratada como sendo uma conjunção “espiritual”, pode ser entendida como um ritual que era permitido por algumas pessoas do alto clero. O cristianismo tem várias vertentes, podemos considerar essa parte como sendo mística. A pergunta é: por que o cristianismo se valia de tal misticismo?

Perguntas iguais a essas é que movem a pesquisa para podemos chegar a uma compreensão minimamente possível. O concílio vem com a proposta de tornar tudo bem estruturante e organizado, mas, muitas das vezes, não entram num consenso. Relatos iguais ao mencionado acima podem dar margem para um cristianismo místico, no qual práticas como esta eram tidas como permissivas.

Práticas relevantes como estas para o cristianismo se tornavam normais. No entanto, podemos levantar uma questão, neste sentido, que é minimamente interessante, se práticas como estas eram permitidas, então por que proibir o casamento entre os bispos?

Evidencia-se que algum grupo político estava ganhando com fatos iguais a estes. Podemos perceber que até acontecer um ajuste nas decisões em Nicéia, aconteceram bastantes discussões que nem sempre deixariam todos os grupos em uma condição satisfatória. O

cristianismo com tais demonstrações de instabilidade com a sua liderança indicava que muito ainda tinha para ser feito.

Quando o cristianismo vai se alicerçando, conseqüentemente acontece uma supervalorização da religião como um todo. O cristianismo agora era tido como a religião dos nobres e não existia mais uma marginalização do seu sistema religioso. Todos podiam professar a sua fé, mas isso teria a obtenção de um preço, a segregação com o judaísmo. O cristianismo nasce do judaísmo, mas para ele poder se tornar próspero, teria que abrir mão das ideias judaicas.

Segundo Gerd Theissen, em seu livro *A religião dos primeiros cristãos*,

Enquanto o judaísmo é determinado por dois axiomas fundamentais, um monoteísmo exclusivo e um monoteísmo da aliança que une este Deus a esse povo e este povo a esse único Deus, no cristianismo primitivo, esse axioma fundamental é modificado. O monoteísmo é conservado como o primeiro axioma; no entanto, é modificado pelo segundo axioma, a fé em um salvador: todo sistema religioso de sinais é reestruturado a partir da figura de um único salvador. (THEISSEN, 2009, p.30)

O que vemos aqui é uma premissa tida pelos judeus, que o cristianismo, quando se segrega do judaísmo, começa uma disputa de lógicas. Para alguns judeus, só existe um único Deus, já o cristianismo inverte essa lógica segundo alguns judeus, quando proclamam que Jesus é o Filho e também o próprio Deus. Essa disputa se alonga até os nossos dias, essa divergência foi um dos motivos para a segregação entre eles.

O cristianismo primitivo tenta se dissociar do judaísmo de todas as formas, é só lembramos a mudança da data pascal. Tudo para se distanciarem dos preceitos judaicos, com o intuito de ter uma autenticidade que levasse o cristianismo a ter regras diferentes em relação ao judaísmo. Para saber quem estava certo ou errado, essa visão é dicotômica em que ambas as partes vão alegar que estão certas, surgindo assim o ódio entre eles.

O cristianismo alega que foram os judeus que mataram o seu salvador, e do outro lado o judaísmo ortodoxo não acredita que Jesus é o messias esperado por eles, porque, segundo os judeus, não existiu a libertação do jugo romano. Por este motivo, a comunidade ortodoxa não crê neste messias cristianizado.

Como já vimos, o cristianismo se desassocia do judaísmo, ficando assim “independente”. No entanto, o cristianismo tem que explicar para sua comunidade como e de onde veio Jesus. Para tal explicação, são usados os autores do evangelho. Só desta maneira é que a comunidade cristã vai entender de onde surgiu o seu messias.

Segundo Bruce L. Shelley, em sua obra *História do Cristianismo*,

Os escritores do evangelho retratam Jesus como alguém que reconstituiu os passos de Israel. Tal como Israel, Jesus passou algum tempo no Egito, entrou no Jordão (batismo), foi tentado no deserto, chamou doze apóstolos (como as doze tribos), proclamou a palavra de Deus como Moisés (sermão do monte), pregou cinco sermões (compare com o Pentateuco) em Mateus, realizou poderosos atos de livramento (sinais, prodígios e exorcismos) e confrontou potências imperiais. (SHELLEY, 2018, p18)

Observa-se aqui que muitas situações em que Jesus se encontrou estão associadas às profecias de Moisés, sendo assim, não deixando margem para uma descaracterização de Jesus, segundo a Escritura Judaica. Mesmo assim, o cristianismo tentou usar a própria Escritura para combater essa segregação “feita por Jesus”, para tal o cristianismo basear-se no evangelho segundo João 1.11, para dizer que Jesus veio para os seus e os seus o rejeitaram.

Apoiados neste versículo do evangelho de João, o cristianismo toma para si o direito de povo fiel que aceitou a Cristo. Bem, o pensamento do povo cristão gira em torno dessa premissa para tentarem desassociar o cristianismo do judaísmo. Assim sendo, a Religião do Império Romano não podia ter nada que se assemelhasse a esses “bárbaros que mataram a Jesus”.

Agora em evidência, o cristianismo poderia exercer as suas leis e dogmas livremente. Toda sociedade do império romano tinha a religião cristã como o alicerce da sua cultura, os cristãos passaram a ter uma paz com a oficialização criada por Constantino. Todo aquele que fosse contra as ideologias cristãs era visto como herege.

A religião que, por muitos anos, sofreu com a perseguição do próprio Império Romano, agora era aclamado e exaltado pela mesma sociedade que um dia causou grande represália a sua forma de cultuar a seu Deus. O cristianismo conseguiu chegar a um lugar nunca imaginado por aquela comunidade que, no início, se denominava de “O Caminho”. O cristianismo primitivo vivenciava uma crescente ascensão perante o império.

Agora que o cristianismo estava começando a criar raízes bastante sólidas, em meio ao império romano, cuidados deveriam ser tomados para que nenhum outro movimento como o arianismo imperasse no seio da igreja nascente. Pensando nisso, a cúpula eclesiástica decide criar um cânon com escritos que legitimassem a legitimação da igreja como única detentora da palavra de Deus. Haveria de ter uma nomenclatura para esses escritos, então, deu-se o nome de evangelhos, só que em seu livro *Os Evangelhos Sinóticos*, Benito Marconcini afirma que “Em sua origem, a palavra ‘evangelho’ não se referia aos quatro escritos, mas aos anúncios proclamados oralmente. ‘Evangelho’ (do grego *euaggélion* = boa notícia) tem quatro momentos de desenvolvimento”. (MARCONCINI, 2012, p.5)

No entanto, trataremos o termo “evangelho” com mais profundidade no segundo capítulo da pesquisa, que demonstrará o embasamento e alicerçará a igreja com seus “livros da verdade”, excluindo assim toda e qualquer literatura que não contém sua forma de pensamento. O Cristianismo Primitivo emerge agora como a religião da mais alta estirpe do império, e não poderia se misturar às doutrinas que não condiziam com o que a classe clerical acreditava.

Os cristãos agora tinham que se regerem pelas doutrinas impostas e decretadas no Concílio de Nicéia. Qualquer pessoa que não agisse de acordo com o credo niceno seria apontada como traidoras da fé cristã, pois se misturar com doutrinas ou ensinamentos que não estivessem de acordo com o império era passível de morte.

O cristianismo carrega consigo a verdade “única” e dentro dessa premissa qualquer coisa que estivessem em discordância com a igreja era uma afronta a Deus. Esse pensamento foi criando raízes dentro da igreja primitiva como uma forma de silenciar os outros ensinamentos daqueles que resolveram não aderirem a um cristianismo convencional.

Constantino, que tinha o apoio dos padres artífices, junto com eles, a elaboração que consolidaria dessa maneira a estrutura do pensamento cristão, tendo o clero ao seu favor para qualquer decisão que fosse tomada, teria o apoio do mais alto escalão da igreja cristã. O imperador tinha conquistado uma grande vitória, e a consolidação da religião era uma dela, e nada poderia ofuscar esse mérito.

Agora que o alicerce do cristianismo está bem consolidado, a comunidade eclesial tinha que explicar o significado da trindade para o cristianismo. Qual sentido ele tem para os cristãos? Será que são três deuses em um só Deus? Isso teria que ser explicado para a comunidade.

Segundo Bruce L. Shelley, em sua obra *História do Cristianismo*,

Trindade é salvação: Salvação, para igreja primitiva, era muito mais do que ir para o céu; era estar unido em comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito, tinham de ser divinos no sentido de nos incluir e separar para comunhão divina já existente. Não nos tornaríamos Deus ou semelhantes a ele, mas devemos ser transformados para pertencer à rica e eterna comunhão que aguarda os cristãos. (SHELLEY, 2018, p.125)

Vejam que a compreensão do termo trindade não se dá de forma estranha como pode parecer para alguns. O autor traz a explicação do que os cristãos entendem por trindade, termo este que demonstra uma transformação na vida cristã, que ocorre para uma melhor comunhão do cristão para com Deus.

A compreensão desse termo se faz necessária como sendo uma das regras básicas do cristianismo primitivo. Essa estrutura de estabelecimento da unidade na comunidade cristã era a integração que precisava ser feita para que o cristianismo, ao passar do tempo, ficasse cada vez mais consistente como religião.

O cristianismo primitivo vai se aperfeiçoando, criando suas doutrinas e regras que devem ser seguidas perante as pessoas que desejam estabelecer uma vida na genuína fé cristã. Esse termo “trindade” é algo muito amplo para ser discutido aqui, no entanto, só estamos trazendo esta temática para explicar como foram elaboradas as bases do cristianismo.

O concílio eclesiástico determina o pensamento cristão, como verdadeiro e único a ser seguido por sua comunidade. Constantino ergue um império já existente, mas que precisava de uma pessoa que tivesse influência e determinação política. Foi isso que fez o imperador, ajudou a criar um sistema de crenças e o cristianismo primitivo ao longo dos anos ficaria cada vez mais fortalecido.

Constantino, como uma pessoa versada na arte da política, vislumbrou e alcançou seu objetivo, que era tornar a religião cristã conhecida entre o império romano, e estabelecê-la como aquela que, segundo ele, Deus o favoreceu a partir da sua vitória contra os inimigos. Mas, ele não fez isso pensando apenas no bem-estar da religião cristã, mas também pensou no que a religião traria para o seu próprio bem. Em relação a ser líder e no status que traria o benefício de ser aclamado como aquele libertador da religião cristã.

Depois de todos esses entraves que a Religião Cristã passou para obter a sua ascensão, o cristianismo agora era vista e entendida pelos romanos que aderiram à religião como sendo a única verdade, que o Cristo “rejeitado por Israel” agora era merecedor de aclamação entre a comunidade romana.

Agora as doutrinas que foram elaboradas e sancionadas no Concílio de Nicéia tiveram um peso imediato em relação às instruções pelas quais os seus fiéis deveriam seguir. A igreja agora era vista e entendida como autoridade máxima e não poderia ser questionada, pois qualquer pessoa que não recebesse as sanções decretadas por Nicéia era vista como rebelde, e não era digna de ser participante do seio cristão.

A religião cristã agora se achava a detentora exclusiva das promessas de Deus, a partir do momento que acontece uma rejeição da parte dos judeus para com seus messias, judeus, no entanto, não aceitam essa usurpação da eleição. Israel já passara por um cativo e ela agora se reconstruía a partir dos seus alicerces da sua fé. No entanto, o cristianismo agora vem reivindicar essa eleição de Israel como sendo povo eleito de Deus.

Segundo Gerd Theissen, em seu livro *A Religião dos primeiros cristãos*,

Isso não se deu em um único passo. Aquilo que mais tarde se emancipou como cristianismo primitivo, era originalmente uma tentativa de abertura do judaísmo para não-judeus. Um primeiro passo consistiu na renúncia a sinais rituais que serviam de característica identificadora do judaísmo. Isso veio de encontro à compreensível resistência de muitos judeus: o novo grupo de “cristãos” não podia ser aceito pela maioria como uma variante legítima do judaísmo. (THEISSEN, 2009, p.226)

Os judeus não aceitavam que o cristianismo pudesse vir a ser legitimada como a verdadeira religião. O autor deixa isto bem claro quando expõe a insatisfação dos judeus com o cristianismo. Pois aqui começa um entrave entre uma coisa chamada merecimento ou não que os judeus combatem até hoje. Mesmo assim, mediante a todos esses entraves que o cristianismo atravessa com a religião judaica, ela consegue se afirmar como a grande potência do império romano.

Constantino é considerado como aquele que recebeu o benefício de Deus para conduzir o cristianismo com mão forte. O tempo passa e mesmo diante de todos os percalços encontrados no percurso, a Religião Cristã não apenas se consolida, mas também ganha um poder que nem ela mesma imaginou obter ao longo dos anos.

O cristianismo primitivo torna-se o alicerce da cultura romana, e a expansão do movimento cristão logo toma proporções fora de Roma, pois a capital romana era a base cultural a ser seguida assim também como eram os gregos. Como já citado, o cristianismo tem as suas bases políticas solidificadas com os romanos, já a sua parte intelectual é obtida através dos gregos que trazem a filosofia para explicar o que era a religião cristã.

As solidificações do cristianismo se aprimoram ao passo que têm contato com a cultura grega, pois vamos encontrar os escritos do Apóstolo Paulo em grego trazendo, assim, mais ênfase às raízes cristãs. No entanto, temos que entender que o apóstolo escreve com a mentalidade judaica e sua experiência, que teve com os outros discípulos.

Enfim, tudo colaborou para que o imperador alicerçasse a comunidade cristã, fazendo da mesma uma das grandes três potências da religião monoteísta, assim, concretizando a fé em um único Deus Criador. O surgimento do cristianismo no século IV é um marco para a comunidade cristã, pois agora pode usufruir do seu direito de culto.

Dessa forma, o cristianismo torna-se livre, podendo agora demonstrar sua fé sem medo de ser perseguido ou mal interpretado por aqueles que os perseguiam. Todos obtiveram um grande triunfo ao poder exercerem o direito de expressarem suas ideias. O cristianismo agora fazia parte da sociedade romana.

Tentamos ao longo desse primeiro capítulo trazer um panorama da construção do Concílio de Nicéia e como se deu a origem da religião cristã. Como surgiu o credo niceno e quais as benesses dele para a Igreja Cristã, e a ascensão do Imperador Constantino através da religião.

Em nosso segundo capítulo, iremos trabalhar com o Evangelho apócrifo ou extra canônico de Tomé e abordaremos as correntes filosóficas existentes na época da circulação do Evangelho de Tomé, além de discutir quais as contribuições que ele pode trazer para o cristianismo primitivo com as suas 114 sentenças ou ditos.

## **2 INVESTIGAR O EVANGELHO DE TOMÉ EM SUA DIMENSÃO DISCURSIVA NA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO**

O Cristianismo Primitivo dispõe de inúmeras camadas em sua essência, quanto mais procuramos compreendê-lo, mais ele se torna uma fonte histórica de conhecimento para aqueles que se debruçam nesta jornada. Pensando nessas camadas, podemos dizer que não existe uma única forma de Cristianismo, mas sim múltiplas faces de uma Religião que, ao longo dos anos, vem se reinventando e trazendo consigo múltiplas formas de compreensão em seu universo religioso.

Dentro dessas multiplicidades de construções sob esta religião cristã, emergem várias descobertas que vão trazer aspectos do cristianismo primitivo aos quais não conhecíamos ou não procuramos conhecê-lo. Estamos nos referindo à descoberta de Nag Hammadi que trouxe consigo inúmeros textos que são datados dos séculos I e II. Esses manuscritos são de cunho apócrifo, ou seja, uma literatura que não é reconhecida perante a Igreja, por não fazer parte do Cânone Bíblico.

Mesmo sem o reconhecimento da Igreja, esses manuscritos demonstram ter sua importância literária para a reconstrução de uma das faces do Cristianismo Primitivo. O surgimento desses textos para a comunidade acadêmica trouxe bastantes elementos a serem investigados e discutidos para obtenção de uma melhor compreensão dos séculos I e II. Por esta razão, muitos estudiosos que veremos ao decorrer do nosso capítulo dedicaram-se ao estudo destes textos descobertos em Nag Hammadi.

Trataremos destas discussões e veremos como transcorreram esses estudos não só na comunidade acadêmica, mas na Esfera Religiosa. Como foram achados em Nag Hammadi não apenas um, mas vários manuscritos iremos nos focar num único Evangelho, o de Tomé, cuja linguagem é de difícil compreensão e traz consigo uma complexidade em suas 114 sentenças ou ditos.

O Evangelho de Tomé, com seus aforismos<sup>14</sup>, demonstra uma escrita filosófica e práticas morais que retrata a vivência das pessoas mediante os primeiros séculos da nossa história, como eram compreendidas as primeiras comunidades cristãs. O Evangelho de Tomé, como os demais evangelhos, circulava sem restrições e todos tinham acesso a esta literatura. Este evangelho não é composto por uma narrativa de milagres, mais sim como era vista e compreendida a figura de Jesus, o Rabino, não a figura divina que encontramos nos sinóticos.

---

<sup>14</sup> Texto curto e sucinto, fundamento de um estilo fragmentário e assistemático na escrita filosófica, ger. relacionado a uma reflexão de natureza prática ou moral.

Pensando em não apenas um Cristianismo, mas sim em muitos<sup>15</sup>, compreendemos que é necessária uma investigação mais profunda dessa religião que permeia a cabeça de muitos, por longos anos. Seus fiéis estabeleceram padrões e dogmas de fé, e isso fica bem claro quando examinamos seus aspectos litúrgicos.

O Cristianismo, por muito tempo, foi forjado e pautado pela figura messiânica de Jesus, e é assim até os dias atuais: Uma religião pautada na figura de um homem que vem com o propósito de mudar uma nação. O redentor que, de maneira gloriosa, deixou o seu lugar de destaque ao lado do Pai e veio trazer remissão dos pecados para todos que nele acreditam. Percebam que existe uma condição para a salvação. Este é o Cristo apresentado nos sinóticos, mas o Evangelho de Tomé não busca retratar a figura divina, mas sim o homem que vivenciou a realidade do seu tempo e tentou modificá-la mediante seu conhecimento.

O Evangelho de Tomé, com as suas 114 sentenças ou ditos, traz uma narrativa que é totalmente desconhecida para a maioria da sua comunidade cristã. O impacto que isso traz é incrível, pois quebra o paradigma da unitária figura divina, demonstrando assim que temos o homem, que era capaz de sentir privações humanas como qualquer outra pessoa. O homem Jesus do Evangelho de Tomé vem tentar, através de sua mensagem, que para modificarmos alguma coisa, temos que primeiro modificamos a nós mesmos.

Evidencia-se que este Evangelho não é um texto de fácil compreensão, mas muito complexo trazendo reflexões e perguntas que devemos responder a nós mesmos. O Jesus retratado no Evangelho de Tomé é um homem preocupado com o que estava acontecendo a sua volta e queria demonstrar para seus discípulos que não era, apenas pela força, que deveriam resolver determinadas questões, mas para que a mudança acontecesse, precisava ter uma mudança no comportamento e em sua forma de pensar.

O Evangelho de Tomé demonstra que, para mudarmos algo no mundo, primeiro é necessário que aconteça uma mudança no próprio ser humano. Esta é a filosofia imposta pelas sentenças de Tomé. O homem só muda alguma coisa quando ele tem um encontro com a sua própria centelha divina. No caso do Evangelho de Tomé, o homem deve entrar em conexão não com uma divindade superior, mas com algo que reside dentro de si mesmo.

---

<sup>15</sup> Referimo-nos a muitos Cristianismos: ao católico, ao ortodoxo, ao protestantismo e agora esse trazido pela Biblioteca de Nag Hammadi, que mostra os textos existentes nos séculos I e II.

A descoberta dos manuscritos de Nag Hammadi no Alto Egito deu-se no ano de 1945 por pastores beduínos. Esses manuscritos causaram bastante interesse da comunidade acadêmica, no entanto, temos que fazer uma separação entre o Evangelho de Tomé e Atos de Tomé, pois são duas coisas distintas, uma vez que diferem em suas produções literárias. O único ponto em comum entre eles é a figura de Tomé.

Segundo Antonio Sérgio Valente, em seu livro *Tomé: Evangelhos e Atos*,

Não se pode confundir o Evangelho de Tomé com os Atos de Tomé. São textos que diferem quanto à autoria, à época em que foram escritos, ao estilo literário, ao gênero, e até quanto ao suporte físico das cópias. Têm em comum apenas a figura de Tomé e o objetivo de difundir a mensagem cristã. Convém, antes da leitura de um ou de outro, saber o que são e o que representam. (VALENTE, 2017, p.9)

Evidencia-se, dessa forma, que o texto do Evangelho de Tomé foi bastante difundido em sua época, criando assim essa divisão entre seu Evangelho e seus Atos. No entanto, o que vamos explorar são as suas sentenças sapienciais atribuídas a Jesus, que demonstram um Jesus inteiramente distante daquela figura divina a qual conhecemos.

Ainda de acordo com Antonio Sergio Valente, em sua obra *Tomé Evangelho e Atos*,

Mais tarde, em 1945, no Egito, em Nag Hammadi, numa caverna encravada nas montanhas, foram encontrados diversos pergaminhos escritos em copta, idioma falado em algumas regiões daquele país. Estavam acondicionados em recipientes cilíndricos de barro. Atualmente são conservados no Museu do Copta do Cairo. Um dos pergaminhos era o Evangelho Segundo Tomé, o Dídimo, contendo 114 tópicos, todos com sentenças atribuídas a Jesus, algumas das quais em diálogos com os discípulos. (Valente, 2017, p.10)

Vejam que algumas das sentenças ou ditos de Tomé são atribuídas a diálogos com seus discípulos onde Jesus transmitia o conhecimento do seu ciclo de talmidim<sup>16</sup>. Eles ouviam e tentavam interpretá-las, pois mesmo para aqueles que caminhavam, o Rabino era de difícil compreensão.

Como já citado anteriormente, esse Evangelho de Tomé traz consigo uma carga misteriosa. Se para seus discípulos não era de uma compreensão bastante clara, imaginem para os pesquisadores. Mesmo assim, não teve desistência para procurar esmiuçar tal evangelho. Uma busca da compreensão dos tempos vividos nos primeiros séculos.

---

<sup>16</sup> Esses pouquíssimos meninos da elite intelectual de Israel eram chamados *talmidim* (do hebraico: *talmid*, discípulo; *talmidim*, discípulos)

Jesus é uma figura enigmática, que muitas pessoas procuram compreender, mas mesmo assim, muitas vezes, não têm sucesso em sua jornada, devido a várias histórias que têm sobre esta figura. “Seria necessário ser profeta para compreender os profetas”, dizia São Gregório Magno. Poeta para compreender os poetas... e para compreender Jesus, seria necessário ser o que?” (LELOUP, 2017, p.11).

Esta pergunta é interessante e muito intrigante, pois essa reflexão nos conduz ao Evangelho de Tomé. Não que ele traga todas as respostas, mas trata-se de um indicador de como vivera Jesus. O rabino tentava demonstrar, através das sentenças, que existia algo transcendente a este mundo.

Na sentença de número dois do Evangelho de Tomé, temos o seguinte:

Disse Jesus: Aquele que procura, continue sempre em busca até que tenha encontrado, e quando tiver encontrado, sentir-se-á perturbado; sentindo-se perturbado, ficará maravilhado, e reinará sobre tudo, vejam que o homem deve continuar em sua busca e nunca deixar de buscar, no entanto, quando encontrar ficará perturbado, pois ele verá a si mesmo, mas a partir do momento que ele obtiver um domínio sobre suas emoções ele reinará sobre tudo. (TOME, 2012, p.15)

Os ensinamentos e as sentenças do Evangelho de Tomé atribuídas a Jesus demonstram que ele quer levar o homem ao conhecimento dele mesmo e mostrar que, para acontecer tal mudança, o homem tem que se confrontar consigo mesmo. Podemos compreender o Evangelho de Tomé como sendo a busca do homem para com ele, na busca frenética do seu próprio eu.

Encontraremos no Evangelho de Tomé uma forma única de conhecimento, assim como foi com os demais evangelhos sinóticos ou não, Jesus mostra que tratou com cada um de maneira particular. Os ditos de Tomé têm muito a contribuir para o cristianismo primitivo assim como também com o contemporâneo.

O cristianismo primitivo retrata como viviam as comunidades em sua época e quais tipos de literaturas circulavam entre eles. A descoberta dos manuscritos de Nag Hammadi nos conduz a um caminho de volta às origens do cristianismo, onde devemos mergulhar em seu tempo e também em sua cultura para chegarmos a uma melhor compreensão da religião cristã.

Quando nos referimos à origem do cristianismo, estamos falando das comunidades que vieram logo após Jesus e os ensinamentos deixados por ele e a transmissão dos seus apóstolos. Jesus deixa um legado e uma responsabilidade com cada um de seus discípulos para propagarem a sua palavra por todo o mundo. Ao decorrer da pesquisa veremos que há indícios de o Evangelho de Tomé ter chegado até a Índia.

## 2.1 CRISTIANISMO PRIMITIVO

Quando pensamos em cristianismo primitivo, pensamos em uma sociedade bem estruturada e harmônica, ou o mais alto nível intelectual que muitos poderiam ter nesta época. Entretanto, não é bem assim, as comunidades eram compostas por camponeses galileus e semianalfabetos. Esta era a estruturação do cristianismo primitivo que, ao passar dos anos, tornou-se uma das religiões mais conhecidas por todos, como uma das potências do monoteísmo.

Segundo Paulo Nogueira, em seu livro *Narrativas e cultura popular no cristianismo primitivo*,

Estudar o cristianismo no passado, em sua origem, tem, no entanto, um potencial de crítica sobre essa relação estabelecida entre cristianismo e cultura ocidental, com blocos políticos e econômicos poderosos. Afinal, surge nas margens de sua sociedade, de seu contexto político, econômico e social. É antes de tudo uma religião de camponeses galileus, de gente semianalfabeta, que, no entanto, articulava seu discurso religioso em torno a movimentos de renovação política e religiosa de sua sociedade. (NOGUEIRA, 2018, p.13)

Observa-se que o autor trabalha com dois fatores. O primeiro se dá mediante a classe das pessoas, que eram camponeses e semianalfabetas; outro ponto é a política e religiosidade, tudo girava em torno desta perspectiva. O cenário do cristianismo emerge nessas condições de pessoas e políticas, isto não implica dizer que a população, por não saber ler, não detinha a sabedoria da vivência das suas práticas e ritos.

O cristianismo primitivo exercia uma liberdade de pensamento, a religião cristã, mesmo quando se torna diversificada, ainda assim é marginalizada e desprovida de uma classe dominante que exercesse o poder para elevar este movimento das comunidades cristãs, pois ninguém daria atenção a meros camponeses.

Ainda segundo Paulo Nogueira, em sua obra *Narrativas e cultura popular no cristianismo primitivo*,

Quando o cristianismo se torna um movimento religioso urbano e diversificado étnica e culturalmente em modo o Mediterrâneo, ele ainda é uma religião de marginalizados e de pessoas desprovidas de poder em sua grande maioria. Seu discurso não era alinhado com os centros de poder, sendo muitas vezes crítico e engajado em sua oposição. (NOGUEIRA, 2018, p.14)

Evidencia-se aqui o clássico jogo de poder, no qual quem mais dita as regras, de como devem ser conduzidas a questão, era quem estava no poder, não apenas da cultura, mas também o discurso que não era alinhados naquele momento. Os seus textos que circulavam nessa época do cristianismo primitivo eram tidos como textos marginalizados.

Podemos perceber que o cristianismo não foi sempre como o conhecemos hoje, institucionalizado e tendo inúmeros seguidores. Este foi um percurso longo que requereu anos para acontecer mudanças e nuances da religião cristã. Os primeiros cristãos primitivos enxergavam o mundo de outro ângulo, corpo, linguagem e no âmbito da sua espiritualidade.

Segundo Paulo Nogueira, em seu livro *Religião e poder no cristianismo primitivo*,

Como os primeiros cristãos imaginavam o mundo, o corpo, a linguagem no âmbito de sua espiritualidade? Como se concretizava, na vida deles, a experiência de conversão, de louvor comunitário, de relação com o sagrado? Como suas vidas cotidianas eram interpretadas segundo essa experiência religiosa? (NOGUEIRA, 2020, p.11)

Vejam que o autor traz as questões e discussões que permeavam aquele âmbito social e cultural dos cristãos, como eles encaravam o mundo, a espiritualidade. Esta temática era o foco nos primeiros dois séculos do cristianismo. A espiritualidade e o estilo de vida andavam atrelados à observação de mundo. As comunidades cristãs vivenciavam aquilo que eles compreendiam ser a verdade.

O pensamento e cultura do cristianismo primitivo emergem do oriente, onde todos acreditam muito naquilo que pregam ou vivem. O estilo de vida das primeiras comunidades cristãs era pautado por muita disciplina, as pessoas partilhavam conhecimentos e dialogavam em si.

O Cristianismo Primitivo também trabalha as renúncias para a obtenção de favor a ser alcançado por sua divindade. Temos também os aspectos fundamentais, são eles: amor e renúncia a status. Esses temas são recorrentes nos textos bíblicos, o desapego a esta vida, segundo a tradição cristã, trará algo maior para aquele que crer.

Segundo Gerd Theissen, em sua obra *A Religião dos primeiros cristãos*,

Os valores fundamentais sempre se repetem nos textos de uma comunidade. Amor e renúncia ao status são temas importantes em quase todos os textos cristãos primitivos – de modo especial na literatura sinótica, paulina e joanina. Decisivo, porém, é, de fato, um último critério: os valores fundamentais se mostram como valores de base mediante o fato de eles marcarem outros valores e normas. (THEISSEN, 2009, p.121)

Esses valores citados pelo autor são a base de toda comunidade cristã primitiva, eles são vivenciados e demonstram que, sem a aplicabilidades desses fundamentos, não existe um funcionamento homogêneo da estrutura cristã. A renúncia e o amor são os principais fatores para que se tenha equilíbrio nestas comunidades cristãs.

Para começamos nossa compreensão mediante o que de fato é o cristianismo primitivo, temos que compreender o contexto no qual ele estava inserido em sua época. O que devemos ter em mente é que existiam várias compreensões daquilo que é denominado sagrado. O cristianismo não era algo dominante nos primeiros três séculos nem consolidado. Não podemos simplesmente afirmar que o cristianismo primitivo era a única forma de espiritualidade ou crença.

Segundo Willibaldo Ruppenthal Neto, em seu livro *As religiões nos tempos de Jesus*,

É injusto, portanto, falarmos que uma religião é “superior” a outra. Sendo assim, mesmo que cristãos como C. H. Dodd e ateus como Paul Veyne tenham indicado a “superioridade” do cristianismo em relação às demais religiões da Antiguidade. Não é algo errado, mas simplesmente algo pessoal e, portanto, historicamente equivocado. Afinal, “as religiões antigas não são nem menos ricas espiritualmente nem menos complexas e organizadas intelectualmente do que as de hoje”, como lembra o historiador francês Jean-Pierre Vernant, “elas são outras”. (RUPPENTHAL NETO, 2019, p.12)

Quando tentamos fazer do cristianismo uma religião superior às outras, estamos eximindo ou extinguindo toda uma cultura que traz consigo uma compreensão de mundo que o cristianismo não tem. Nem por isto, a religião deixa de ser menos importante? Não, o autor Jean-Pierre Vernant irá mencionar que as outras religiões são só outras formas de compreensão do que entendemos ser religião.

Não podemos cometer o erro de pensar que essas outras religiões tinham o mesmo objetivo, propósito ou intenção da religião cristã. E não devemos tomar como parâmetro o cristianismo para tentarmos compreender as demais religiões. Todo o sistema religioso tem seu propósito determinado, não podemos querer cristianizar as outras culturas, sufocando seus pensamentos e fundamentos.

A investigação de uma religião deve ser explorada nos mínimos detalhes, não de forma superficial. Por trás de toda construção, existem fatos aos quais muitas vezes desconhecemos. A religião cristã tem a sua ideologia baseada no amor, na fidelidade e principalmente na fé que são formas abstratas de compreensão.

Observando todas essas construções de pensamento, mediante a religião cristã, é que devemos olhar os textos de Nag Hammadi com mais cuidado, pois, por mais que não sejam

livros considerados canônicos, traz com eles a historicidade do pensamento ou pensamentos dessa comunidade cristã sob o texto do Evangelho de Tomé, o que ele vem nos demonstrar com a sua forma literária, e como a figura de Jesus é retratada por Tomé.

## 2.2 A DESCOBERTA DE NAG HAMMADI

Podemos compreender a Biblioteca Copta de Nag Hammadi como um tesouro de palavras que foram encontradas no Alto Egito no ano 1945, que só foram publicados quatorze anos após sua descoberta em 1959. Esses textos são considerados, por alguns estudiosos, como gnósticos, e outros estudiosos trataram esses textos como sendo cristãos.

Segundo Jean-Yves Leloup, em sua obra *O Evangelho de Tomé*,

Um tesouro de palavras, envolvido pelos séculos, envelhecido por terra ocre<sup>17</sup>: uma biblioteca gnóstica conservada em ânforas destinadas a fermentar o vinho doce; cinquenta e três pergaminhos escritos na língua copta saídica, bastante próxima dos antigos hieróglifos egípcios (copta vem do árabe *qibt*, contração do grego *Aígyptos*: Egito). (LELOUP, 2012, p.7)

O autor enaltece a descoberta dos manuscritos apócrifos e os trata como sendo um tesouro que foi descoberto. No entanto, ele traz o número de cinquenta e três códices, outros autores vão dizer que foram cinquenta e dois. A Biblioteca de Nag Hammadi demonstra que tem uma parte da história que precisa ser conhecida e discutida não só nos meios acadêmicos, mas principalmente no seio cristão, para que possam traçar paralelos entre os evangelhos sinóticos e os livros apócrifos.

Em meio a esses manuscritos encontrados, existe um que chamou atenção de inúmeros acadêmicos, não apenas por seu contexto literário, mas por sua similaridade com os sinóticos. Estamos nos referindo ao Evangelho de Tomé que traz ditos ou sentenças atribuídas a Jesus. Este evangelho difere-se dos demais porque ele não trará a narrativa mítica de um Jesus que faz milagres curando as pessoas. O Evangelho de Tomé retrata a figura de Jesus como homem, que conhecia muito bem a realidade de sua época e evidencia-se mais a figura do rabino que ensinava nas sinagogas.

Segundo Marvin Meyer, em seu livro *Mistérios Gnósticos*,

O Jesus de Tomé também é um tanto diferente do Jesus dos evangelhos do Novo Testamento, e poderia parecer que o Evangelho de Tomé não depende

---

<sup>17</sup> Argila colorida por um óxido de ferro na Língua Portuguesa. Da cor da **terra**. Obs: os ocres são terras argilosas de cor amarelada, castanha ou avermelhada, essencialmente constituídas por óxidos de ferro.

fundamentalmente dos evangelhos do Novo Testamento, mas é um evangelho independente e uma fonte primária para a tradição de Jesus. Jesus no Evangelho de Tomé não realiza milagres concretos, não revela o cumprimento de profecias, não anuncia nenhum reino apocalíptico prestes a abalar a ordem mundial e não morre pelos pecados de ninguém. (MEYER, 2007, p.65)

O autor traz a visão do Evangelho de Tomé como sendo um texto independente, não conectado em alguns pontos com os evangelhos sinóticos. Ele não vai trazer o relato de um Jesus que faz milagres, que cura as pessoas, ou até mesmo que apresenta um reino apocalítico. O Jesus do Evangelho de Tomé apresenta outra face que poucos estão interessados, que não é a figura não divina, glorificada, mas um Mestre que trazia os seus ensinamentos de maneira sábia.

Os manuscritos de Nag Hammadi não anulam os evangelhos sinóticos. O que acontece com essa literatura é que ela vem para nos mostrar um período da história que ficou esquecido ao longo dos anos e vem ganhando espaço não apenas na academia. Mais pessoas que não estão nesta área acadêmica também têm o desejo e curiosidade de conhecer essa parte da história que denominamos como um cristianismo esquecido.

O período da descoberta desses textos é relativamente “nova” para a nossa contemporaneidade e quando me refiro ao termo “nova”, isto não é um indicativo de que não existem pesquisas profundas neste assunto. Pelo contrário, existem bastantes estudos relevantes sobre o tema. No entanto, quando me refiro a “novo” é porque ainda tem muito a ser investigado e esmiuçado sobre a temática.

A descoberta de Nag Hammadi vem reavivar um cristianismo ao qual pensávamos ser algum relato utópico em relação às comunidades, que demonstram uma organização entre elas. A literatura tomezina era bastante presente e fazia-se compreensível para uma pequena cúpula de pessoas que buscavam a sapiência tomezina.

Segundo Elaine Pagels, em seu livro *Além de toda crença*,

O Evangelho de Tomé e o de João falam a diferentes grupos de seguidores de Jesus, engajados em debate por volta do final do século I. O que debatiam era: quem é Jesus e qual é a “boa nova” (*euangellion*, em grego) em relação a ele? O Evangelho de Tomé encerra ensinamentos respeitados pelos “cristãos de Tomé”, um grupo prospera no século I, bem como outros dedicados a Lucas, Mateus e João. (PAGELS, 2004, p.46)

Evidencia-se pela autora uma cúpula, como já citado, existiam aqueles que se reuniam para debaterem a respeito de cada evangelho para poderem chegar ao denominador comum de quem de fato era Jesus? Essa pergunta mexe com o imaginário de muitos. Por esse motivo

que não apenas o Evangelho de Tomé, mas toda Biblioteca de Nag Hammadi é importante para que possamos compreender melhor o cristianismo primitivo.

Não buscamos afirmar com isto que o Evangelho de Tomé é o único detentor de uma verdade, de forma alguma, mas o manuscrito tomezino traz consigo algo inovador e revolucionário para sua época e até mesmo para os dias atuais. O Evangelho de Tomé demonstra que o reino de Deus está dentro de cada um de nós. Isso significa, segundo Tomé, que cada um tem uma centelha divina.

O evangelho tomezino nos mostra que precisamos nos reconectarmos com nosso próprio eu, para que possamos atingir o ápice da centelha divina. Isto consiste em uma busca solitária com nós mesmos, implica dizer que temos que voltarmos nossos olhos para dentro de nós mesmos. O cristianismo primitivo é uma esfera de conhecimento bastante ampla por mais que essa nomenclatura der a ideia de algo ultrapassado para alguns, mas é extremamente o contrário, isto significa que as primeiras ideias de religião que conhecemos hoje começam neste período da história.

Por esta razão, a Biblioteca de Nag Hammadi se faz muito importante, para que possamos compreender um pouco melhor a vivência dos primeiros cristãos e remontar ou encaixar as peças restantes de um quebra cabeça bastante complexo. O cristianismo sempre faxinou a teologia, as ciências, mas hoje em dia também está alcançando outros públicos que têm sede de saber.

Os evangelhos apócrifos trazem consigo uma carga de marginalidade, devido aos longos anos que foram reprimidos por uma sociedade que pensava estar fazendo o melhor para o amadurecimento da cristandade. Só que esses evangelhos fazem parte das várias camadas existentes do cristianismo.

Como vimos no primeiro capítulo, o Concílio de Nicéia organizou a religião cristã, padronizando os livros que deveriam ou não ser usados por sua comunidade. Com isto, os evangelhos apócrifos foram postos de lado, caindo assim no esquecimento. Devido ao surgimento da Biblioteca de Nag Hammadi, esses textos ficam mais uma vez em evidência, proporcionando uma melhor análise desses textos.

Os códex de Nag Hammadi demonstram um tipo de literatura imensamente profunda e complexa. Por esta razão, muitos estudiosos se debruçam em relação a esse tema que, nos últimos anos, vem ganhando muito espaço, não apenas nas academias, mas também fora dela, devido ao interesse crescente do público leigo. Livros e mais livros foram escritos sobre a temática, mas a Biblioteca de Nag Hammadi nos parece um conhecimento inesgotável, pois quanto mais você procura, mais acha.

### 2.3 OS APÓCRIFOS E A IMPORTÂNCIA PARA O CRISTIANISMO

O surgimento desses manuscritos apócrifos nutre, nas várias camadas do cristianismo, sensações diferentes. Apesar de estarem ganhando espaço nas discussões do cristianismo primitivo, ainda é visto por alguns como uma referência não confiável. Esse estigma causa danos à história, porque, quando ocorre tal fato, deixamos de investigar a narrativa e o que ela tem a nos falar.

Não estamos pedindo para que aceitem essa narrativa como sendo verdadeira ou falsa, esse não é o cerne da questão, mas devemos verificar a veracidade dos fatos para correlacionarmos com o que já temos escrito. Discussões referentes ao cristianismo primitivo sempre perpassa por textos canônicos, e os apócrifos são postos de lado por conta da falta de credibilidade que alguns têm em relação a eles.

Segundo Paulo Augusto de Souza Nogueira, na obra *Apocrioficidade: O Cristianismo Primitivo para além do Cânon*,

Hoje dispomos, portanto, de muito mais acesso aos textos apócrifos do cristianismo primitivo, em edições acadêmicas e de divulgação. Elas nos têm proporcionado novas e promissoras perspectivas para o estudo das práticas e crenças do cristianismo primitivo até o terceiro e quarto séculos. Parece-nos, no entanto, que o papel que esses textos desempenham na pesquisa ainda precisa ser melhor discutido. (NOGUEIRA, 2015, p.20)

O que podemos ver é uma preocupação do autor em relação aos textos apócrifos, pois, na visão dele, o tema requer uma melhor discussão. No entanto, em nossos dias, isto tem relativamente sido sanado com pesquisadores que atuam nessa área de desenvolvimento dos manuscritos apócrifos.

Não existem apenas pessoas do campo das Ciências das Religiões trabalhando sobre este tema apócrifo, temos também teólogos, como veremos no decorrer da nossa pesquisa. O grande entrave para a abordagem dessa temática extra canônica é o tabu que se tem ao discutir sobre o tema. O sentimento de estar fazendo algo de errado, ou até mesmo a associação a algo pecaminoso impedem que este assunto seja mais bem explorado.

Mesmo assim, temos diversos estudiosos lapidando esse tema, mas poderíamos ter mais, se não existisse a resistência de alguns que pensam está perdendo tempo com esses manuscritos. O comprometimento ao estudar essa literatura não implica dizer que ela queira tomar o lugar das literaturas já existentes, de forma alguma. Os textos canônicos são uma

realidade como também os textos apócrifos são. Não podemos pensar que esses manuscritos são recentes, pelo contrário não são. Os apócrifos são datados dos séculos I e II, e tem mais conexão com os sinóticos, vai muito mais além do que possamos imaginar. Nag Hammadi já continha uma ligação em relação à Escritura Sagrada.

Segundo Marvin Meyer, em seu livro *Mistérios Gnósticos*,

Desde os primeiros dias, a região de Nag Hammadi era conhecida por uma presença cristã. De acordo com a tradição, São Marcos levou o evangelho cristão para o Egito depois de ter chegado a Alexandria, no Delta do Nilo, no século I d.C. O cristianismo se espalhou por todo Egito e além dele, para a Etiópia e outras regiões da África, e o cristianismo egípcio assumiu uma variedade de formas e se expressou com uma variedade de espiritualidades: cristã judaica, apocalíptica, alexandrina, gnóstica, maniqueísta, monástica. (MEYER, 2007, p.22)

O autor traz fatos que nos dão a compreensão de que o Apóstolo Marcos propagou o evangelho pelas regiões de Nag Hammadi, terras em que os Apóstolos transitavam e podiam expressar a sua crença. Por este motivo, não devemos nos surpreender com o fato desses manuscritos terem sido encontrados nessa região.

Os apócrifos não têm por si só a pretensão de criar uma religião, mas trazer à tona as conexões existentes entre o cristianismo primitivo e o que conhecemos em nossos dias por cristianismo, esta é a função da Biblioteca Copta de Nag Hammadi e seus manuscritos. Dentro desse contexto apócrifo, encontra-se o Evangelho de Tomé, que é um texto de difícil compreensão e interpretação, pois ele tem em seu contexto não uma narrativa mítica, mas contém ensinamentos que conduzem a uma sapiência específica.

O Evangelho de Tomé retrata, dentre outras coisas, o Jesus histórico, o Mestre que viveu e ensinou nas sinagogas. Mas o evangelho tomezino vai divergir entre alguns estudiosos, pois existem aqueles que irão colocar como uma literatura gnóstica, outros vão dizer que não é, mas sim é uma leitura cristã dos primeiros dois séculos da história. Independentemente de ser gnósticos ou não, fato é que se assemelha muito com os livros sinóticos.

Como bem sabemos, não existem evidências de que o próprio Jesus deixou nada escrito. Por este motivo, estas palavras ditas por seus discípulos, ou até mesmo pelos pseudo-apócrifos, são tão questionáveis pela história. Entretanto, existiram pessoas que andaram com Jesus e ouviram muitas palavras. No judaísmo, existe a tradição oral que é muito forte entre os judeus, e essa forma oral pode ter ajudado na propagação dos conhecimentos das palavras de Jesus.

Jesus, para muitos, sempre foi uma figura enigmática, fugindo dos padrões esperados da sociedade de sua época. Ele mesmo procurava essa diferença quando se relacionava com pessoas que eram desfavorecidas em Israel, escutava a todos de maneira que causava escândalo e quando colocamos dessa forma é só para ilustrar que, para o mesmo, não importava só os ritos de uma religião, mas a sua verdadeira essência que é a prática.

Nada melhor do que mergulharmos nas sentenças do Evangelho de Tomé para tentar compreender a transmissão dos ensinamentos de Jesus de outro ângulo, não exposto pelos sinóticos, onde buscam apenas demonstrar e legitimar a figura divina. O evangelho tomezino vai na contramão, trazendo um mergulho no autoconhecimento para chegar até o divino.

Segundo Jean-Yves Leloup, em sua obra *O Evangelho de Tomé*,

O Jesus de Tomé será diferente do Jesus dos outros evangelistas? Sem qualquer dúvida! Mas a diferença reside, talvez, menos na própria pessoa do Cristo, sempre inacessível, do que na maneira de apresentar seu ensinamento. Trata-se de uma diferença mais de escuta do que de palavra. Nesse caso, é possível ler com um espírito católico ou ortodoxo o Evangelho de Tomé como se lê Lucas, Marcos, Mateus ou João, e já não é necessário assumir uma atitude dualista e, portanto, polêmica, que colocaria o Evangelho de Tomé em oposição aos evangelhos canônicos, considerando-o superior aos outros, “único autêntico” – o que não passa afinal de contas, de uma reação à atitude, igualmente dualista, dos que consideram como um tecido de heresias (observa-se que, durante anos, os exegetas negligenciaram a leitura do evangelho de João por ser considerado grego demais ou gnóstico demais. Atualmente, alguns afirmam exatamente o contrário. (LELOUP, 2012, p.10)

Evidenciam-se, neste parágrafo pelo autor, algumas situações bastante relevantes sobre a temática, no entanto, não iremos nos deter a todas, mas apenas comentar de forma preliminar alguns pontos. Jean-Yves Leloup afirma que, de fato, o Evangelho de Tomé diferencia-se dos outros, não porque ele seja superior aos canônicos, mas a diferença ocorre, segundo o autor, pela forma de escutar as palavras. As polêmicas criadas em volta ao Evangelho de Tomé são de cunho teológico. O que podemos destacar também da fala do autor é que um dia o Evangelho de João foi tratado de maneira desprezível por alguns exegetas. Em suma, tudo acontece segundo o ponto de vista dos pesquisadores, e muitas das vezes automaticamente. Quando eles dizem o que servem, estão anulando outros textos que ainda não foram investigados e têm bastante potencial para serem examinados.

Desta forma, o Evangelho Tomezino relata os ensinamentos que devem ser aplicados para que o indivíduo consiga a compreensão das sentenças ou ditos que possam causar no mesmo um despertar através do autoconhecimento, sem precisar de nenhum mediador, como

demonstra os Evangelhos Sinóticos, estabelecendo a conexão com o divino mediante o aprofundamento e conhecimento da sapiência descrita no Evangelho de Tomé.

A inovação do Evangelho Tomezino, se é que podemos chamar dessa forma, é o fato de mostrar Jesus sem o relato dos milagres. Não que isto não seja importante para os anais históricos, de fato é, entretanto, quando lemos as sentenças de Tomé, mergulhamos em um mundo totalmente desconhecido, sem grandes batalhas, sem a questão da dualidade “bem versus o mal”. O que iremos observar é a face de um eterno diamante que deve ser lapidado todos os dias.

Ainda segundo Jean-Yves Leloup, em sua obra *O Evangelho de Tomé*,

Não é verdade que os evangelhos devem ser lidos “juntos”, como outros tantos pontos de vista sobre o Cristo “no interior de vós e no exterior de vós”, em todas as dimensões, simultaneamente, históricas e meta-históricas? Não será que Nag Hammadi e o Evangelho de Tomé nos fazem descobrir, atualmente, uma nova face de um Eterno Diamante? ‘Aquele que é o mesmo, ontem, hoje, amanhã’? Para além do entusiasmo ingênuo e da desconfiança sectária, não convirá conservar “o ouvido do meio” e escutar o que o Espírito diz não só as Igrejas, aos iniciados, mas a todos os homens? (LELOUP, 2012, p.11)

O autor traz uma reflexão bastante pertinente. Muitas das vezes olhamos somente para uma determinada direção, sem dar aprofundamento ao conhecimento, seja sobre qualquer área. Chegamos em um determinado ponto das nossas vidas que pensamos por que temos diplomas ou carreiras estabelecidas que estamos supridos e nutridos do que é o saber.

É justamente neste ponto das nossas vidas que devemos seguir o conselho do autor Jean-Yves Leloup e exercitarmos este ouvido do meio, saindo da nossa zona de conforto e ampliar novos horizontes. É justamente isto que vem demonstrar o Evangelho de Tomé: que não existe nada uniforme, mas diversos ângulos da mesma narrativa.

Não veremos no Evangelho Tomezino um Jesus que faz milagres, como transformar a água em vinho, ou andar sobre as águas. O que vamos ver é um homem preocupado em transmitir o seu conhecimento para que, dessa forma, cause um impacto interior do homem consigo mesmo.

A narrativa de Tomé implica em ditos sapienciais, trazendo o elemento unitário, não de um único homem se entregado pelos pecados da humanidade, mas o homem tendo essa responsabilidade de alçar por si só esse objetivo, mediante as sentenças do Evangelho de Tomé proferidas por Jesus.

2.4 FRAGMENTO COPTA DO EVANGELHO DE TOMÉ

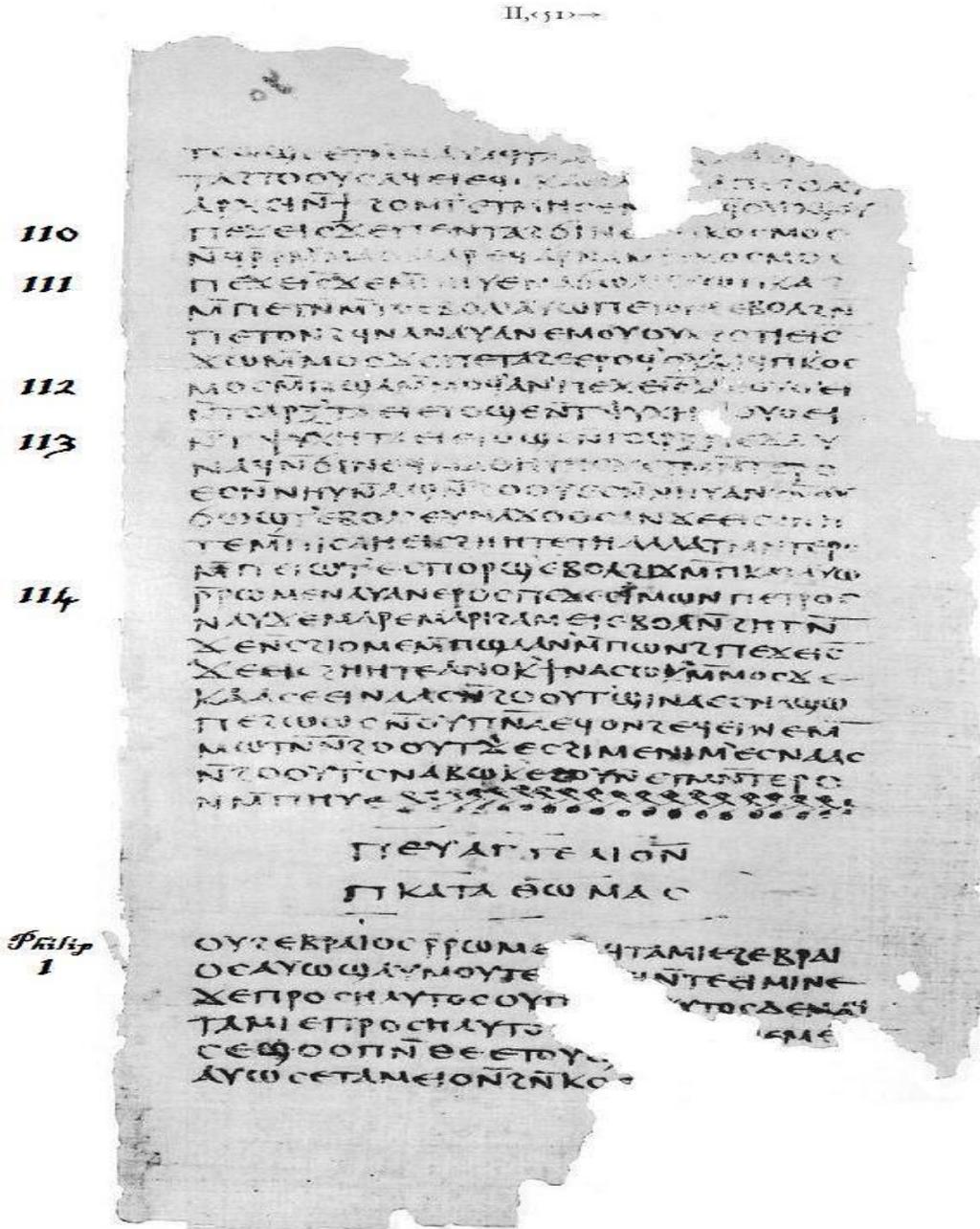


Figura 01 – Extrato do Evangelho de Tomé. Disponível no site: The Gnostic Society Library. Acesso em 12 out. 2021.

O que temos aqui é um fragmento em Copta do Evangelho de Tomé com as sentenças 110 a 114 que iremos trazer a tradução desses fragmentos para começarmos a dimensionar a complexidade do texto do Evangelho de Tomé. Como os textos eram todos em pergaminhos, termos essa parte no final a qual desconhecemos.

Nessas últimas sentenças do Evangelho de Tomé vamos tentar compreender o que Jesus quis deixar para o homem como legado ao longo de sua vida. As últimas sapiências descritas no Evangelho Tomezino são enigmáticas e podem, por muitas vezes, parecer controversas. Mas isto depende de vários fatores, e um deles é como determinado grupo de pessoas enxergam tal manuscrito.

A tradução das sentenças do Evangelho que vamos usar aqui é uma versão do Copta feita por Jean-Yves<sup>18</sup>, que procurou traduzi-las da melhor forma possível. Esses fragmentos são resultados de longos anos de estudo sobre os Textos de Nag Hammadi e, neste caso, sobre o Evangelho de Tomé.

110. Disse Jesus:

Quem encontrou o mundo e se tornou rico, deve renunciar ao mundo.

111. Disse Jesus:

Os céus e a terra enrolar-se-ão diante de vós. Aquele que vive do Vivente, não conhecerá o medo nem a morte porque foi dito: O mundo não é digno daquele se conhece.

112. Disse Jesus:

Ai da carne que depende da alma. Ai da alma que depende da carne.

113. Disse Jesus:

Perguntaram-lhe os discípulos: Quando virá o Reino? Jesus respondeu: Não é pelo fato de alguém estar à sua espera que ele o verá chegar. Nem será possível dizer: Está ali, ou está aqui. O Reino do Pai está espalhado por toda terra e os homens não o veem.

114 Disse-lhe Simão Pedro:

Maria deve afastar-se do meio de nós porque as mulheres não são dignas de vida. Respondeu Jesus: Eis que hei de guiá-la para que torne homem. Ela também virá a ser um espírito vivo, semelhante a vós, homens. Com efeito, toda mulher que se fizer homem entrará no Reino de Deus. (LELOUP, 2017, p.41)

O que encontramos aqui são aforismos enigmáticos que por longos anos ficaram ocultos sem ter alguém que pudesse interpretá-los ou traduzir essas sentenças do Evangelho Tomezino. Entretanto, esses ditos atribuídos a Jesus obtiveram esta tradução da língua Copta e, a partir de então, podemos nos debruçarmos para tentarmos chegar a uma compreensão desses aforismos, algo que não é fácil. Esses últimos ditos do Evangelho de Tomé retratam uma parte da história do Cristianismo Primitivo.

A manifestação das palavras de Jesus pode ser comparada a um músico que, para compor, precisa de uma inspiração. Ele pode ter essa centelha em qualquer ambiente, entretanto, o mais provável de acontecer é quando o músico esteja em conexão consigo mesmo. Logo após esse encontro com ele mesmo, podemos contemplar uma bela canção. Da mesma forma, acontece com os aforismos do Evangelho Tomezino. Temos que estar numa

---

<sup>18</sup> Nascido em 24 de janeiro de 1950 em Angers, pequena cidade a oeste da França, Jean-Yves Leloup é um teólogo, filósofo, terapeuta transpessoal, escritor e padre da Igreja Ortodoxa Grega.

conexão com nosso eu interior para que possa ocorrer tal inspiração divina. “O grande músico é aquele que – depois de ter treinado, durante muito tempo – esquece que estão interpretando. Ele torna-se Um com a inspiração que animava o compositor, assim, a música é tocada através dele”. (LELOUP, 2012, p.46)

Essa conexão consigo mesmo permite à pessoa uma experiência transcendente, segundo Jean Yves, mas isso requer prática e dedicação daquele que busca exercer esse conhecimento dos ditos do Evangelho de Tomé. Tais aforismos transmitem uma “essência adormecida no homem”. Por esta razão é que devemos buscar a compreensão desse texto e complementá-lo com os canônicos. Essa junção não diz que ambos os textos estejam incompletos ou algo assim, este não é o objetivo dessa pesquisa, mas sim dizer que eles, mesmo em suas diferenças, se unem.

O cristianismo ao longo dos anos vem passando por diversas transformações e flexibilizações. Isso ocorre devido à demanda de informações que temos em nosso tempo, algo não existente nos primeiros séculos da nossa história. A Biblioteca Copta de Nag Hammadi traz grandes questionamentos em relação à produção dos cânones e a perguntas do tipo: Por que esses textos apócrifos não compõem o Cânon Bíblico?

Esse tipo de pergunta mexe com o imaginário de muitas pessoas, entretanto, quando olhamos para a formação do Cânon Bíblico, percebemos uma preferência por alguns textos mais que os outros. E os textos canônicos são imputados como sendo as verdadeiras palavras de Jesus. No entanto, encontramos no Evangelho segundo João o seguinte versículo: “Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez e que, se fossem escritas uma por uma, creio que o mundo não poderia conter os livros que se escreveriam.” (JOÃO, 21:25<sup>19</sup>)

A partir dessa afirmação do livro segundo João, poderíamos compreender que boa parte das sábias palavras de Jesus ainda existem em algum lugar. E por que não poderiam estar contidas nos livros apócrifos ou extra canônicos? Esse tipo de pergunta é que faz a nossa pesquisa importante, pois iremos trabalhar com a possibilidade desse fato. Não temos a pretensão de afirmar que o Evangelho segundo João está se referindo a Biblioteca de Nag Hammadi, mas se existe alguma ligação devemos investigar.

---

<sup>19</sup> Referência Bíblia de Jerusalém.

## 2.5 O CÂNON BÍBLICO

Quando pensamos na utilização da palavra Cânon, automaticamente nos recordamos da Escritura Sagrada chamada Bíblia que, ao longo dos anos, como um compilado de livros ou coleção de livros, tornaram-se as palavras da verdade, segundo a comunidade cristã. Entretanto, qual o significado da palavra Cânon?

Segundo F.F Bruce, em seu livro *O Cânon das Escrituras*,

Antes de vir a ser usada no sentido de “lista”, a palavra “cânon” foi empregada em outro sentido pela igreja – na expressão “a regra de fé” ou a “regra da verdade”. Nos primeiros séculos do cristianismo, tratava-se de um resumo do ensino cristão, que se cria reproduzir o próprio ensinamento dos apóstolos, e pelo qual qualquer sistema de doutrina oferecido para aceitação entre os crentes, ou qualquer interpretação de escritos bíblicos deveria ser avaliada. (BRUCE, 2011, p.17)

Observamos aqui, pelo autor, que mesmo antes de se tornar uma regra de fé, perante a igreja, a palavra “cânon” designava qualquer sistema de ensino dos apóstolos. Entretanto, isto teria que ser reforçado e endossado por figuras que eram referências em meio à população cristã. Deste modo, surgem muitos, mas nesse momento iremos citar um em especial: Tomás de Aquino.

Ainda segundo F.F Bruce, em sua obra *O Cânon das Escrituras*,

Tomás de Aquino (c. 1225-1274), por exemplo, diz que ‘a escritura canônica, e somente ela, é a regra de fé’. De outra perspectiva teológica, a Confissão de fé de Westminster (1647), depois de alistar os 66 livros do Antigo e do Novo Testamentos, acrescenta: ‘Todos o quais foram dados por inspiração de Deus, para serem a regra de fé e vida’. Essas palavras afirmam o status das Escrituras Sagradas como o ‘cânon’ ou ‘padrão’ pelo qual o ensino e a ação cristãs devem ser regulados. (BRUCE, 2011, p.18)

O autor demonstra que, com tais palavras, Tomás de Aquino reafirma a autoridade das palavras dos apóstolos, dizendo que são os escritos que contém a verdade e que os cristãos devem reger-se por tais. Esses são os padrões impostos pelos apóstolos e pela igreja. Nada que vá além de tais interpretações podem ser reconhecida pelos cristãos.

Com estas restrições de pensamentos, os cristãos deixam de ter o conhecimento de muitos manuscritos como esses, da Biblioteca de Nag Hammadi. Antes dela também, temos a descoberta de *qumran*, esses escritos trazem muitas revelações de fatos dos primeiros séculos da nossa história do cristianismo primitivo, que por décadas ficaram suprimidos por causa de dogmas imputados como “falsos” escritos.

Pensando nesses escritos extra canônicos, o cristianismo elabora e põe em prática a limitação de cristãos quando afirma que esses manuscritos apócrifos são ilegítimos e não são inspirados por Deus. A mente das pessoas por anos foi tomada cativa, pois os fiéis não tiveram a oportunidade de investigarem tais escritos, como os já citados acima.

O Cristianismo Primitivo precisava se resguardar em relação aos escritos que a igreja não achava que cumpriam a demanda exigida por eles. Por estar razão, decidem que alguns livros seriam aqueles que continham a veracidade de todo um tempo histórico, e assim seria. Isso ficou decidido em concílios que demandaram toda uma vida de construção de um pensamento cristão. Dessa forma, temos a criação do Cânon Bíblico.

Segundo Alessandro Lima, em sua obra *O Cânon Bíblico*

A palavra ‘cânon’ vem do grego *Kanóoni* e significa ‘régua’ ou ‘cana {de medir}’. A cana era usada pelos antigos como instrumento de medição. Desta forma, os cânones em sentido religioso são as réguas que devem ser usadas para medir a vida, isto é, guiar o fiel em sua vida religiosa. O Cânon Bíblico é a lista dos livros sagrados que compõe a Bíblia Cristã. Esta lista também chamada de lista canônica ou lista dos livros canônicos (=livros autorizados). (LIMA, 2007, p.11)

O autor nos traz dois pensamentos que nos leva a fazer uma reflexão de todo cenário. Quando o mesmo diz que esse cânon é uma régua de medir a vida do fiel, isso implica afirmar que qualquer pessoa interessada em conhecer outros escritos poderia ser julgada como infiel. Outro aspecto da fala do autor bastante interessante é lista de livros canônicos autorizados, isto implica na demonstração de força da igreja cristã, ao afirmar que são escritos que podem e devem circular entre os fiéis, tendo assim uma versão não autorizada.

Não queremos dizer com isso que a criação de um Cânon Bíblico foi ruim, para a história do cristianismo, de modo algum. O que estamos querendo investigar e trazer são fatos que a história deixa completamente explícita a existência de uma autorização para alguns livros como aqueles que já conhecemos como sendo a base da igreja cristã e a marginalização dos textos apócrifos, como se eles não tivessem valor ou imputasse algum perigo para os evangelhos canônicos.

Por este motivo, esta dissertação propõe uma investigação um pouco mais profunda sob o olhar das Ciências da Religião, pois é um tema que trará não apenas novos fatos da nossa história, mas também traz uma reflexão de como devemos compreender que a investigação exige um alto nível para olharmos por todos os ângulos.

A afirmação dos evangelhos sinóticos ganha força mediante as igrejas de todo o mundo, e os evangelhos apócrifos são suprimidos e encarados como sendo manuscritos falsos

que não merecem credibilidade. Essa sede de calar e atingir tais escritos nos conduz a acreditar na existência de algumas informações que muitos julgaram não ser relevantes dentro da tradição cristã.

No entanto, essas restrições impostas pela igreja cristã em relação a Biblioteca Copta de Nag Hammadi nos remetem a pensarmos na existência de informações. Não diria que comprometeria o cristianismo em si, mas colocaria muitos elementos da ortodoxia<sup>20</sup> em cheque, propiciando, dessa forma, estudar mais detalhadamente os escritos apócrifos com mais cuidado e atenção e dando acesso livre a mais pessoas. Hoje em dia, o alcance desses escritos está bem mais acessível do que era anos atrás, contudo, ainda existem muitos elementos a serem investigados.

Como já citado ao longo da nossa pesquisa, não foram apenas estudantes de outras áreas a trabalharem com esses manuscritos apócrifos. Vamos encontrar dentro dessa esfera de estudiosos grandes teólogos que demonstraram interesse nesta investigação sobre a temática Copta. Podemos ter uma ideia disto com um grande teólogo.

Segundo John Dominic Crossan, em seu livro *O nascimento do Cristianismo*,

O Evangelho de Tomé contém 114 unidades na numeração erudita, agora padronizada e essa numeração externa segue certos indicadores internos. As 114 unidades numeradas são facilmente reconhecidas, já que todas começam ou com uma declaração de Jesus, ou com comentário a Jesus. Mas a artificialidade dessa construção é evidente pelo fato de muitas das unidades agora numeradas conterem ditos independentes. A contagem separada de versões múltiplas do mesmo dito eleva o total para 146 ditos. (CROSSAN, 2004, p.285)

Podemos observar que o autor fez o estudo profundo sobre as sentenças do Evangelho de Tomé, não ficou apenas com um olhar superficial dos ditos. Um teólogo renomado como John Dominic Crossan investigou com muitos detalhes tais sentenças sem menosprezá-las ou sem querer fazer proselitismo.

O que estamos querendo demonstrar com esse fato é que os evangelhos apócrifos podem conviver muito bem com os sinóticos sem esta perseguição, ou marginalização desses escritos achados em 1945. Agora eles têm seu espaço para que estudiosos, como John Dominic Crossan, possam trazer para nossa compreensão esses textos que são de difícil interpretação.

---

<sup>20</sup> Interpretação, doutrina ou sistema teológico implantado como único e verdadeiro pela Igreja; dogmatismo religioso.

Esse manuscrito do Evangelho de Tomé tem reverberado por toda comunidade cristã, mas mesmo assim ainda existe certa desconfiança em relação a tal texto. O Evangelho Tomezino não traz consigo uma narrativa milagrosa, mas busca um relacionamento através do logos divino.

Segundo Elaine Pagels, em seu livro *Além de toda crença*,

Quando os estudiosos leram Tomé pela primeira vez nos anos 1940, o que os surpreendeu foi que, mesmo contendo muitas informações de Jesus que Lucas e Mateus também incluem em seus Evangelhos, ele contém outros ditos, aparentemente derivados de uma tradição diferente daquela dos Evangelhos Sinópticos. Embora não saibamos onde o Evangelho de Tomé foi escrito, muitos acadêmicos pensam que foi na Síria, por notarem nomes associados com esse país. (Pagels, 2004, p.47)

A autora evidencia que, ao mesmo tempo que existam semelhanças, também existem diferenças em tais evangelhos. Muitas vezes, essas oposições existem para que se possa evidenciar uma leitura dos escritos cristãos mais dinâmicos entre os textos. O evangelho de Tomé, por muitos estudiosos, é considerado como sendo um quinto evangelho. O qual relata os incríveis feitos de Jesus, só que demonstrado no campo das palavras e não dos milagres.

O Evangelho de Tomé, junto com outros evangelhos apócrifos, poderia muito bem dá início a uma criação de um novo Cânon, mas o propósito de tal descoberta não é este, ou muito menos criar uma história, de modo nenhum, mas sim trazer um olhar mais criterioso sob as evidências expostas, para que possamos investigá-las e tentar compreender mais sobre um tempo enigmático do cristianismo.

Quando olhamos para os evangelhos sinóticos, podemos perceber diversas complexidades entre eles. Não são escritos de fácil interpretação, como os apócrifos também não são, por esta razão, se torna tão necessária a investigação, tanto sobre os manuscritos considerados canônicos, quanto sobre os apócrifos. A partir de 1919, nasce uma escola onde podemos estudar a historicidade de Jesus,

De acordo com Benito Marconcini, em seu livro *Aos Evangelhos Sinóticos*,

A partir de 1919 nasce uma nova escola, a ‘história das formas’, que abre perspectivas diferentes na interpretação dos evangelhos. Leva o nome alemão Formgeschichte e o nome inglês Form Criticism e encontra seus principais representantes em M. Dibelius (1883 – 1947), K. L. Schmidt (1891 – 1956) e R. Bultmann (1884 – 1976), distinguindo-se pela ‘demitização’. (MARCONCINI, 2012, p.24)

Benito Marconcini nos traz essa escola, que vai trabalhar com a figura do Jesus histórico, e ele ainda vai dizer que isto é a estreita relação de fé com os sinóticos. Isto é uma demonstração de que fé e razão podem andar juntas. Os elementos da historicidade de Jesus consolidam a grandeza do Nazareno.

Quando se trata dos manuscritos de Nag Hammadi, temos inúmeras perspectivas sobre esses escritos, e possibilidades, que aquelas mesmas pessoas que o acharam, podemos dizer que elas tinham uma desconfiança em relação a eles. Isto fica nítido quando ao acharem os jarros com os Códices.

Segundo Nestor Figueiredo, em seu artigo *O problema da Compilação e surgimento dos códices de Nag Hammadi*,

No processo de escavação ao redor de uma grande rocha arredondada na base da falésia, onde se acumulavam nitratos provenientes daquelas formações geológicas, eles acharam de início um esqueleto humano. Escavando um pouco mais, acabaram encontrando e desenterrando, próximo à ossada, um grande jarro de cerâmica, de aproximadamente sessenta centímetros de altura por trinta de largura, com uma tigela na parte de cima selada com betume. Inicialmente, hesitaram em quebrar o jarro, considerando que um gênio ou espírito poderia residir em seu interior, causando prejuízos caso fosse liberado. Por outro lado, poderia, igualmente, haver um tesouro ali dentro. (FIGUEIREDO, 2019, p.61)

O autor traz informações bastante relevantes para que possamos trabalhar com elas. O mesmo cita um esqueleto humano que se encontrava no local. Isto pode evidenciar que esse esqueleto humano poderia ser um tipo de guardião daqueles jarros encontrados, que talvez tivesse a incumbência de guardar esses manuscritos com sua própria vida. Outra informação trazida pelo autor é que os pastores acreditavam que nesses jarros poderia estar contido um gênio, mas também poderia conter um tesouro.

Podemos dizer que não foi um tesouro, no sentido que os beduínos esperavam, mas não deixou de ser um tesouro para toda a comunidade de estudiosos, para que pudessem esmiuçar esses escritos e demonstrar com eles a diversidade do Cristianismo Primitivo, que por décadas ficou oculto. Esta outra face do cristianismo traz consigo eventuais enigmas que, só examinando com olhares detalhados, podemos ter a compreensão dos primeiros dois séculos da nossa história.

O Cristianismo Primitivo e suas diversas camadas têm muito a nos dizer. Este processo é constante em nossa existência, temos sempre estabelecer essa conexão e estudarmos esses períodos e tentar remontar um tempo mais aproximado daquele que tínhamos nas primeiras décadas. A Biblioteca Copta traz um legado bastante forte em relação ao cristianismo, por esta razão, não podemos deixar de investigá-los.

Quando nos deparamos com a Biblioteca Copta, o nosso primeiro impulso é rechaçá-la ou não dar importância a essa descoberta. Isto acontece mediante a nossa criação, que muitas vezes vem da tradição ortodoxa e pensamos ser “traidores da fé”. Entretanto, quando nos desprendemos dessa dogmática e passamos a enxergar os textos de Nag Hammadi, sem preconceitos, o analisamos de forma ampla sem as mordanças ou correntes intelectuais da ortodoxia. Compreendemos que o texto do Evangelho de Tomé traz consigo uma espiritualidade que não pode ser desprezada.

O Evangelho de Tomé era compreendido como uma forma mística de cristianismo, Essa caracterização ou roupagem criada para este evangelho se dá por causa de muitas pessoas não chegarem ao seu entendimento, o tratavam como sendo algo místico ou, na linguagem dos nossos dias, diferente.

Segundo Anderson de Oliveira Lima, em seu artigo *O Misticismo do Evangelho de Tomé*,

Qualquer cristão desta vertente mística era incentivado a buscar tal contato com Jesus, o que se dava por meio de experiências religiosas, de revelações pessoais, de autoconhecimento... Só depois que esse contato se dava, é que alguém poderia se considerar um discípulo, alguém iniciado pelo próprio Jesus. (LIMA, 2012, p.74)

O autor traz aqui uma perspectiva bastante interessante. Para se chegar a uma compreensão da sapiência do Evangelho de Tomé, a pessoa teria que ser iniciada dentro de um seguimento que focasse apenas nesse universo do Jesus, não o salvador, mas como fio condutor de uma sabedoria que despertaria essa essência divina que existe dentro do homem, segundo o Evangelho Tomezino.

Quando olhamos o Evangelho de Tomé, observamos bastantes semelhanças com o Evangelho segundo João. O Evangelho Tomezino poderia muito bem ser considerado como o quinto evangelho, mediante as suas nuances, mas a ortodoxia sufocou o Evangelho de Tomé e, por esta razão, não se pôde por muito tempo compará-los.

Observaremos, ao longo da nossa pesquisa, que existem semelhanças entre esses dois Evangelhos, João e Tomé. Como também existem diferenças entre eles. Mas isto é uma questão que trabalharemos adiante. Eles são diferentes, ao ponto de que um irá trabalhar a

divindade de Jesus, e outra vai retratar Jesus como sendo o Rabino do primeiro século. João demonstra que através de Jesus todos obtêm a Salvação crendo nele como o único filho de Deus. Já o Evangelho de Tomé vai trazer a relação que Jesus tinha com cada um dos seus mais próximos, em especial o próprio Tomé, para despertar o reino existente dentro de cada um.

A Biblioteca Copta de Nag Hammadi e o Evangelho de Tomé não são duas descobertas diferentes. Entretanto, surgem em um momento da nossa história como um tesouro escondido. Desta maneira, podemos ter mais elementos investigativos dos séculos I e II para compreendermos o surgimento do cristianismo primitivo e suas práticas.

Quais os textos que circulavam nesta época e como eram formadas essas comunidades denominadas cristãs? Essa pergunta fica na mente daqueles que pensam e questionam o poder de uma religião que se tornou aquela grande potência do mundo ocidental. Apesar das pessoas terem uma simpatia pelo cristianismo, as suas raízes são oriundas do judaísmo e devemos compreender esse universo, para, a partir daí, compreendermos o cristianismo.

Segundo Willibaldo Ruppenthal Neto, em seu livro *As religiões nos tempos de Jesus*,

Ou seja, mesmo que a Bíblia seja uma benção na minha e na sua vida, não foi escrita diretamente para nós. Deste modo, mesmo que possamos estudá-la e mesmo compreendê-la a partir de nossa vida, muitas coisas ficam ocultas aos nossos olhos quando não entendemos nem conhecemos o contexto no qual ela foi escrita. (RUPPENTHAL NETO, 2019, p.10)

Fica claro, pelo autor, que a Escritura Sagrada dos cristãos não foi escrita para eles. Por esta razão, muitas vezes, os próprios cristãos têm dificuldade de interpretar a Bíblia, pois não compreendem a cultura, para qual ela foi escrita, que foi a cultura judaica. Por isso, alguns intérpretes ou tradutores desse escrito se perdem com alguns termos por não conhecerem a língua hebraica ou até mesmo o aramaico.

Os próprios discípulos de Jesus falavam aos gregos e eram longos debates. Entretanto, eles tinham as discussões com os gregos, mas tinham a mente voltada para a sua pátria, o judaísmo. Isto fica evidenciado quando o próprio Apóstolo João vai conversar com os gregos sobre o *logos*. Para os gregos, o *logos* era a razão da sabedoria divina, João usa este argumento para afirmar sua própria crença, que o próprio Jesus era este *logos* que os gregos conheciam.

Por este motivo, quando surge o Evangelho de Tomé, de uma linguagem de difícil compreensão, fica bem mais fácil de rejeitar as ideias propostas por este evangelho, devido a uma falta de conhecimento da própria cultura oriental, que o Ocidente não tem. Investigar o

Evangelho Tomezino é importante para que possamos abranger e termos um leque maior do que compreendermos como religião cristã primitiva.

Logo, se a língua hebraica foi a cultura que difundiu os evangelhos e os gregos também reproduziram algumas dessas obras e traduziram para sua língua, isto não quer dizer que eles não compreenderam os textos em hebraico. Se os gregos tinham a facilidade de compreender os estritos hebraicos, os cristãos não têm a mesma facilidade para saber a língua Copta. Por este motivo, é um idioma estranho e a tradução pode parecer uma traição, mesmo assim, o Evangelho de Tomé traz consigo uma mensagem atemporal. Porque, assim como os outros evangelhos demonstram que a obtenção de um favor imerecido vem através de sacrifícios, o Evangelho de Tomé traz as palavras de sapiências de Jesus indicando a porta para um novo caminhar.

Os Evangelhos Sinóticos levam os cristãos a um caminho de redenção através de Jesus, mediante o seu sacrifício vicário, entretanto, o Evangelho de Tomé quer manifestar no homem o que ele tem de melhor, para que desperte a sua confiança na centelha divina existente em cada um dos homens, segundo o Evangelho Tomezino.

As narrativas podem ser diferentes, entretanto, existe uma coisa em comum entre elas, a fidelidade à mensagem. Por este motivo, é que podemos tentar compreender este ponto da história como um no qual as pessoas tinham comprometimento com o que estavam lendo ou praticando. As comunidades denominadas cristãs subsistiam de acordo com o que estava escrito.

O Evangelho de Tomé vem retratar que tipo de convivência existia entre esses primeiros cristãos que levavam a mensagem de Jesus através do Evangelho Tomezino. A Biblioteca de Nag Hammadi vem demonstrar para as pessoas que existia uma forma de espiritualidade entre aqueles que dedicaram uma vida a compreensão deste evangelho.

Os seguidores de Tomé levavam essa missão de propagar a mensagem muito a sério. Tanto é que agora, ao longo da nossa pesquisa, veremos que Tomé foi conhecido como aquele que difundiu a mensagem cristã na Índia. Alguns pesquisadores acreditam que foi Tomé que levou o conhecimento da cultura e religião cristã à Índia.

O conhecimento das palavras ditas por Jesus neste país é de extrema importância, pois na Índia, como já tem o seu panteão de deuses, as palavras de sabedoria de um rabino que movimentou a cultura judaica e sua fama correram por todo o mundo, não poderia ser diferente com os indianos. Jesus, o mestre, com as palavras transformadoras foi capaz de transformar se não toda uma nação, mas boa parte dela. Os indianos não podem ver Jesus

como aquele redentor, mas um grande mestre que foi capaz de causar uma revolução e dividiu a nação de Israel entre aqueles que acreditavam ou não nesse mestre.

## 2.6 A EXPANSÃO DO EVANGELHO DE TOMÉ

O cristianismo terá a sua ascensão com a morte e ressurreição de Jesus. Entretanto, antes da sua morte, Ele deixa uma ordem aos seus discípulos: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.<sup>21</sup> Esta é a ordem deixada para os seus discípulos, que eles devem sair por todas as nações e propagarem a mensagem do seu Evangelho.

Os discípulos seguem essa ordem e vão propagar o Evangelho a todo mundo. Guiados pelo Espírito Santo, foram e fizeram como a mensagem. A narrativa bíblica irá afirmar que os seguidores de Jesus andaram por todas as nações propagando a mensagem do Reino de Deus.

Entretanto, nesta espetacular jornada, iremos ter conhecimento de que o Evangelho, falando sobre esse mestre de Israel, chegou até as Índias. Ora, mas como pode uma nação, que já tem um panteão de deuses e divindades, querer saber sobre um mestre que viveu muito distante de todo esse universo criado pelo povo da Índia?

A partir de agora, vamos tentar compreender como aconteceu a propagação em relação a mensagem de Jesus na Índia e como surgiu esse evangelho no país indiano, e qual a origem dessa propagação. Acredita-se que foi Tomé que propagou o Evangelho de Jesus no país indiano.

Segundo Bruce L. Shelley, em sua obra *História do cristianismo*,

Há boas razões para supor que um cristão desconhecido tenha partido de Edessa rumo ao leste até chegar à Índia. Os chamados cristãos de São Tomé, na Índia, hoje acreditam que esse cristão foi o apóstolo Tomé, o que talvez seja verdade. Uma viagem de Tomé ao sul da Índia no primeiro século teria sido algo bem possível. Isto provavelmente nunca será afirmado sem razoável dúvida histórica, mas podemos dizer, com alguma certeza, que a igreja na Índia existiu desde muito cedo. (SHELLEY, 2018, p.46)

O que podemos perceber, pela fala do autor, é que existem algumas incertezas quanto à propagação do Evangelho através de Tomé. Entretanto, ele não descarta a possibilidade, no primeiro século, da mensagem ter sido divulgada na Índia pelo próprio Tomé, como bem expressado pelo autor com bastante destreza. Deve ser levada em conta a propagação do cristianismo primitivo mediante o Evangelho Tomezino na Índia.

---

<sup>21</sup> Bíblia de Jerusalém (1998 p.1758)

O assunto sobre a propagação do Cristianismo Primitivo, mediante o Evangelho de Tomé, é demasiadamente vasto e daria uma pesquisa só sob o tema. Isto já existe dentro do nosso programa de pós-graduação, como veremos na sequência, pesquisa essa que foi muito bem escrita. No entanto, não podemos deixar de falarmos de Tomé sem adentrarmos neste ponto da nossa história.

Tradições sempre são bastante fortes, entretanto, nenhuma foi tão persistente em se manter ávida às suas crenças quanto os Cristãos de Tomé. Ocorreu uma interação religiosa mediante essa comunidade, não se sabe se foi por mera curiosidade sobre o assunto, ou de fato a vontade de aprender o que Tomé tinha a transmitir.

Segundo Giuliano Martins Massi, em sua dissertação *Cristianismo na Índia: os Cristãos de São Tomé, sua constituição, suas tradições e suas práticas religiosas*,

Poucas tradições interagiram tanto com outras vertentes religiosas quanto os Cristãos de São Tomé. Eles vivenciaram as consequências do debate entre as diversas vertentes diofistas e monofistas, dialogaram com religiões originárias da Índia, sofreram as consequências da expansão islâmica, interagiram com a tradição apostólica de Roma, passaram por dissidências e cismas, tudo isso sem perder a conexão com suas raízes sírias, vindas de Antioquia e de Edessa, e sem abrirem mão de um substrato sociocorreligioso oriundo da cultura hindu. (MASSI, 2016, p.12)

Interessante esta visão trazida pelo autor que, por mais que acontecesse um diálogo entre essas diversas religiosidades, mesmo assim, a crença nas suas raízes hindu ficou intacta. Pensamos que o fator de não ferir a religiosidade indiana, tenha sido fundamental para a aceitação desse Evangelho de Tomé. A propagação da mensagem de um mestre que sempre falava sobre o bem e como lidarmos uns com os outros, pode ter remetido ao aprimoramento dessa nova filosofia cristã na Índia.

A construção do pensamento cristão deve ter acontecido sem ferir, de nenhuma maneira, as convicções do politeísmo dos deuses indianos, por mais que o Cristianismo seja uma religião monoteísta, aconteceu um casamento entre suas filosofias. A mensagem do Evangelho Tomezino teve um encaixe porque não quis impor a mensagem dos Evangelhos tidos como oficiais ou os sinóticos, que devem abandonar suas crenças para seguirem a Cristo.

O Evangelho de Tomé não mencionou que todos seriam subjugados, mas o manuscrito do Evangelho Tomezino retrata, para o povo indiano, que Jesus compartilhava de um pensamento único, que era a restauração do homem, mediante a sua própria conscientização,

de que para ter um mundo melhor, ou um ser humano melhor, o homem tinha que ser esse melhor para ele mesmo.

Mediante a tudo o que foi falado até aqui sobre Tomé, temos a questão da tradição, e isto tem um peso bastante relevante em questões de validação de alguma tendência religiosa. Foi exatamente isto que aconteceu com o Evangelho de Tomé. Acredita-se que essa tradição já vem dos primeiros séculos da nossa história.

Segundo Bentley Layton, em sua obra *As escrituras Gnósticas*,

Entre as obras mais curiosas da literatura cristã antiga, estão as que são associadas a St. Dídimo Judas Tomé, apóstolo do Oriente. Segundo a tradição antiga, a Tomé se deve creditar a conversão do norte da Mesopotâmia e da Índia ao cristianismo e a insigne honra de ser o ‘duplo’ de Jesus, no Novo Testamento (lá ele é chamado de ‘irmão de Jesus’ – visto que Tiago era irmão de Jesus e ele, o irmão do irmão de Jesus). (LAYTON, 2002, p.425)

O que nos chama mais atenção na fala do autor é que ele coloca essa literatura como uma obra cristã, e logo em seguida ele diz que, segundo a tradição antiga, Tomé foi o responsável pelas conversões, tanto da Mesopotâmia como também da Índia. Esse dado é bastante relevante porque o autor vai colocar o Evangelho de Tomé na mesma prateleira dos escritos cristãos. Outro ponto que deve ser observado é o trazido também pelo autor de que Tomé aparece como irmão de Jesus, não um irmão de sangue, por dois motivos: o primeiro é que ele andava com Tiago, o irmão de Jesus; e em segundo lugar, pode ser mediante a proximidade que o próprio Tomé tinha em relação a Jesus.

A viagem do apóstolo à Índia é algo bastante presente e evidenciado em escritos. Não podemos afirmar se de fato isto aconteceu ou não, mas também não podemos desprezar esta informação. As Ciências das Religiões nos dá um leque bastante amplo para a investigação de tais fatos. Ela não está posta no sentido de definir o que é certo ou errado, falso ou verdadeiro, esse não é o papel da ciência, mas sim lidar com fatos e documentação de que o apóstolo Tomé teve na Índia e consolidou a religião cristã por esse país.

O Evangelho Tomezino teve o seu “auge” no Oriente devido à cultura que é muito desprezada dessas questões dogmáticas que encontramos no Ocidente. O pensamento não tem fronteiras, é essa a máxima ensinada por Tomé. Quando o homem é livre em seu entendimento e compreensão, ele pode ter uma conexão evidenciada com a sua dimensão divina ou seu transcendente.

O divino é algo bastante presente dentro da cultura indiana. Sendo assim, os chamados cristãos de Tomé não tiveram que abrir mão da sua cultura ou práticas. Aquelas pessoas

designadas cristãos de Tomé também eram descendentes de brâmanes, já outros eram pertencentes a famílias judaico-cristãs. Não foi pedida aos indianos uma exclusividade para o Cristianismo Primitivo. O que aconteceu foi um compartilhamento de elementos e práticas da cultura hindu.

Segundo Giuliano Martins Massi,

Parte dos Cristãos de São Tomé se assume como descendentes de brâmanes tornados cristãos pelas mãos do próprio apóstolo, enquanto outros se autodeclararam pertencentes a famílias judaico-cristãs “tomesinas” de origem sírio-caldaica. Ambos os grupos constituíram comunidades, predominantemente no atual estado indiano de Kerala, as quais, desde suas origens, perpetuaram suas regras sócio-comunitárias específicas, não obstante compartilhando muitos elementos e práticas da cultura hindu. (MASSI, 2016, p.19)

O que podemos observar, pela fala do autor, é que o Cristianismo através de Tomé só deu certo ser implantado na Índia porque não feriu os preceitos da sua cultura, não aconteceu uma imposição de valores, como conhecemos ao longo da nossa história. As práticas e elementos da cultura indiana ficaram intactas, não houve um abalo radical no seu pensamento ou até mesmo em sua forma de agir.

Mediante a todas essas circunstâncias que envolvem o surgimento do cristianismo na Índia, teria que ter um local de adoração para os cristãos de Tomé, e esse espaço físico, a princípio, não ficou conhecido como a Igreja de São Tomé ou algo desse tipo. Como os indianos são voltados mais para a questão dos ensinamentos, foi criada ou denominada a Escola de Tomé.

Segundo Bentley Layton, em sua obra *As escrituras Gnósticas*,

Embora obras da escola de S. Tomé circulassem no Egito - onde poderiam ter chegado ao conhecimento de Valentino em seus anos de formação -, os especialistas usualmente consideram que tenham sido escrituras na Síria ou na Mesopotâmia, possivelmente em Edessa, uma cidade do norte da Mesopotâmia. (LAYTON, 2002, p.428)

O autor nos traz onde possivelmente Valentino tenha conhecido a obra do apóstolo Tomé e tenha ficava bastante fascinado pela forma de conhecimento transmitida pelo Evangelho de Tomé. Talvez a expansão da Escritura Tomezina só tenha ganhado mais popularidade, por assim dizer, que a ética existente em seus ditos. Veremos, logo em seguida, como ocorreu a propagação do Evangelho de Tomé pela Índia.

A estruturação e estabelecimento do Evangelho Tomezino só foi possível mediante a propagação daqueles que eram denominados de nestorianos, pois eles contribuíram para a expansão do Evangelho de Tomé na Índia. A primeira parte que se expandiu foi na Síria e na Mesopotâmia.

Segundo Giuliano Martins Massi,

São muitos os indícios de que a parte mais oriental da Síria, onde estava localizada a cidade de Edessa, foi o local inicial da missão de São Tomé. Existem diversos sinais característicos da herança apostólica tomesina iniciada na Síria e expandida para a Mesopotâmia. Da mesma forma, há muitas pistas de que muitos seguidores de Tomé levaram o cristianismo até Bet-Lapat, na Pérsia, e até mais ao Leste, alcançando o Extremo Oriente. Os pregadores do ‘odor’ tomesino, conhecidos no Ocidente pelo nome de ‘nestorianos’, foram os que mais contribuíram para a organização primordial do cristianismo em grande parte no Oriente Médio e no sudoeste da Índia. Lá, de acordo com as narrativas, esses seguidores de Jesus originários de um cristianismo Sírio se integraram aos Cristãos de São Tomé locais em uma igreja relativamente hierarquizada, aumentando-a em duas ocasiões, através de duas migrações. (MASSI, 2016, p.91)

A visão mais importante neste parágrafo, trazida pelo autor, é que logo depois da expansão do Evangelho de Tomé, aconteceu uma organização mediante uma hierarquização que foi feita pelos cristãos originários de um cristianismo sírio. Essa integração contribuiu para a manutenção de uma organização do Evangelho de Tomé na Índia.

O Cristianismo correu todo o mundo, e Tomé teve sua contribuição levando as boas novas de Jesus à Índia. Jesus foi conhecido pelos indianos através do olhar tomesino de ser. A expansão da mensagem de Jesus, como um grande homem, foi conhecida pelos relatos do Evangelho de Tomé.

O Evangelho de Tomé é um assunto bastante intenso e muito complexo. Tentamos colocá-lo da melhor forma possível para que todos venham ter acesso a uma linguagem que seja de fácil compreensão. Os manuscritos de Nag Hammadi merecem um olhar bem cuidadoso e criterioso, pois têm muitas situações a serem exploradas.

Por esta razão, é que agora, em nosso terceiro capítulo, iremos trabalhar e examinar as conexões do Cristianismo Primitivo com fragmentos do Evangelho de Tomé, para que assim possamos explorar essas relações e conexões da melhor forma possível.

### **3 AS CONEXÕES DO CRISTIANISMO PRIMITIVO COM FRAGMENTOS DO EVANGELHO DE TOMÉ**

A história do Cristianismo Primitivo é bastante longa, e demandaria um estudo detalhado sobre cada item. Entretanto, nos dois primeiros capítulos, procuramos extrair da melhor forma os acontecimentos da Religião Cristã que, ao longo desses dois mil anos, tem se transformado. Nosso enfoque no primeiro capítulo foi como e por que aconteceu o Concílio de Nicéia, fortalecido com o Império Romano. Um dos grandes estopins para a criação desse Concílio que marcou toda uma história foi o combate das lideranças religiosas da época em relação à ideologia ariana, em que o presbítero Ario acreditava que Cristo teria sido criado em uma determinada época, e ele não existia desde a criação do mundo. Esta foi uma das motivações da criação do Concílio de Nicéia, que aconteceu como uma forma de resposta a essa heresia, segundo os líderes da Igreja Cristã.

Já em nosso segundo capítulo, trabalhamos a descoberta de Nag Hammadi no alto Egito que aconteceu no ano de 1945. Em especial, tratamos de um texto bastante difícil em sua compreensão. Estamos nos referindo ao Evangelho de Tomé, mediante as suas 114 sentenças ou ditos, atribuídos a Jesus. O Evangelho de Tomé não traz consigo uma narrativa como as dos Evangelhos Sinóticos, mas demonstra um Jesus totalmente diferente das outras narrativas tidas como oficiais. O Jesus do Evangelho Tomesino difere totalmente da figura divina do Cristianismo.

Por este motivo, agora faremos uma abordagem para trazer conexões relacionadas especialmente entre os Evangelhos de Tomé e o Evangelho de João, para que possamos demonstrar as semelhanças, mas também as diferenças entre esses dois textos. Como já citado nos capítulos anteriores, o Evangelho Tomesino foi bastante marginalizado ao longo da história. Aprouve, por boa parte do cristianismo, deixar esses textos apócrifos escondidos. Mas se é para ficar ausentes da nossa literatura cristã, algum motivo deve haver para que estes evangelhos tenham sido mortificados por anos.

A construção do cristianismo gira em torno da figura do Jesus Divino. O contraponto do Evangelho de Tomé vai justamente na contramão deste fato. Não que a figura de Jesus no Evangelho Tomesino não se preocupasse com o Reino dos céus, ou algo desse tipo, só que o Jesus do Evangelho de Tomé vai buscar um despertar do homem em relação ao seu próprio eu. A mensagem que o Cristo do Evangelho de Tomé traz é a existência do divino dentro de cada um dos homens.

Através das sentenças neste evangelho Tomesino, Jesus busca justamente este despertar do homem mediante a sua própria conexão com ele mesmo. No Evangelho de Tomé, o homem não vai precisar de um mediador como demonstra os Sinóticos. É apenas necessário encontrar ou se reconectar com a centelha divina que o cristianismo vai chamar de Espírito de vida, ou sopro de vida.

Quando observamos mais de perto as sentenças de Tomé tirando o véu do preconceito ou dos dogmas, começamos a encontrar semelhanças não apenas com o Evangelho de João, mas também com os Evangelhos Sinóticos. Isso faz uma imensa conexão com o cristianismo dos dois primeiros séculos.

Segundo Jean-Yves Leloup em sua obra *O Evangelho de Tomé* (2012, p.15)

Disse Jesus: Se vossos guias vos afirmarem: eis que o Reino está no Céu, então, as aves estarão mais perto do Céu do que vós; se vos disserem: eis que ela está no mar, então, os peixes já o conhecem... Pelo contrário, o Reino está dentro vós e, também, fora de vós. Quando vos conhecerdes a vós mesmos, então sereis conhecidos e sabereis que sois os filhos do Pai, o vivente; mas se não vos conhecerdes, então estarei na ilusão, e sereis ilusão.

O autor nos mostra na terceira sentença do Evangelho de Tomé que este fragmento que pode muito bem ser lido como uma alusão ao texto do Evangelho de Mateus: 24:23,51, a narrativa é praticamente idêntica, o mesmo sentido dado na sentença de Tomé a encontramos também no evangelho de Mateus. Desse modo, os autores dos evangelhos queriam transmitir a mesma mensagem, entretanto, o que pode ter acontecido é que Jesus possa ter tratado com todos em algum momento em particular, podendo dessa forma Jesus ter delegado a cada um dos seus Apóstolos uma mensagem secreta.

Dentro desse universo de sabedoria, Jesus conhecia muito bem seus escolhidos e sabia da capacidade de cada um para a transmissão de seus ensinamentos. O que vimos ao longo da nossa história foi um cristianismo se moldando de acordo com as necessidades dos grandes poderes imperiais, principalmente o Império Romano. Ao escolher quais evangelhos deveriam dizer a verdade, os poderes religiosos da época criavam barreiras para que esses evangelhos encontrados em Nag Hammadi tenham sido totalmente sufocados pelo tempo.

Nesse período em que os evangelhos apócrifos ficaram esquecidos através dos anos, observamos uma perda considerável de sabedorias desses manuscritos, pois são literaturas que expressam o pensamento das correntes existentes nos séculos I e II, que posteriormente ficaram conhecidos como Cristianismo Primitivo.

### 3.1 CONFLITOS ENTRE EVANGELHOS

Dentro do universo cristão, temos um consenso em relação a alguns escritos do Cristianismo, mas se tem algo que a maioria dos cristãos tem como uma unanimidade é o fato do Evangelho de João ser o mais espiritual dentre todos. Ele traz a figura de Jesus como a grande excelência e magnitude do Divino tabernaculando<sup>22</sup> entre nós.

Segundo Elaine Pagels em seu livro *Além de Toda Crença* (2004, p.38)

Assim como muita gente, eu considerava o Evangelho de João como o mais espiritualizado dos quatro, pois, em João, Jesus é não só um homem, mas também uma presença misteriosa, sobre-humana, e diz aos discípulos ‘amai-vos uns aos outros’. Na época, não me detive nas correntes subjacentes e perturbadoras: João alterna essa garantia do amor misericordioso de Deus por aqueles que ‘crêem’ com advertência de que ‘quem não crê, já está julgado’ e condenado à morte eterna.

A autora traz justamente a visão das pessoas que lêem o Evangelho de João pela primeira vez, sentem-se reconfortados e amados pela mensagem do evangelho. Entretanto, o aspecto deste Evangelho de João é consolador e confortante, mas traz consigo a mensagem de que, para poder atingir o Reino de Deus, você tem que crer, caso contrário, a pessoa já está destinada ao inferno, como diz os cristãos.

Muitas vezes não é o conteúdo da mensagem que está fazendo com que as pessoas tenham um caráter diferente mediante o Evangelho, mas como a narrativa é conduzida. A religião tem como um dos seus objetivos unir as pessoas, entretanto, o que acontece é uma segregação entre elas.

Ainda segundo Elaine Pagels, em sua obra *Além de Toda Crença* (2004, p.39)

Quando perdi um amigo íntimo que morreu num acidente de carro aos 16 anos, meus colegas evangélicos se compadeceram, mas afirmaram que, por ser judeu e não ter “renascido”, meu amigo estava condenado pela eternidade. Angustiada e discordando da interpretação deles – e vendo que não havia espaço para discussão –, percebi que já não me sentia bem naquele mundo e deixei a igreja.

Aqui a autora deixa bem clara a questão da segregação entre as pessoas, caso a pessoa não siga o mesmo preceito da outra, “ela é indigna de ter o amor de Deus”. Essa separação entre as pessoas causa, muitas vezes, o esvaziamento nas igrejas por questões de ideologia,

---

<sup>22</sup> O significado da palavra “tabernaculando” vem do livro de Êxodo. Era um lugar de adoração móvel, que era usado pelos hebreus. Anos depois, os cristãos acreditam ser este motivo que, quando Jesus esteve entre eles, o divino “tabernaculava” no meio deles, pois o próprio templo era o ser humano onde reside a majestade Divina.

onde os membros não podem pensar de formas diferentes, pois são taxados muitas vezes de infiéis.

Quando observamos todo esse cenário da religião, compreendemos um aspecto bastante importante, que é a questão do pensar. Ao adentrarmos em algum seguimento religioso não se pode querer que a pessoa perca seu lado racional. A capacidade de expressar uma opinião não pode ser sufocada por uma crença. Não estamos dizendo que a pessoa, ao adentrar em qualquer movimento religioso, não deva seguir as regras previstas dentro do seu universo religioso, mas que ela não perca a capacidade de estabelecer uma conexão com ela mesma e o divino.

Ao olharmos todo esse sistema religioso de imposições, começamos a trazer nossa mente cativa aos dois primeiros séculos da nossa história, porque a melhor maneira de conhecer os elementos tão contestados em nossos dias é fazermos uma viagem no tempo, em que temos que levar em conta que não existia um sistema religioso fechado e com suas dogmáticas. Por este motivo, quando investigamos o Evangelho de Tomé, vemos como ele muitas vezes se aproxima dos Sinóticos e de João, como também segue um caminho não ortodoxo.

O evangelho de João demonstra que, para alcançamos o reino dos céus, temos que crer em Jesus como aquele que irá nos conduzir até as mansões celestiais. Entretanto, o Evangelho Tomesino vai retratar que não precisamos de um mediador para possamos encontrar o caminho. No entanto, o que é preciso ao homem é que ele tenha consciência dos seus próprios atos como agente da restauração de si mesmo.

Essa compreensão do mundo em si mesmo no Evangelho de Tomé é tão forte que tem uma sentença que retrata muito bem essa ideia.

Jesus viu algumas crianças que estavam se amamentando ao seio. Disse os discípulos: Essas crianças que estão se amamentando são semelhantes aos que entram no Reino. Eles lhe perguntaram: Então, se nos tornamos crianças, entraremos no Reino? Jesus respondeu-lhes: Quando de dois fizerdes Um e quando fizerdes o interior, o exterior como interior, e o alto como baixo, quando tornardes o masculino e o feminino um Único ser, a fim de que o masculino não seja um macho nem o feminino uma fêmea; quando tiverdes olhos em vossos olhos, a mão em vossa mão, e um pé em vosso pé, um ícone em vosso ícone, então, entrareis no Reino!. (TOMÉ, 2017, p.20).

Evidencia-se nesta sentença 20 do Evangelho de Tomé que não basta apenas o elemento “crer”, mas também muitos outros aspectos. Trabalhar o interior como o exterior dá indícios de que você tem que deixar “sua casa”, que neste caso é seu corpo e sua mente limpas para poder serem participantes de um novo mundo. Também temos a questão de nos tornamos

um ser que não é feminino e muito menos masculino, mas traz a ideia de um ser celestial que não possui sexo. A completude não depende apenas do crer, mais de compreendemos o que devemos fazer.

O Evangelho de Tomé não isenta o homem da participação na construção por um mundo melhor, pelo contrário, ele busca colocar o homem como o alicerce central da modificação humana. Existe uma passagem no Evangelho segundo João que diz: “Mas a todos que o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1843). Mais uma vez aparece implicitamente a mensagem do crer. No entanto, para crer, você tem que conhecer e estar diariamente com alguém para que ela lhe transmita confiança em suas palavras.

Neste aspecto da passagem de João, ele estava transmitindo para as pessoas ou fiéis que eles deveriam crer em sua palavra. Só podemos pedir isto a outra pessoa quando a conhecemos muito bem, assim como Tomé conhecia o seu Mestre. A complexidade da mensagem de João é a mesma do Evangelho Tomesino. Só que um é tido como verdadeiro e o outro é tido como aquele que contém inverdades.

Quando analisamos os textos bíblicos, percebemos que eles passaram por longas transformações até a chegada em nossos dias. Podemos dizer que aconteceu várias metamorfoses principalmente na época dos escribas<sup>23</sup>, conhecidos também como copistas, que ficavam incumbidos de transcrever os manuscritos.

Segundo Bart D. Ehrman em seu livro *O Que Jesus Disse? O Que Jesus não Disse?* (2015, p.56)

Os poucos livros eram produzidos em cópias múltiplas, que diferiam entre si, porque os copistas inevitavelmente faziam alterações neles – mudando as palavras que copiavam, tanto por acidente (por causa de um escorregão da pena ou por alguma outra falta de cuidado) como por decisão consciente (quando o copista alterava propositadamente as palavras que copiava). Quem quer que lesse um livro na Antiguidade nunca estava cem por cento seguro de que estava lendo o que o autor escrevera. Palavras podiam ter sido trocadas. E, de fato, podiam mesmo, mesmo que só um pouco.

Agora vamos adentrar em um terreno pantanoso, abordado pelo autor, que são as questões de como eram produzidos esses escritos e as transformações sofridas por eles. Ele traz a produção desses escritos que eram produzidos a mão, sem contar que podiam sofrer mudanças muitas vezes não intencionais, como também podiam ser adulterados

---

<sup>23</sup> O escriba ou escrivão era aquele que na antiguidade e também durante a idade média dominava a escrita e a usava para redigir as leis de sua região, a mando do governante, ou as normas de uma determinada religião, antes da invenção da prensa móvel.

conscientemente. Por estes motivos, devemos tomar bastante cuidado em afirmar que tal escrito contém a verdade e outro não, pois a verdade de alguém não pode ser a do outro. Isto vai muito do ponto de vista de cada um, é algo bastante subjetivo.

Como já citado outras vezes, a disciplina de Ciências das Religiões não está preocupada em mostrar as pessoas uma “verdade”,<sup>24</sup> mas trabalhar os manuscritos de forma que possamos examiná-los e compreendê-los por si só. O Cristianismo Primitivo já demonstrado ao decorrer da nossa pesquisa, que é plural, demonstra a multiplicidade da religião cristã e suas faces. Claro que não podemos compreender todos os elementos do Cristianismo. Entretanto, esses manuscritos de Nag Hammadi nos abre um leque bastante extenso para a diversidade de textos existentes nos 2 primeiros séculos.

Ao passo que mergulhamos nos textos apócrifos, começamos a ter uma visão de mundo e do cristianismo que não tínhamos antes. Amplia-se o universo onde parecia que tudo sempre tivera uma concordância entre todos. A investigação desses manuscritos apócrifos nos demonstra o contrário. Existiu no cenário literário do Cristianismo sempre uma lacuna de certos povos e costumes.

A relevância desses textos apócrifos é justamente a demonstração de um universo paralelo daquele que sempre quis mostrar no cristianismo. A literatura cristã sempre é apoiada naqueles que Deus derrotou e deu vitória ao seu povo, esta é a narrativa cristã. Mas como foi solidificada as comunidades do I e II séculos? Esse tipo de perguntas sempre nos motiva a buscar a compreensão de uma história tão complexa que nos contam tão simploriamente em nosso universo religioso.

Os paradigmas e completudes dessas histórias ninguém nos conta, e quando vamos fazer algum tipo de questionamentos simplesmente já tem a resposta vaga ou escorregadia: foi a vontade de Deus. Conformamo-nos com essa resposta até certo ponto, mas depois precisamos de elementos que supram a nossa vontade de saber.

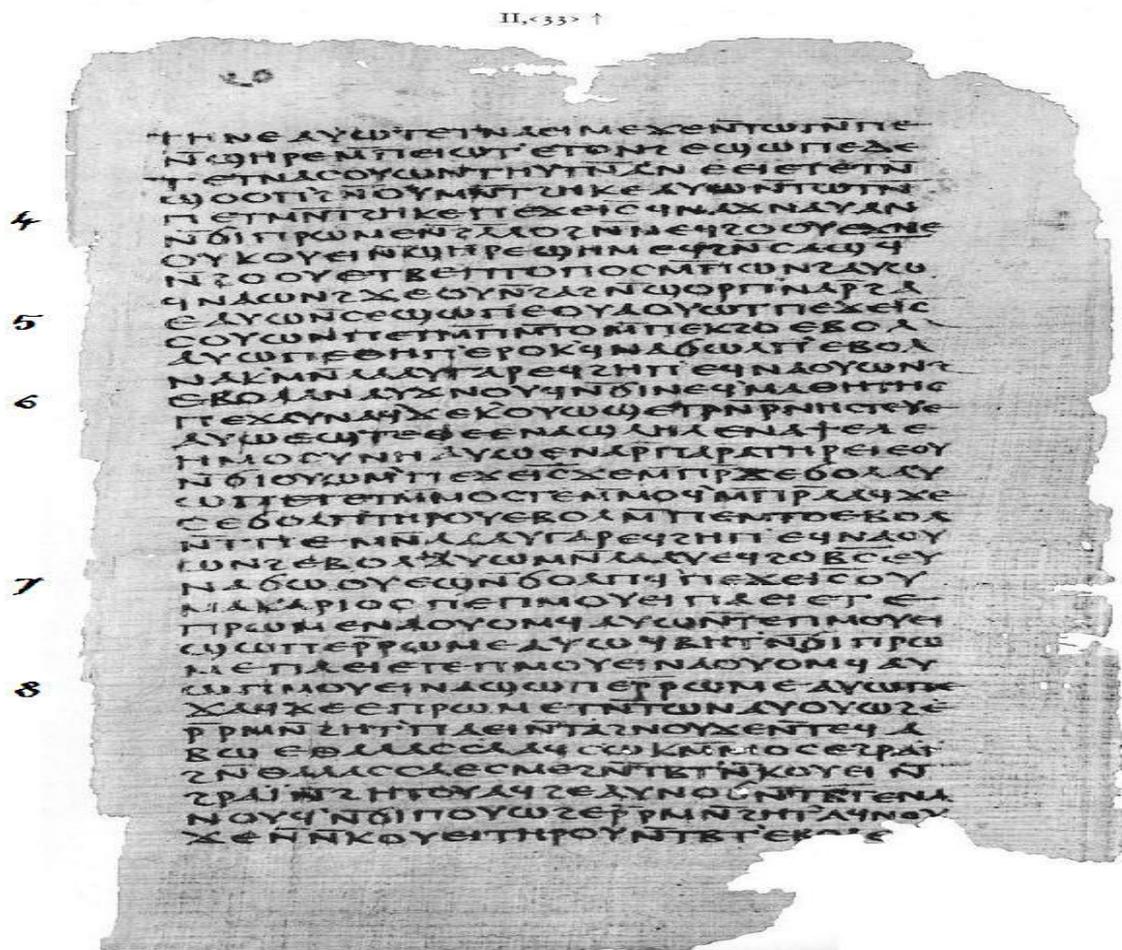
A sapiência desses textos apócrifos não nos conduz a uma completude de respostas, mas podemos observar as perseguições por conta desses manuscritos, o homem interferindo no curso da história. Começamos a compreender que nem tudo é a vontade de Deus, que para alcançamos o glorioso Reino Eterno depende não apenas da Divindade, mas de todos. Passamos a enxergar um mundo coletivo e não a visão unitária de que o homem não precisa fazer nada, apenas aceitar Deus e “nada mais”. Os textos apócrifos retratam um universo bem

---

<sup>24</sup> Este termo “verdade”, estamos nos referindo a uma verdade cristã, mas a ciência não pode afirmar este conceito de uma única verdade.

coerente daquele apresentado em nossa infância, onde para haver o estabelecimento de uma nova era, passa pela vontade do homem e não apenas de Deus.

### 3.2 FRAGMENTOS DO EVANGELHO DE TOMÉ E O ASPECTO DIFERENTE DESSE MANUSCRITO



**Figura 02** – Extrato do Evangelho de Tomé. Disponível no site: The Gnostic Society Library. Acesso em 08 out. 2021.

Neste fragmento do Evangelho de Tomé, que é na língua Copta, queremos ressaltar a sentença de número sete, que é bastante intrigante, e nos conduz a pensamentos muito além do nosso imaginário. “Disse Jesus: Feliz o leão que será comido pelo homem; porque o leão tornar-se-á homem. Infeliz o homem que será devorado pelo leão, porque esse homem tornar-se-á leão”. (TOMÉ, 2017, p.16)

Aqui temos uma visão bastante complexa quando olhamos para esta sentença e ficamos muitas vezes aturdidos. Entretanto, uma tradução possível que possamos dar a esta sentença é: essa primeira afirmação que “feliz é o leão que pode se tornar homem”, podemos compreendê-la que o homem pode conter a força do leão; já a segunda parte pode ser

compreendida assim: quando o leão devorar o homem, ele perde todas as suas forças e sucumbirá.

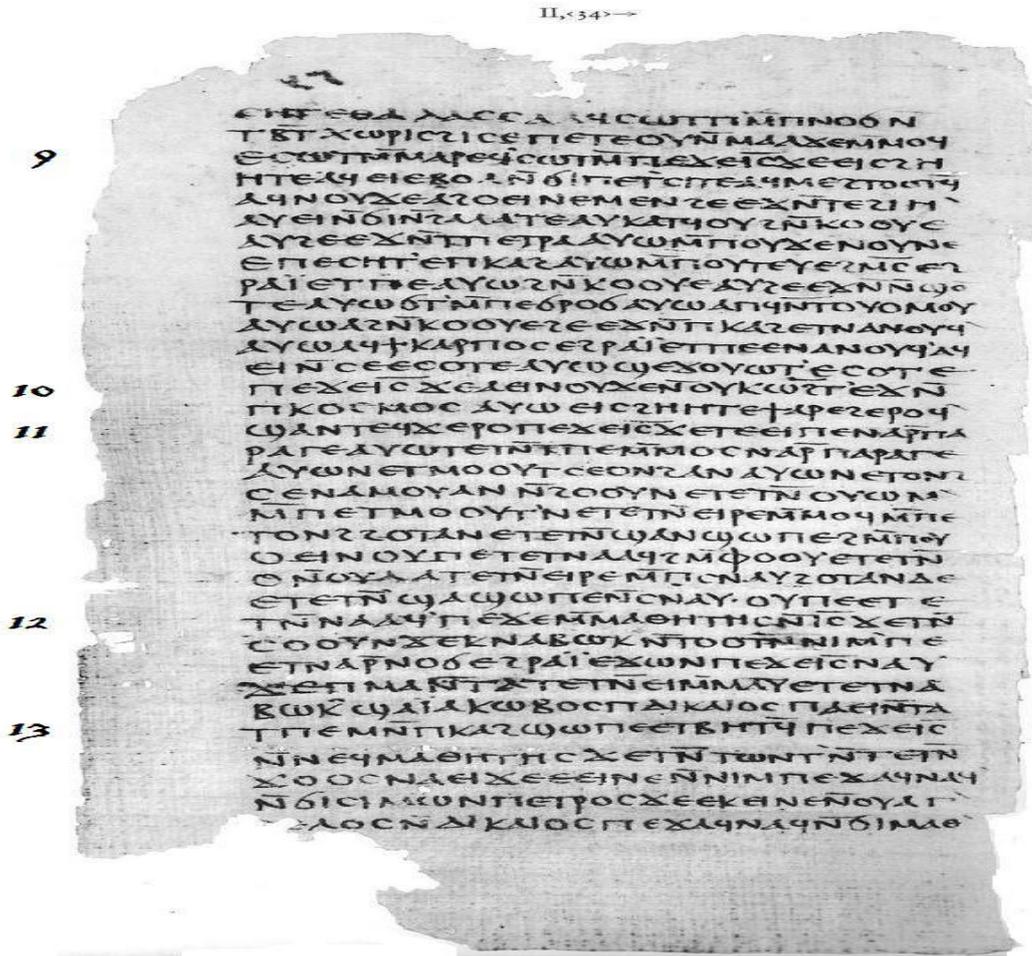


Figura 03 – Extrato do Evangelho de Tomé. Disponível no site: The Gnostic Society Library. Acesso em 08 out. 2021.

Este outro fragmento de Tomé demonstra a diferença entre os Evangelhos Sinóticos e também difere e muito do Evangelho segundo João. “Disse Jesus: Vim pôr fogo ao mundo e eis que hei de preservá-lo, até que arda”. (TOMÉ, 2017, p. 17). Aqui podemos ver que Jesus irá trazer fogo, uma destruição aparente. Entretanto, esse fogo pode ser algo simbólico que faça ao homem se consumir pela aflição. Esta consumição pode ocorrer por falta justamente do conhecimento que o homem pode alcançar através do autoconhecimento.

Ainda trabalhando essa questão das sentenças sapienciais no Evangelho de Tomé, temos mais uma delas para mostrar e tentarmos fazer uma análise bem sucinta dela.

Disse Jesus aos seus discípulos: com quem me comparais? Dizei-me com quem me pareço? Disse-lhe Simão Pedro: Tu és semelhante a um anjo justo. Disse-me Mateus: Tu és semelhante a um sábio filósofo. Disse-me Tomé:

Mestre, minha boca não é capaz de dizer com quem te pareces. Disse-lhe Jesus: Já não sou teu Mestre uma vez que bebeste e te inebriaste na fonte borbulhante donde eu próprio jorrei... Então, levou Tomé à parte, afastou-se com ele e disse-lhe três palavras. Quanto Tomé voltou para junto de seus companheiros, estes perguntaram-lhe: O que foi que Jesus te disse? Tomé respondeu: Se vos dissesse uma só das palavras que Ele me disse, apanharíeis pedras para lançá-las contra mim! Dessas pedras sairia fogo e seríeis consumidos... (TOMÉ, 2017, p.18)

Esses três fragmentos do Evangelho Tomesino demonstram que, apesar das suas semelhanças com os Sinóticos e com o Evangelho de João, ele traz bastante diferença, mostrando uma riqueza de detalhes. Quando garimpamos esse manuscrito de Tomé, percebemos o quanto ele demonstra uma sapiência ímpar para as comunidades dos 2 primeiros séculos da história e para a nossa época.

O universo oculto das palavras de Jesus para Tomé aponta que eles tinham um grupo fechado, no qual este conhecimento não era para todos, mas para aqueles que viviam e se dedicavam para a vida de ensinamentos de um mundo invisível, além do nosso entendimento. Por esta razão, a compreensão das sentenças tomesinas não é de fácil absorção. A complexidade dessas sentenças ou ditos é tão profunda que uma vida seria pouco para desvendar os mistérios desses ditos.

Quando olhamos para a última sentença citada que foi a 13, enxergamos alguns elementos descritos nessa passagem que ficamos aturdidos por não compreender esses ditos. Foi falado para o discípulo mistérios que estão muito além da mente humana, a ponto do que foi exposto para Tomé, ele não poderia compartilhar, devido à incompreensão da limitada mente humana.

Ao olharmos as sentenças de Tomé, podemos perceber que elas não foram compreendidas por muitos da sua época, devido à completude na sua linguagem. Uma forma de se expressar que nem todos sabiam. Quando esses textos de Nag Hammadi eclodem, tudo parece fora de rumo para o mundo cristão.

Cria-se uma aversão em relação a esses textos, eles parecem afrontar a fé cristã, ou que veio tomar o lugar dos textos já existentes. A intenção é demonstrar que existem outros ângulos do cristianismo primitivo que devem ser investigados. Uma das razões do Concílio de Nicéia ter excluído esses textos fora justamente a falta de entendimento desses escritos.

Assim sendo, acharam por bem excluí-los do Cânon Bíblico com a afirmação de que esses manuscritos não continham a “Palavra de Deus”. Os únicos textos que eram capazes de expressar o amor de Deus era os sinóticos ou o Evangelho segundo João, pois dentre esses quatro escritos o mais espiritual era o de João.

### 3.3 TRANSFERÊNCIA DE PODER

Bem sabemos que dentro do cristianismo existe uma figura bastante emblemática que é a figura de João Batista como é mais conhecido no meio cristão. Porém, quando estudamos outras culturas como o judaísmo, vemos que o mesmo profeta era conhecido como João, o imersor, e que aparentemente não existem diferenças dentro dessas culturas religiosas. Mas não iremos adentrar nelas, pois este não é o nosso intuito, iremos ficar apenas com a figura do cristianismo, o João Batista.

Como já é de nosso conhecimento, sabemos que João batizava no rio chamado Jordão, um pequeno rio em Israel. Quando o profeta executava o batismo fazia com que a pessoa “ressurgisse para uma nova vida”. Um dos intuitos do batismo de João era de que a pessoa despertasse da uma condição de inércia espiritual.

Segundo Justin Taylor em seu livro *As Origens do Cristianismo* (2010, p.48)

A pesquisa moderna do Jesus histórico concorda que Jesus foi batizado por João e que sua missão propriamente dita começou no momento em que se tornou sucessor de João, embora no devido tempo ele tenha feito alguns ajustes em sua mensagem e adotado um estilo um pouco diferente.

O que chama a atenção na fala do autor é a sucessão do ministério de João para Jesus, o que podemos perceber também é que, além dessa sucessão, temos uma transferência de autoridade. O que fica evidenciado é que Jesus, para iniciar o seu ministério, recebe o “aval” de João. Essa transferência significa que, naquele momento, o Cristo estava despertando o seu lado divino, podendo, dessa forma, começar a sua trajetória de paixão e morte como cita o cristianismo.

Ao percebemos essa transição, compreendemos que o indivíduo teve um despertar de propósito. O mesmo acontece com as sentenças do Evangelho de Tomé, quando a pessoa compreende o significado das sentenças, abre os olhos para, de fato, que aquilo era real em sua volta, e até aquele instante ele não percebia por que não tinha despertado para o mundo invisível ao seu redor.

A pessoa que mergulha no universo dos ditos tomesinos tem a tendência em compreender o mundo por outra perspectiva, o mundo passa a ficar mais palpável, mediante as suas novas descobertas. Esta relação de mundo e pessoa forma uma simbiose perfeita, porque o ser humano começa a enxergar um mundo além do seu, e as explicações dadas ao sujeito, ao longo da sua trajetória de vida, passa a ser muito além do imaginável.

Mediante todo esse estudo dos conhecimentos apócrifos e todos os esforços dos pesquisadores em trazerem esses manuscritos de Nag Hammadi até nós, ainda assim, encontramos resistências nos debates relacionados a textos bíblicos, porque o que prevalece, ainda nos nossos dias, são os escritos canônicos.

Segundo Paulo Augusto de Sousa Nogueira em seu livro *Apocrificidade* (2015, p.9)

Apesar dos ganhos das últimas décadas, ainda persiste nos estudos bíblicos, em especial no estudo do cristianismo primitivo, uma tendência a incluir os textos canônicos na discussão, mas a partir de perspectivas que ainda preservam estruturas de análise a partir de listas: listas de canônicos e listas de apócrifos, textos oficiais e textos proibidos; ortodoxos e heterodoxos. Dessa forma, os apócrifos seriam uma coleção alternativa, secreta, testemunhos de formas espúrias (ou consideradas espúrias) de cristianismo. Por detrás de nossa abertura para com os apócrifos, ainda se escondem nos procedimentos acadêmicos os sistemas de classificação arbitrários das gerações passadas e de instâncias de poder eclesiais.

A fala do autor reflete bastante o que representa os textos apócrifos para a nossa geração e também para as gerações anteriores a nossas, por mais que em nossos dias isso tenha se equilibrado um pouco, mesmo assim tem sido um ponto de discórdias entre alguns estudiosos. Paulo Augusto demonstra em seu parágrafo que, infelizmente, o que prevalece ainda hoje é a versão canônica de 325.

Por mais que muitas vezes a compreensão de tempo e espaço seja diferente, esses textos apócrifos ainda são vistos e entendidos como uma escrita sem “valor” para o mundo cristão, e sempre são enxergados como literaturas não importantes, pois não trazem consigo uma narrativa de milagres onde possam explorar um pouco mais a divindade do homem Deus.

Ao observamos os textos apócrifos, em especial o Evangelho de Tomé, temos a dimensão das situações que aconteciam em seu tempo, quando se falava de uma compreensão humana que transcende o intelecto, que busca falar para o homem que ele é o fio condutor para trazer este mundo invisível e torná-lo visível a todos.

Daí a importância que esses textos exercem em nossos dias, porque trazem a visão de um mundo e de um Jesus totalmente diferente do qual estamos costumeiramente acostumados a ver nas igrejas e escolas dominicais. O Evangelho Tomesino suscita a visão de um homem que revolucionou uma geração não através de seus milagres, mas mediante a sua palavra. Tomé demonstra um Jesus filosófico, se assim podemos dizer, um homem que era versado em um conhecimento sobre o ser humano.

Ainda tratando da imersão de Jesus nas águas por João, naquele momento, ele apontava o caminho que todos que o ouviam deveriam seguir. A missão de João estava

cumprida, que era preparar as veredas para que Jesus pudesse prosseguir. Da mesma forma, quando somos imersos pelas sentenças de Tomé, começamos a enxergar as veredas pelas quais devemos caminhar.

Isto fica bem evidenciado em suas sentenças, revelar ao homem que ele é capaz de conhecer a si mesmo se ele buscar tal sapiência. “Disse Jesus: Aquele que conhece tudo, mas não se conhece, está privado de tudo”. (TOMÉ, 2017, p.31). Vejam que os ditos de Tomé giram em tornar de um alto conhecimento do homem, com ele mesmo, confrontar o seu próprio eu e não ser privado de um mundo que quer se revelar para ele.

Por esta razão é que o simbolismo da imersão de Jesus é algo a ser observado com bastante prudência, porque mediante esse batismo Jesus ressurge com autoridade, ele despertou a conexão divina e começa o seu caminhar. Insistindo um pouco mais, é justamente isto que faz dos ditos tomesinos esse ressurgimento, esse abrir de olhos para outra dimensão além da nossa.

Observando o Evangelho de Tomé desta forma não implica dizer que os sinóticos não tenham esse mesmo potencial, este não é o intuito da nossa pesquisa, mas demonstramos que este manuscrito tomesino poderia muito bem estar no Cânon Bíblico, porque traz grande potencialidade e uma visão de mundo igual, os sinóticos e o evangelho de João.

O Evangelho de Tomé já é encarado por alguns como sendo o quinto evangelho, justamente por manifestar no homem esta visão de mundo. Por mais que tenha suas diferenças com os sinóticos e com o evangelho segundo João, não implica afirmar que ele não tenha potencial para estar na Sagrada Escritura Cristã.

Devemos sempre enxergar o cristianismo primitivo como múltiplas faces de uma mesma moeda. Ao tentar fixar nosso olhar apenas por um ângulo dessa multiplicidade, que é o cristianismo, perdemos muito em todos os sentidos, mas creio que a grande perda fica mesmo na questão das literaturas que eram produzidas. A eclosão desses manuscritos não se deu de forma aleatória, mas sim com a intenção de manifestar os conhecimentos existentes dos I e II séculos da nossa história, para que tivéssemos uma compreensão mais ampla do que é essa religião monoteísta.

### 3.4 A FORÇA DAS LIDERANÇAS ECLESIAÍSTICAS

A construção do cristianismo perpassa por inúmeros interesses e um deles é quem detém o poder tem o controle de toda uma narrativa, seja ela qual for. No aspecto da religião,

foi justamente isto que aconteceu: o cristianismo, com sua força e imposição, conseguia ir ganhando espaço nos diversos lugares do mundo.

Um bom exemplo disto é a tradução da Bíblia feita por Jerônimo<sup>25</sup>, foi um dos pais da igreja. Ele foi responsável pela tradução da vulgata. Jerônimo fez esta translação não encontrando resistência para tal, porque tinha o apoio de muitos. Entretanto, poucas pessoas estavam preocupadas com o que estava acontecendo.

Segundo F.F Bruce em sua obra *O Cânon das Escrituras* (2011, p.90)

Não ficaram nem um pouco impressionados com o argumento de que a nova tradução era muito mais exata que a anterior. Naquela ocasião, como agora, exatidão era algo que preocupava apenas à minoria. Não obstante, o puro e simples mérito da versão de Jerônimo venceu essa batalha, até que ela passou a ser conhecida como a edição 'Vulgata', ou seja 'comum' – designação que previamente fora usada para a versão que a obra de Jerônimo suplantou.

O autor traz algo que é bastante relevante e atual, o envolvimento das pessoas quanto às questões eclesiais. Jerônimo escreve esta versão e ninguém a questiona. Não estamos nos referindo aqui se a versão é certa ou errada, mas sim a participação das pessoas. Exatidão não era algo que preocupavam as pessoas já na época de Jerônimo, avalie em nossos dias.

O que queremos chamar a atenção é para a seguinte situação: se existe uma força eclesial mediando qualquer assunto referente à religião, o fiel não tem como refutar devidas decisões por mais que não pareça ser as mais sensatas, porque o sacerdote tem o respaldo daquela que detém a palavra final, a igreja.

Evidencia-se assim o porquê da não aceitação dos manuscritos de Nag Hammadi perante a igreja. Esses textos não condizem com a mensagem a qual o Cristianismo que transmitir. A imagem do redentor e salvador do mundo. Na versão dos ditos tomesinos, não encontramos um homem morrendo por todos, mas uma transmissão de autoridade através do alto conhecimento.

Os manuscritos de Nag Hammadi sempre encontraram este tipo de resistência em relação a sua veracidade, entretanto, não podemos afirmar que não são verídicos. Estes escritos são pensamentos de um cristianismo nascente, em que tudo passou a fazer sentido,

---

<sup>25</sup> Jerônimo nasceu em Estridão, perto do mar Adriático, e estudou em Roma devido aos seus pais ricos. Acredita-se que ele tenha se tornado cristão após visitar, com um grupo de amigos, os túmulos dos mártires (por volta do ano 366). No ano 374, Jerônimo teve uma visão em que foi repreendido por seguir Cícero e não a Jesus. Isso desencadeou em Jerônimo uma dedicação ao estudo da Bíblia. Mais tarde, ele conheceu Gregório Nazianzeno e se tornou secretário do Papa Dâmaso I, que o encarregou de criar a Vulgata, uma nova tradução latina das Escrituras. Após a morte de Dâmaso, Jerônimo viveu de forma monástica em Belém, investindo suas forças em traduzir e a escrever comentários bíblicos.

para comunidade cristã. O que não conseguimos compreender é porque, nos 2 primeiros séculos da nossa história, esses manuscritos circulavam livremente nas primeiras comunidades e hoje são encarados como a grande heresia.

Segundo Bart D. Ehrman em seu livro *O Que Jesus Disse? O Que Jesus não Disse?* (2015, p.57)

Dispomos de uma série de referências à prática da cópia nos textos cristãos primitivos. Uma das mais interessantes provém de um texto popular do início do século II, chamado O pastor de Hermas. Esse livro foi muito lido do século II ao século IV cristãos; alguns cristãos acreditavam que ele devia ser integrado ao cânone das Escrituras. Ele está incluído como um dos livros do Novo Testamento, por exemplo, em um dos mais antigos manuscritos ainda subsistentes, o famoso Códice Sinaítico, do século IV. No livro, um profeta cristão chamado Hermas recebe uma série de revelações, algumas delas a respeito do que está por vir, acerca da vida pessoal e comunitária dos cristãos da época.

O que fica evidenciado pelo autor é que já existiam muitos outros textos que não faziam parte do cânone, e mesmo assim, já reivindicavam o direito de estar nele. O Evangelho de Tomé não é o primeiro a querer ser reconhecido como uma escritura válida para a comunidade cristã. A mensagem desses escritos pode revelar um mundo cristão muito mais diversificado e ainda mais complexo do que já é.

Esse manuscrito tomesino abrange ainda mais a pluralidade existente nas religiões e principalmente no Cristianismo. Tomé, com suas sentenças ou ditos, demonstra que ainda temos muito a aprender sobre essa religião cristã. Esta pesquisa não tem o intuito de fechar esse assunto, pois esta não é a função da pesquisa, mas abrir um leque para que mais pessoas possam identificar substâncias mediante este tema, para que possamos a cada pesquisa ir desvendando os aspectos do cristianismo.

A riqueza de detalhes em torno de cada camada do cristianismo é algo bem árduo quando nos dispomos a pesquisar, mas também bastante intrigante, pois achamos de dramas a romances, de vilões a mocinhos, e a eterna briga entre a dualidade bem e mal. É assim que podemos enxergar o cristianismo. Os manuscritos de Nag Hammadi trazendo um novo elemento, Tomé acrescenta mais um capítulo a esta trama tão bem elaborada chamada cristianismo.

### 3.5 UM COMPÊNDIO SAPIENCIAL

Ao logo da nossa dissertação, estamos mostrando a importância dos manuscritos de Nag Hammadi para a história do Cristianismo Primitivo. Mas agora iremos tentar trazer ainda

mais para perto essa sapiência que são os ditos tomesinos, e retratar a sua relevância para o cenário da religião cristã.

Iremos ver agora algumas outras sentenças do Evangelho de Tomé e a sua relevância para que o homem possa compreender a transcendência ao alcançar este domínio das sentenças sapienciais. “Disse Jesus: Os céus e a terra enrolar-se-ão diante de vós. Aquele que vive do Vivente, não conhecerá o medo nem a morte porque foi dito: O mundo não é digno daquele que se conhece”. (TOMÉ, 2017, p.40)

O que podemos perceber com essa sentença é que aquele que desvenda os mistérios do mundo invisível é incapaz de se conformar com o mundo material ao qual ele vive, porque se o mesmo for falar sobre o que está por vir, tornar-se uma pessoa *non grata* para o seu próprio mundo, tornando-se um ser alheio a tudo que existe a sua volta.

Nem todas as pessoas estão preparadas para conhecer essas sentenças, pois elas não são meros livros que nos sentamos e lemos tranquilamente. No entanto, é algo que demanda tempo e conhecimento do que se busca para sua vida. Essas sentenças são elementos da existência de um mundo além do nosso. Em que ponto a mente humana eleva-se para obter este comprometimento com os ditos tomesinos? Não sabemos, mas uma coisa é certa, aquele que buscar a compreensão de tais sentenças tem que ter em mente que será uma caminhada solitária.

Por razões iguais a estas citadas, o Evangelho Tomesino causa interesse em alguns e repulsa em outros, mas não pode ser ignorado, é uma fonte literária que não deve simplesmente ser excluída do meio cristão. O Evangelho de Tomé reconstrói uma parte do cristianismo primitivo que poucas pessoas se dispõem a conhecer.

A religião cristã tem como sua essência a mensagem de Cristo, assim também como o Evangelho de Tomé tem suas raízes centradas na mesma figura, só que por óticas diferentes. Então por que excluir essa diversidade do meio cristão? O próprio Cristianismo diz que ele e homem, e Deus ao mesmo tempo. Esta é a narrativa ao longo dos anos transmitida de geração a geração pelo cristianismo. Veja que esta é uma visão muito complexa se comparada a visão de Tomé. Por quê? Tomé apresenta Jesus como um Rabino do século I o Cristianismo traz a dualidade de Jesus homem, mas também divino. Por questões iguais a estas, é que um evangelho complementa o outro.

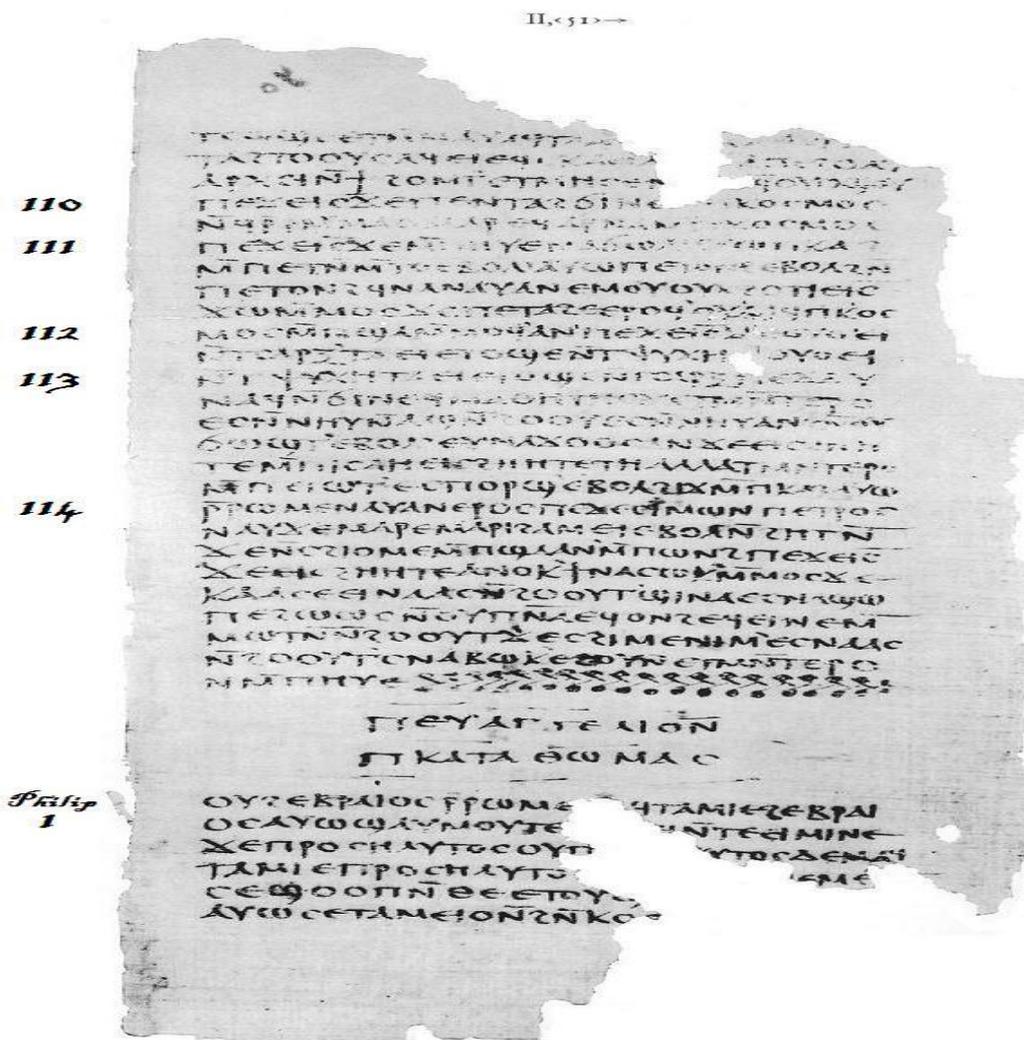


Figura 04 – Extrato do Evangelho de Tomé. Disponível no site: The Gnostic Society Library. Acesso em 12 out. 2021.

Aqui temos mais um fragmento do Evangelho de Tomé onde queremos chamar a atenção especialmente para a sentença de número 111. “Disse Jesus: Quem não odiar o pai e a mãe, como eu, não poderá tornar-se meu discípulo; porque minha mãe gerou-me para a morte, quanto à minha verdadeira mãe, deu-me a vida”. (TOMÉ, 2017, p.38)

Esta é uma mensagem muito complexa e dualista, que quando lida rapidamente torna-se até repulsiva mediante todos os valores éticos que temos. No entanto, essa sentença requer bastante atenção para os seus mais minuciosos pontos. Até aqui, compreendemos no Evangelho de Tomé que muitas das mensagens de Jesus em suas sentenças estão se referindo a uma transcendência de pensamento e atitude. Com essa sentença em especial não é diferente, Jesus está se referindo a uma mortificação para tudo aquilo que impede o homem de atingir a visão de mundo celestial.

Por isso, ele usa uma linguagem metafórica e impactante como esta para se referir que devemos odiar tudo aquilo que nos prende a este mundo, e não necessariamente a pai e mãe. É tanto que ele prossegue, minha verdadeira mãe deu-me a vida, ao prosseguir com o relato, quando usa o termo “minha mãe verdadeira”, ele está tratando de um mundo celeste, onde a sua mãe ou essência criadora não o entregaria jamais, e a condição humana dele é capaz de torná-lo corruptível.

Quando observamos todos esses aspectos complexos nas sentenças do Evangelho Tomesino, temos uma noção do porquê a cristandade o rejeitou e tornou os livros apócrifos como aquela literatura não digna de fazer parte do Cânone Bíblico. As nuances estudadas em relação a Tomé é uma loucura para o universo cristão.

A sociedade sempre foi pautada por valores, e quando tentamos trazer alguma relação que não faça sentido, a ideia é logo rechaçada, principalmente quando se trata de religião, pois temos anos de construção de um pensamento muito fechado dentro de um sistema religioso, em que pensar diferente implica dizer que não se concorda com a dogmática ou o conhecimento transmitido pela religião.

E não é isto que ocorre, os manuscritos estão contextualizados nos parâmetros da cristandade não para se tornarem elementos de discórdia, como pensa boa parte das pessoas do cristianismo, que tem contato com os livros apócrifos. Cabe a nós mudarmos este tipo de pensamento. Os manuscritos apócrifos vêm para agregar conhecimento de um período da nossa história que pouco sabíamos. Vem demonstrar como eram as primeiras comunidades dos I e II séculos e como o pensamento filosófico exercia muito mais liberdade para circular livremente entre as primeiras comunidades.

O Evangelho de Tomé retrata um sistema bastante interessante, no qual cada comunidade, dos primeiros séculos, tinha sua crença intocada. Não existia uma imposição de pensamento. Não estamos querendo afirmar com isto que o sistema organizacional da religião seja algo falho. Queremos dizer que o ser humano não era um ser limitado em sua forma de pensamento.

O Cristianismo criou um sistema em que as pessoas que não seguirem a sua maneira de pensar, estão condenadas à exclusão eterna. O conhecimento é sempre transformador em qualquer ser humano. Quando a religião limita o homem, ela também está limitando o conhecimento. A cristandade tem uma máxima que diz: Deus deu o livre arbítrio; se é uma escolha dada pela própria divindade, por que o homem que poda a escolha não tem o estigma dele mesmo querer ser Deus?

### 3.6 O NASCIMENTO DE UM MOVIMENTO

O cristianismo é uma das religiões monoteístas quem tem mais visibilidade em todas as estruturas, seja do ponto de vista econômico e jurídico. Mas o que devemos levar em conta é que nem sempre foi assim. A Religião Cristã passou por inúmeras construções e reconstruções em sua longa história, na qual os seus ícones em todo tempo não foram esses super homens, exemplo disto é o Apóstolo Paulo.

Segundo John Dominic Crossan em sua obra *O nascimento do Cristianismo* (2014, p.28)

Incluo Paulo, não no nascimento do cristianismo, mas em seu crescimento e progresso, o que não é nem insulto deliberado, nem descrédito calculado. Minha decisão baseia-se em quatro fatores, dos quais o último é crucial. Primeiro, não creio que, no século I da era cristã, Paulo tivesse a mesma importância teológica ou histórica a ele atribuída no século XVI, e essa importância mais tardia muitas vezes bloqueia nossa capacidade de avaliar seu significado original.

O autor nos remete a pensar, por que falar dessas figuras imponentes para o cristianismo tendo hoje em dia a Escritura Sagrada dos cristãos em mãos ou qualquer outro estudo se torna muito mais didático e compreensível. Entretanto, nem sempre ocorreu dessa forma. Esses homens que hoje são reconhecidos como os grandes ícones da fé cristã, em especial Paulo, só ficou reconhecido no século XVI, ou seja, toda construção de um pensamento levou anos para ser estabelecido. E por que os grandes estudiosos ou teólogos não exercem esta mesma coerência em relação aos apócrifos?

Essa pergunta pode parecer um pouco complicada de responder, mas, ao longo na análise desses escritos, e ao decorrer da nossa pesquisa, fomos enxergando um fator crucial para não aceitação desses manuscritos de Tomé e os demais. Esses escritos não atendem a demanda da ortodoxia.

A ortodoxia trata esses textos como sendo manuscritos marginalizados de um pensamento dos séculos I e II. Mas felizmente este tipo de pensamento está mudando, só que ainda esbarram na dificuldade de uma estrutura de compreensão mediante a esta literatura tratada como sendo algo espúrio e sem valor algum. A narrativa desses evangelhos apócrifos, em especial o de Tomé, nos lembra que devemos exercer sempre a nossa capacidade crítica de interpretação textual como a dois manuscritos de Nag Hammadi.

Um fundamentalismo religioso fez com que esses textos fossem encerrados por um longo tempo. Entretanto, com o passar dos anos, aprovou como já citado os textos de Nag

Hammadi foram encontrados e difundidos por todo o mundo, causando na estrutura da cristandade certo alvoroço. Mas existe um elemento dentro dessa descoberta que podemos relacionar com o cristianismo, fazendo assim um Midrash<sup>26</sup> para que se torne mais clara para compreensão, é o fator terra.

Segundo Marvin Meyer em seu livro *Mistérios Gnósticos* (2007, p.21)

A fértil “terra preta” do Egito foi contrastada nos antigos textos mitológicos egípcios com a “terra vermelha”, isto é, a terra do deserto além das águas do rio Nilo. Antes de a represa de Assuã ter sido construída para controlar a vazão do Nilo, o rio transbordava todo ano de maneira característica, mais ou menos conforme o esperado. As marcas da água sobre as construções de tijolo e barro mais velhas no sul do Egito mostram como a água costumava subir bem alto durante a estação da inundação. A inundação do Nilo era considerada um dom divino, uma vez que a água revivificante e os nutrientes trazidos por ela inundavam a terra e fertilizavam o solo. A terra vermelha escondia-se além do alcance da água no deserto que circulava o Egito. Em termos mitológicos, a terra preta era do deus Osíris; a terra vermelha seu irmão hostil Seth.

O autor traz a perspectiva de uma terra fértil e produtiva no rio Nilo. Mas o que queremos chamar atenção é para o fator mitológico do parágrafo. É evidente que se trata de dois deuses do Egito, os irmãos Osíris e Seth. Entretanto, quero chamar atenção para a terra vermelha. O homem, no livro de Gêneses, segundo a narrativa cristã, foi criado do barro, e justamente nessas terras vermelhas foram encontrados esses manuscritos saídos de terras férteis, assim como o homem foi chamado por Deus para ser fecundo. “Deus os abençoou e lhe disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.35).

A relação que pretendemos fazer com o texto acima é que os textos apócrifos são fecundos para a história do cristianismo, assim como Adão saíram da terra para trazerem até nós a complementação de uma sapiência já existente. Por este motivo, é que devemos investigar esse manuscrito de Tomé para extrairmos o melhor, para o conhecimento de todos, e, dessa forma, desmistificar este estigma de um texto marginalizado para a comunidade cristã.

---

<sup>26</sup> **Midrash** (do hebraico מדרש) é uma forma narrativa criada por volta do século I a.C. em Israel pelo povo judeu. A palavra **Midrash** vem da junção de duas palavras hebraicas "Mi" **que significa** "quem" e "Darash" **que significa** "pergunta". O plural de **midrash** não é *midrashes* e sim *midrashim*, segundo a língua hebraica. Site: Povo De Israel – História Hidabroot Brasil -hidabroot.com.br. Acesso em: 12 out. 2021.

A região de Nag Hammadi ficou conhecida pelas descobertas desses Códices do cristianismo dos I e II séculos. No entanto, segundo estudos, foram descobertas mais evidências da presença desse cristianismo primeiro na região do Egito, demonstrando, assim, a diversidade e multiplicidades desses textos.

Ainda segundo Marvin Meyer em seu livro, *Mistérios Gnósticos* (2007, p.22)

Desde os primeiros dias, a região de Nag Hammadi era conhecida por uma presença cristã. De acordo com a tradição, São Marcos levou o evangelho cristão para o Egito depois de ter chegado a Alexandria, no Delta do Nilo, no século I d.C. O cristianismo se espalhou por todo o Egito e além dele, para a Etiópia e outras regiões da África, e o cristianismo egípcio assumiu uma variedade de formas e se expressou com uma variedade de espiritualidades: cristã judaica, apocalíptica, alexandrina, gnóstica, maniqueísta, monástica. A multiplicidade do cristianismo no Egito resulta em grande parte da diversidade das manifestações que projetou nos primeiros tempos. Parte dessa diversidade é evidente na biblioteca de Nag Hammadi e nos textos correlatos descobertos às margens do rio Nilo.

Vejam que o autor traz um dado muito importante para a nossa pesquisa. Ele vai acrescentar mais um texto cristão encontrado nas terras do Egito, o evangelho de Marcos, e coloca-o como um daqueles responsáveis por difundirem a visão do cristianismo no Oriente. Foi pesquisada, em nosso segundo capítulo, essa visão de um dos seguidores de Jesus na Índia, o Apóstolo Tomé.

Quando olhamos mais esse dado em relação a Marcos, fica claro que realmente esses textos do cristianismo nascente correram todo o mundo, ou boa parte do Oriente como documentado. Por este motivo, temos que compreender e estudar o cristianismo não apenas como sendo uma religião engessada em um único conhecimento, mas demonstrar a multiplicidade e diversidade já existente desde os primórdios dessa religião cristã.

O pensamento era o que conduzia a construção de uma comunidade, então, este livre acesso aos textos permitia que as pessoas de cada comunidade acreditassem no que era melhor para si, tendo, desta forma, uma expressão da sua religiosidade não afetada com imposições dogmáticas, e sem responderem a nenhum tipo de liderança religiosa. Isto, naquele tempo, era de vital importância para que as próprias pessoas não ficassem presas a sucessões de convicções, ideias ou juízos.

### 3.7 QUEM ERA JESUS?

Essa resposta, por mais que pareça simples de responder, não é, porque para o cristianismo, Jesus é o Salvador do mundo, que veio redimir a todos dos pecados, indicar ao homem o caminho que ele deve seguir. Esta é a visão do cristianismo em relação à figura de Jesus, aquele que é homem, mas também divino.

Segundo John Dominic Crossan em seu livro *Em Busca de Jesus* (2007, p.61)

A moderna Nazaré é uma próspera cidade de turismo e peregrinações. Conhecida como o lar de Jesus, atrai gente de todo o mundo que quer ver o lugar onde ele cresceu e aproveitar para comer o melhor falafel (bolinhos feitos com massa de grão-de-bico frita) de Israel. Os visitantes pechinham com os vendedores, mascateiam ninharias e objetos no mercado, enquanto os peregrinos dirigem-se para a igreja querendo comemorar o lugar onde o arcanjo Gabriel revelou a Maria a divina concepção de Jesus.

O relato do autor demonstra muito bem quem é Jesus para os peregrinos cristãos que vão conhecer a cidade de Israel. Eles estão sempre em busca de vislumbrarem a figura divina de Jesus, por onde ele passou, por onde ele viveu. É como se, ao fazerem isto, eles emergem nas lembranças de tudo que aconteceu sobre o martírio de Jesus, e, dessa forma, trouxe redenção para muitos, segundo o cristianismo.

Essa narrativa dura a mais de dois mil anos. Um homem que desafiou os poderosos e morreu por muitos. A difusão dessa mensagem foi capaz de transformar o mundo, como alguns enxergam as adversidades do dia a dia, pois os cristãos pensam: se Jesus conseguiu, eu também consigo.

Muitos daqueles que acreditam em Jesus tentam praticar tudo o que seus líderes religiosos imputam ser a única verdade e o único caminho. A aplicabilidade desse pensamento perdura até os nossos dias, entretanto, aqueles que ousam ir um pouco mais a fundo em relação a esta figura de Jesus não são bem vistos, pois caso eles busquem outras fontes de saber “estão se desvirtuando do universo cristão”.

A implantação em relação a essas questões de que, se a pessoa procurar outro tipo de sapiência que não seja a cristã, ela está pecando. Aqui temos um dos grandes vilões do pensamento livre, o pecado. Esse estigma cauteriza toda uma construção de pensamento, pois é usurpado do ser humano exercer o seu livre arbítrio, e cauteriza no fiel qualquer exercício do saber. Os grilhões, as amarras que impedem o homem de caminhar com as suas próprias

pernas, são justamente como é colocado para ele o fator pecado<sup>27</sup>. Esta violação impede o fiel de realmente ir mais além em suas pesquisas em relação a Jesus.

Quando tentamos compreender a figura de Jesus por outro aspecto ou ângulo, começamos a ver que, na tradição de Tomé, Jesus era tido como o Vivo, capaz de mostrar ao homem a compreensão de si mesmo, despertando no ser humano, o seu lado espiritual ou sua centelha divina.

Segundo Bentley Layton em seu livro *As escrituras Gnósticas* (2002, p.425)

O tema dos gêmeos era importante no gênero de literatura antiga chamado de “romance”. Mas na tradição de Tomé, longe de ser apenas um exagero romântico, essa relação provia um modelo teológico profundo para relação recíproca entre o cristão individual e a luz divina interior, ou “Jesus vivo”; conhecer-se a si mesmo era conhecer seu próprio duplo divino e, portanto, conhecer a Deus; seguir o Jesus vivo era conhecer-se e integrar-se a si mesmo (BTh 138,7-19s).

Ao longo do nosso estudo, parece até ser algo maçante e até repetitivo, porém extremamente necessário fazer esta distinção entre o Jesus dos Evangelhos Sinóticos e Tomé. Quando olhamos a visão trazida pelo autor de um alto conhecimento, reflete e muito na perspectiva que estamos abordando em nossa dissertação que é a figura humana de Jesus, o Rabino Judeu que viveu e ensinou no século I.

O Jesus não divino exercia um papel fundamental em uma sociedade opressora de sua época, por mais que as pessoas não pudessem se expressar através de suas ações. O Jesus predominante no Evangelho de Tomé era aquele que conduzia o homem a uma mentalidade liberta, para que eles pudessem conhecer-se a si mesmo para alcançar o mundo invisível ou mundo espiritual.

Jesus, com sua filosofia, conseguiu atingir a muitos. Sem dúvida, a sua mensagem era arrebatadora, por isto ele falava para grandes multidões, através de parábolas, pois para conhecer a mensagem oculta das parábolas, o homem teria que conhecer a si mesmo. A grande perspectiva de Jesus era que o homem atingisse o pleno conhecimento da sua própria existência.

Por este motivo, temos que ver a figura de Jesus não apenas como uma figura mística capaz de andar sobre as águas ou até mesmo de curar enfermos. Quando lançamos esse olhar fica muito mais fácil de crer neste super-herói. Entretanto, a relevância da transmissão dos seus ensinamentos é muito mais ampla para a vida do homem, do que o próprio homem possa

---

<sup>27</sup> Violação de um preceito religioso.

imaginar. O Jesus do evangelho tomesino vem convidar o homem a uma dimensão transcendental.

### 3.8 A FAMÍLIA DE JESUS

Muito se tem estudado ao longo dos anos em relação à família de Jesus e como quantos seriam seus irmãos e se de fato ele teve irmão. Este tema no Cristianismo Católico parece ser ainda um tabu, pois muitos tentam preservar a figura de Maria, mãe de Jesus, a respeito de ela ter sido assunta ao céu. A assunção<sup>28</sup> de Maria é um assunto inquestionável para a Igreja Católica. Nós não estamos querendo esmiuçar tais fatos até porque esse não é o foco da nossa pesquisa, mas como estamos tratando da figura humana de Jesus é bom ter um panorama não amplo dessa visão, mas minimamente compreensível.

Existem fontes que vão nos falar sobre essa questão da família de Jesus. Um aspecto bastante discutido é: Se Tiago conhecido como “o usto” era irmão ou primo de Jesus. Sempre pairou essa dúvida a respeito dessa questão. Não seremos nós das Ciências das Religiões que iremos elucidar tal questão, mas sim, vamos trabalhar com as fontes que temos. Existem três vertentes que trata sobre este assunto. São elas: vertentes hagiográfica<sup>29</sup>, literal e literotradicional<sup>30</sup>.

Segundo Antônio Sérgio Valente em sua obra *A Misteriosa Família de Jesus* (2017, p.52)

A segunda, que pode ser chamada vertente literal, baseada em Jo 19, 25, supõe que Maria de Cléofas seria irmã sanguínea de Maria, mãe de Jesus. Neste caso, Maria de Cléofas seria tia de Jesus. O mesmo ocorreria com Cléofas, por afinidade. Já os filhos de ambos, Tiago menor e José seriam primos em primeiro grau de Jesus, primos sanguíneos por parte de mãe. Mas esta vertente não se concilia com a tradução hagiográfica a respeito de Santa Ana, nem com as informações dos proscritos Proto-Evangelho de Tiago e a História de José, o Carpinteiro. Em outras palavras, embora literalmente canônica, apresenta séria objeção conciliatória.

Evidencia-se aqui uma complexidade dos fatos, porque mesmo sendo considerada uma literatura canônica não deixa clara a perspectiva da família de Jesus. No entanto, baseando-nos na cultura judaica do século I, era quase impossível que Maria, mãe de Jesus, tivesse tido apenas ele como único filho. Segundo a própria Escritura Sagrada dos cristãos, a Bíblia diz:

<sup>28</sup> Subida do corpo de Maria ao céu, onde de novo se reuniu à sua alma [Dogma definido pelo papa Pio XII em 1º de novembro de 1959.].

<sup>29</sup> Biografia ou estudo sobre biografia de santos.

<sup>30</sup> Literatura tradicional.

vamos encontrar relatos sobre a família de Jesus, mostrando que Ele teve irmãos. “Não é ele o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p.1729).

A estruturação de uma família é extremamente importante em todas as culturas e em todos os períodos da história. Com Jesus não seria diferente, ele podia muito bem ter uma família convencional, que isto não seria nada de anormal, como também ele considerava aqueles próximos a ele como sendo da sua própria família.

E aqueles que se achegavam a Jesus ficavam fascinados com a sua forma de ensinar, era uma linguagem muitas vezes do próprio cotidiano da época. Jesus muitas vezes usava as ilustrações para falar de assuntos bastantes sérios. É justamente isto que o Evangelho Tomesino tenta evidenciar, um homem que era de origem simples, vindo da pequena cidade Nazaré, exercia um domínio tão fabuloso da Torá<sup>31</sup>.

A espiritualidade nos tempos de Jesus era um assunto bastante presente, como são presentes em todas as culturas, mas como os judeus primavam e eram velosos em relação a este tema, eles tratavam com bastante seriedade. Só que a partir da expansão do Cristianismo, essas literaturas e espiritualidades ficaram concentradas em um único viés, o cristão.

Segundo Maria Almeida et. al (2019, p.20)

A partir de Eusébio de Cesareia (263 – 339 EC), consolidou-se uma literatura providencialista, também teológica, à luz da noção de intervenção direta de Deus na História, que seria comprovada pelos relatos de Moisés, dos profetas, de Jesus no Antigo e Novo Testamento, e, por fim, pela trajetória da Igreja e pela conversão de Constantino. A hegemonia da Igreja, nos séculos seguintes, levou ao falecimento desse conceito teológico, em particular na História do Cristianismo, mas mesmo na História em Geral.

O parágrafo acima trabalha com a hegemonia do Cristianismo, pois com o apoio de Constantino se consolidou com uma das grandes forças existentes dentro do monoteísmo. Eusébio de Cesareia, bispo bastante influente, ajudou a fortalecer essa teologia cristã, suprimindo assim as demais espiritualidades existentes nos primeiros anos da história.

O cristianismo só passa a ter notoriedade a partir do século IV, transbordando de poder e “justiça” que “anulou” qualquer outro tipo de espiritualidade que pudesse existir. O cristianismo achou por bem varrer para debaixo do tapete qualquer vestígio de alguma espiritualidade que pudesse se sobressair. Quando temos nosso ponto de vista, voltados para esta perspectiva, compreendemos o porquê da marginalidade dos textos de Nag Hammadi.

---

<sup>31</sup> Livro que contém essa lei, isto é, as escrituras religiosas judaicas, é conhecido como *Pentateuco*.

Quando olhamos para o cristianismo como uma religião literária, podemos perceber que ela passou por várias construções e reconstruções de pensamentos, até conseguir atingir o seu auge no século IV. No entanto, não devemos ignorar as produções literárias pré-cristãs, que não foram poucas, um período que os estudiosos deixaram conhecidos como o silêncio de Deus.

De acordo com Willibaldo Ruppenthal Neto em sua obra *As Religiões nos Tempos de Jesus* (2019, p.19)

Em primeiro lugar, podemos indicar uma imensa quantidade de obras religiosas sendo escritas. Se consideramos a variedade de textos religiosos judaicos escritos neste contexto, veremos o quão longe este período estava, de ter sido um tempo de 'silêncio'. É neste contexto que surgem inúmeras obras históricas, como 1 Macabeus e 2 Macabeus, obras de sabedoria tais como o Eclesiástico e a Sabedoria de Salomão, obras poéticas como o Salmo de Salomão, livros apocalípticos como os Apocalipses de Baruque (um grego e outro siríaco), dentre outros inúmeros textos, tais como: 2 Esdras, 3 Macabeus, Tobias, Judite, Oração de Manassés, Baruque, Epístola de Jeremias, Carta de Aristéas, Jubileus, Martírio de e Ascensão de Isaías, 4 Macabeus, Oráculos Sibilinos, os livros de Enoque, Assunção de Moisés, 3 Esdras, Testamento dos Doze Patriarcas, Vida de Adão e Eva, Apocalipse de Abraão e Testamento de Abraão.

O autor nos demonstra infinitas possibilidades de literaturas pré-cristãs que podemos explorar para termos uma ideia de como pensavam a base daquelas primeiras comunidades da cristandade. Mas com o grande apogeu do cristianismo, essas literaturas foram sucumbidas ao longo dos anos. E quando temos contato com elas, em nossos dias, pensamos ser uma leitura no mínimo estranha, só que as investigamos, começamos a perceber as diversas camadas dentro do cristianismo.

A multiplicidade de tais temas evidencia que temos um leque de conhecimentos muito mais além daquele que pensávamos ter, que foi excluído por uma supremacia religiosa que impôs e ditou quais os rumos que teriam a espiritualidade do Cristianismo. Por razões iguais a esta é que podemos compreender a relutância para se aceitarem os manuscritos de Biblioteca Copta de Nag Hammadi. Quando se detém o controle da história se detém o poder de controlá-las. Foi exatamente isto que ocorreu com o texto do Evangelho de Tomé, extinto por não trazer um domínio religioso sobre as pessoas.

O grande impacto religioso que isto podia trazer era desastroso. O caminho mais conveniente foi a exclusão não apenas do Evangelho de Tomé, mais de todos os outros compêndios literários citados acima. O impacto teológico que esses textos podiam ocasionar era algo sem medidas.

Entretanto, primeiro a religião cristã certificou-se de estabelecer a psicologia reversa na mente dos cristãos, indicando que esses manuscritos não tinham o mesmo valor daqueles do cânone. Por mais que não existisse este valor teológico em relação a esses escritos, pouco importava para as comunidades dos séculos I e II, pois esse tipo de conceito não fazia sentido algum para essas pessoas. Esta divisão teológica foi criada para facilitar a leitura e catalogar todo um período histórico.

Mas não temos indícios desses manuscritos terem sido explorados pela Igreja Cristã, a não ser, os livros de Macabeus 1 e 2 nas bíblias de versões católicas. Essa nuvem tenebrosa e densa que encontramos sobre tais manuscritos é a aplicabilidade deles na vida do homem. Não precisaria ter uma instituição a dizer o que poderia ou não se ler.

A resistência do cristianismo em relação ao escrito de Tomé e as demais literaturas ocasionou um empobrecimento espiritual. Não queremos dizer que os manuscritos sinóticos não têm o seu valor, longe. Entretanto o Evangelho Tomesino traz em suas sentenças um conhecimento muito amplo do mundo espiritual, esta é o tipo de escrito que não deve ser ignorado, mediante os aspectos de sua sapiência.

Segundo Willibaldo Ruppenthal Neto em sua obra *As Religiões nos Tempos de Jesus* (2019, p.20)

Muitos, como 1 Macabeus, 2 Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, Tobias e Judite, foram considerados importantes ao ponto de estarem na primeira tradução das obras sagradas judaicas à língua grega, na chamada Septuaginta (LXX). Não é à toa, portanto, que são considerados livros sagrados e canônicos pelos católicos hoje.

O autor nos mostra exatamente o que já víamos abordando, quando houve a cisão entre o Judaísmo e Cristianismo, também teve algumas restrições em relação ao cânone bíblico. Aqueles livros, que o judaísmo tinha como sagrados, o cristianismo aboliu para manter esta distinção sobre as religiões. Por este motivo, o cristianismo resolveu por bem adotar apenas alguns livros em sua estrutura sagrada, são eles esses citados que demandam uma importância bastante relevante para o universo cristão católico.

Ao acontecer a segregação entre cristianismo e judaísmo conseqüentemente haverá de ter uma repaginação em relação a boas partes de ritos, mas principalmente onde fica mais evidenciada esta separação é em sua literatura cristã, para que pudesse contém elementos diferentes da religião judaica.

Segundo Bart D. Ehrman em sua obra *O Que Jesus Disse? O Que Jesus não Disse?* (2015, p.73)

Problemas similares, naturalmente, ocorreram com todos os nossos manuscritos cristãos primitivos, tanto os que figuram no Novo Testamento como os que estão fora dele, sejam evangelhos, atos, epístolas, apocalipses ou qualquer um dos outros gêneros de escritos cristãos primitivos. A tarefa da crítica textual é determinar qual é a forma mais primitiva do texto de todos esses escritos.

O autor traz um que de quero mais, porque, se existe uma crítica textual dos manuscritos mais antigos do Cristianismo Primitivo, há também uma tendência a não ter imparcialidade nos consensos desses manuscritos, principalmente os datados dos séculos I e II, que é justamente o período da história que está localizado os textos de Nag Hammadi. O que podemos perceber com a nossa pesquisa é uma frustração da crítica literária cristã em relação principalmente a essa rejeição do Evangelho de Tomé.

O Evangelho de Tomé como os demais evangelhos apócrifos sofre uma retaliação desde os primórdios quando a religião passa a ter a última palavra quando o assunto é Deus. “Disse Jesus: Quem beber da minha boca, tornar-se-á como eu, e eu serei ele, e as coisas ocultas ser-lhe-ão reveladas”. (TOMÉ, 2017). Observamos aqui que Jesus sempre está falando de uma sapiência oculta que cabe ao homem conhecê-la através de uma caminhada solitária em seu mais árido deserto, o seu próprio eu.

Essa sentença de Tomé nos remete a jornada do herói onde ele mesmo tem que enfrentar seus medos, suas expectativas para que possa chegar a seu grande êxito, o conhecimento dele e de tudo aquilo que sempre esteve a sua volta. O mesmo nunca pode contemplar devido a um torpor que existia em seus olhos, o impedindo de enxergar o universo como ele é verdadeiramente, sem que alguém precise pagar o preço por ele pela sua insensatez espiritual. Esse tipo de sapiência nunca interessou para a religião cristã, dessa forma, ela perderia o seu mais infalível triunfo, o poder.

O evangelho de Tomé demonstra um leque de possibilidades que o homem tem para sua vida sem se escorar na religião, pois é muito fácil, quando o homem fracasse em algum aspecto da sua vida, colocar a culpa na Religião ou em Deus, mas nunca olha para si mesmo e não se enxerga como sendo o agente do seu próprio fracasso. É justamente este tipo de pensamento que difere o Evangelho de Tomé dos outros, porque, ao estudarmos essa sabedoria, compreendemos a ineficácia do homem com ele mesmo.

Há tempos ,o homem vem tentando jogar para debaixo do tapete a sua incompetência de se erguer em meio às dificuldades propostas pela vida. O homem se agarra com unhas e dentes no elemento transcendente na infalível e majestosa vontade do seu Deus, que esqueceu de fazer a sua parte. É muito mais cômodo ter uma visão de mundo em que o homem não é

responsável. Ora, se não deu certo é “porque Deus não quis ou foi a vontade diabólica” que não me deixou conseguir.

Esse tipo de pensamento traz o homem em primeiro lugar um incrível comodismo em relação a tudo que está a sua volta, mas principalmente demonstra a capacidade do homem de se eximir de toda sua parcela de culpa por não ter dado certo nada em sua vida, a culpa é das divindades que não estão neste momento o favorecendo. Então, ele usa os elementos dualistas da criação, bem e mal, e nunca o que realmente não faz ele caminhar no mundo invisível, ele mesmo.

Quando observamos toda essa logística de que existe sempre uma divindade pronta a nos conceder o que é bom e a nossa parte o que estamos fazendo para merecer toda essa “maravilha que Deus tem destinada ao mundo cristão”.

Sê firme e corajoso, porque farás este povo herdar a terra que a seus pais jurei dar-lhe. Tão-somente sê de fato firme e corajoso, para teres o cuidado de agir segundo toda Lei que te ordenou Moisés, meu servo. (BÍBLIA DE JERUSALÉM 2002 p.314).

Percebe-se que esta conscientização em ser corajoso e em outras versões é “esforça-te que eu te ajudo”, delega ao homem uma responsabilidade de interação com o transcendente.

Por este motivo, o Evangelho de Tomé nunca foi bem visto pela cristandade, pois demonstra uma liberdade de pensamento em relação ao contexto cristão que precisa se utilizar de um credo para estabelecer aos cristãos a melhor forma de adorar a divindade Deus. Toda estruturação do Cristianismo trouxe excelentes benefícios para os fiéis, porém, em contrapartida, teve um assassinato literário.

O Evangelho de Tomé nunca foi bem visto com bons olhos pelo mundo cristão, e em determinados momentos da história, ele é colocado como um texto gnóstico. Mas essa palavra não significa algo espúrio, entretanto, ao passar dos anos, foi essa conotação que o evangelho tomesino ganhou, assim como os demais textos apócrifos. Vejam que essa biblioteca fica conhecida como os manuscritos gnósticos de Nag Hammadi, já para não criar um viés com o cristianismo.

Segundo James M. Robinson em seu livro *A Biblioteca de Nag Hammadi* (2014, p.16)

A Biblioteca de Nag Hammadi é uma compilação de textos religiosos que varia amplamente entre eles no que diz respeito a quando, onde e por quem foram escritos. Inclusive, os pontos de vista divergem de tal maneira que os textos não podem ser pensados como provenientes de um único grupo ou movimento. Além disso, os materiais diversificados podem ter apresentado algo em comum entre eles, da forma que foram escolhidos por aqueles que assim os coletaram. Não há dúvida de que os colecionadores contribuíram para essa harmonia ao buscarem, nos textos, significados ocultos não

totalmente intencionados pelos autores originais. Afinal de contas, um deles, O Evangelho de Tomé, inicia com a palavra ao sábio: “Quem encontrar as interpretações destes provérbios não provará a morte”. Consequentemente, os textos podem ser lidos em dois níveis: aquele que o autor original tinha a intenção de comunicar e o que os textos subsequentemente supõem comunicar.

Toda a análise que o autor traz neste paragrafo é mais que suficiente para que a comunidade cristã compreenda este tipo de literatura indigna de estar no cânone bíblico. Quando James Robinson encaminha e utiliza o termo “significados ocultos” demonstra um peso indigno a essa expressão, este é um dos motivos que esse manuscrito de Tomé é tido por alguns como sendo um conhecimento gnóstico.

Ainda enfatizando a fala do autor, algo chamou nossa atenção, foi encontrado algo em comum nos textos segundo James Robinson. Isso nos remete aos sábios que escreveram a Septuaginta, que ficou conhecida como a versão dos setenta, e foram encontradas bastantes semelhanças entre os textos canônicos. Entretanto, quando se trata de uma coleção de uma sapiência que não aquela aceita pela Igreja era tida como falsa.

O cristianismo se fechou em uma bolha e não aceita nenhum outro tipo de literatura que não seja a dela. A implantação de uma Cultura Ocidental em relação aos conhecimentos “tragou” a milenar Cultura Oriental. Dessa forma, aconteceu toda uma desconstrução de pensamento, tornando totalmente desfavorável a visão desses escritos para o Oriente.

Toda esta descaracterização e marginalidade de um cristianismo que sobreviveu, por muito tempo à espreita, espera o seu momento certo para renascer. Foi justamente isto que aconteceu com a descoberta de Nag Hammadi em relação a esses manuscritos e podendo observar sem intervenções, de fato, o que esses textos querem nos falar.

Em particular, o Evangelho de Tomé, como demonstrado ao longo da nossa pesquisa, evidencia-se um vislumbre em poder estar sendo conhecido por pesquisadores, como sendo o quinto evangelho, e de simbolizar os ensinamentos do Jesus Histórico. O Rabino que revolucionou e despertou um interesse naqueles que queriam ter contato com a sua centelha divina.

Este é o legado que o Evangelho Tomesino tenta deixar, para que possam ter uma visão de mundo além daquela que nos foi demonstrado ao longo dos anos. O impacto do Evangelho de Tomé retrata a sapiência que nos foi oculta por longos anos e que a Biblioteca Copta de Nag Hammadi veio nos mostrar. Nenhum tipo de conhecimento deve ser descartado ou rechaçado. “Não é adequado rechaçar quaisquer literaturas não canônicas sem um

minucioso estudo de caso, pelo menos”. (LITERATURA APOCALÍPTICA E O LIVRO DOS VIGILANTES, 2016, p.17)

Temos que nos propor a fazermos um exercício investigativo, para chegar a um consenso de determinados tipos variados de literaturas, são de eficácia para o conhecimento humano, antes de descartá-la porque não vai de encontro aquilo que eu acredito. A sapiência independe do crer apenas de um seguimento religioso. O conhecimento é algo individual. O Evangelho de Tomé demonstra justamente isto, o conhecimento deve ser trilhado por você mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cristianismo Primitivo sempre foi e é alvo de bastante investigação, tanto nos meios acadêmicos como também nos arqueológicos. A Religião Cristã exerce o fascínio na mente de muitas pessoas continuamente. Nossa investigação se propôs a analisar o cristianismo a partir dos séculos I e IV, e claro, fazendo um recorte específico. Detemo-nos a observar como era o pensamento das comunidades dos primeiros tempos que antecederam o cristianismo. Começamos vendo a mudança que teve essa religião cristã, a partir do século IV, depois da instauração do Concílio de Nicéia, que exerceu na mente das pessoas todo um construtivismo do que podiam ou não ser o grande carro chefe do Monoteísmo, a salvação.

Quando o cristianismo primitivo se estabelece como sendo a religião que detém a verdade, anula automaticamente as outras formas de sapiências muito antes dela, como é o caso dos textos apócrifos da Biblioteca de Nag Hammadi, em específico o Evangelho de Tomé, que se apresenta como as palavras do Jesus vivente.

Em nossa investigação, vemos que não existe apenas uma forma de observar o Cristianismo, mas sim, muitas faces. Uma investigação nunca acaba, mas norteia os rumos das demais pesquisas, e a nossa contribuição para o estudo do cristianismo primitivo dar-se ao estudarmos as sentenças ou ditos do Evangelho Tomesino para um pluralismo dos existentes cristianismos. Quando falamos em pluralidade, observamos, nas sentenças de Tomé, um Jesus que não morre pelos pecados da unidade. Jesus, no Evangelho Tomesino, é explorado como um mestre, um Rabino da sua época.

Outra característica que podemos encontrar no Evangelho é que Jesus coloca o homem como um agente do seu próprio ser. O homem tem que olhar para dentro do seu próprio eu para poder deparar-se com essa centelha divina que reside dentro de cada um, segundo o Evangelho de Tomé. A relação do homem com o mundo sendo responsável por todo o impacto que reverbera em todo o universo. Por estas razões, compreendemos que esse Evangelho Tomesino torna-se plural e diversificado.

As vertentes que abrangem esse universo cristão estão sempre em constantes descobertas, exemplo disso são os manuscritos de Nag Hammadi. Temos que observamos as religiões por todos os ângulos, só assim iremos ter um aspecto da completude dentro daquela Religião. O cristianismo é um eterno quebra cabeças, no qual, ao juntamos as peças, o panorama transcendente da figura toma contornos e podemos enxergar além das cortinas que

teimam em vendar nossos olhos. Essa investigação demonstra a exposição de um cristianismo pouco explorado.

As Ciências das Religiões são um campo demasiadamente frutífero e isso fica evidenciado em nossa pesquisa, na qual mostramos a Religião Cristã sob uma perspectiva não ortodoxa, mas sim, buscando demonstrar as várias faces do Cristianismo Primitivo, indo além, de um olhar categórico.

Os manuscritos de Nag Hammadi dão ênfase justamente a um tempo de excelência do Cristianismo, demonstrando as primeiras comunidades onde esses textos circulavam livremente e sem preconceitos em ser ou não ser canônicos. O grande aspecto norteador desses textos é a sua sapiência.

Ao longo da nossa pesquisa, podemos perceber que o cristianismo primitivo foi se adequando de acordo com o tempo. Principalmente depois do Concílio de Nicéia, quando a religião cristã viveu o seu apogeu, reprimindo e suprimindo esses textos da Biblioteca Copta de Nag Hammadi, que hoje, graças a várias pesquisas neste campo, tentamos traduzir esses manuscritos sapienciais.

Procuramos abordar essa compreensão do Evangelho de Tomé que não é fácil, mas esperamos contribuir para esse processo do cristianismo primitivo que tem uma longa caminhada de pesquisas. Esse aspecto pluralista da religião monoteísta em seu primórdio é bastante relevante para nossa área das Ciências das Religiões, porque podemos trabalhar com uma abordagem narrativa descritiva dos fatos e não uma visão catequética.

O Evangelho Tomesino carrega consigo a visão de mundo invertida, se é que podemos colocar dessa forma. Invertida porque, em primeiro lugar, não se olha para o mundo, mas sim, para o homem que é o responsável por conduzir a existência e cuidar desse mundo. O homem no Evangelho Tomesino é o ponto de equilíbrio entre o terreno e divino. Tirando assim a grande moleta do homem que é a figura celeste, onde se tudo está assim é porque é vontade divina. Muitas vezes, a existência de uma dificuldade na vida humana não é culpa da divindade, mas, do próprio homem que, segundo o Evangelho de Tomé, o homem tem que se conectar com ele mesmo para compreender o divino ou transcendente. Desta forma, ele compreenderá que o mundo não é sustentado apenas por uma divindade, mas sim, por ele próprio. Esperamos que nossa pesquisa seja de grande ajuda para a área das Ciências das Religiões e que a partir desta análise possam surgir outras pesquisas sob a temática.

## Referências

- ALBERIGO, Giuseppe. **Histórias dos concílios ecumênicos**. São Paulos: Paulus, 1985.
- Almeida, Maria Aparecida de Andrade. **A espiritualidade no cristianismo primitivo: As muitas faces do gnosticismo**. São Paulo: Fonte editorial, 2019.
- BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2008. CONCÍLIO VATICANO II – Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações.
- BRUCE, F.F. **O canôn das escrituras**. trad. Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Hagnos, 2011.
- Cairns, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CESARÉIA, Eusébio de. **História Eclesiastica**. São Paulo: fonte editorial, 2019.
- CROSSA, John Dominic. **O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por quê?** Trad. Marcos Marcionilo. Rio de Janeiro: Agir, 2015.
- FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- FIGUEIREDO, Nestor. O Problema Da Compilação E Surgimento Dos Códices de Nag Hammadi. **ÚLTIMO ANDAR** – cadernos de pesquisa em Ciência da Religião, 2019.
- FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias: séculos I-VII: conflitos ideológicos dentro do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1995.
- GAMITO, José Aristides da Silva. **O evangelho de Tomé: A outra face de Jesus**. São Paulo: Fonte editorial, 2020.
- GUERRIERO, Silas. **Novos Movimentos Religiosos: o quadro brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- LAYTON, Bentley. **As escrituras gnósticas**. São Paulo, edições Loyola. 2002.
- LIMA, Alessandro. **O Cânon Bíblico: a origem da lista dos livros sagrados**. São José dos Campos, SP: Editora ComDEUS, 2007.
- MARCONCINI, Benito. **Os evangelhos sinóticos: Formação, redação, teologia**. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- MASSI, Giuliano. **Cristianismo na Índia: os Cristãos de São Tomé, sua constituição, suas tradições e suas práticas religiosas**. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3093/1/giulianomartinsmassi.pdf>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

MEYER, Marvin W. **Mistérios gnósticos: as novas descobertas: o impacto da biblioteca de Nag Hammadi**. Trad. Henrique Amar Rêgo Montero. São Paulo/: Pensamento, 2007.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Apocrificidade: O cristianismo primitivo para além do cânon**. São Paulo: Fonte editorial, 2015.

NOGUEIRA, Paulo. **Narrativa e cultura popular no cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2018.

NOGUEIRA, Paulo. **Religião e poder no cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulus, 2020.

**O evangelho de Tomé**. Trad. Jean-Yves Leloup. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PAGELS, Elaine. **Além de toda crença: o evangelho desconhecido de Tomé**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

PAGELS, Elaine. **Os evangelhos gnósticos**. Trad. Maria Motta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

ROBINSON, James M. **A biblioteca de Nag Hammadi**. Trad. Teodoro Lorent, 3 ed. São Paulo/; Madras,2014.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **As religiões no tempo de Jesus**. São Paulo: Fonte editorial, 2019.

SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo**.1.ed.Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil,2018.

SILVA, Ângwlo Vieira da. **Literatura Apocalíptica eo livro dos vigilantes: O problema do mal no livro etiópe de enoque**. São Paulo: Fonte editorial, 2015.

TAYLOR, Justin. **As origens do cristianismo**. São Paulo: Paulinas,2010.

THEISSEN, Gerd. **A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas,2009.

VALENTE, Antonio Sérgio. **A misteriosa família de Jesus**. São Paulo: Fonte editorial, 2017.

VALENTE, Antonio Sérgio. **Tomé: evangelho e atos**. São Paulo: Fonte editorial, 2017.